ESFERA

REVISTA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS

EDIÇÕES

NÚMERO 4 — ELP — AGOSTO — 1938

REDAÇÃO:

Edifício Ouvidor
R. Uruguaiana, 86 — S. 805
Caixa Postal, 1.219
Rio de Janeiro
TELEFONE: 42-8835

Brasil .... 2$000
Estrangeiro .... 3$000

ADMINISTRAÇÃO

DIRETOR:
Maria Jacintha
REDATOR CHEFE:
Sílvia de Leon Chalréo
GERENTE:
Aureo Ottoni
SECRETÁRIO:
Frederico R. Coutinho

REDATORES

Afonso de Castro Senda, Atilio Garcia Mellid, Abel Salazar, Dias da Costa, Erico Veríssimo, E. Rodriguez Fabregat, Eneida, Fábio Leite Lobo, Fábio Crissiuma, Graciliano Ramos, Joaquim Maciel-filho,, Joel Silveira, José Lins do Rego, Jorge Amado, Roberto Alvim Corrêa, Rossine Camargo Guarnieri, Santa Rosa, Waldemar de Oliveira.

ÍNDICE

I N D I C A D O R

DRA. MARGARIDA GRILLO JORDÃO

Médica de senhoras e crianças

Doenças da nutrição, obesidade, magreza, etc.

Consultório:
RUA DA CONCEIÇÃO, 59 - Sob.
FONE: 4717

Residência:
RUA DR. PEREIRA NUNES, 99
FONE: 2518
Niteroi

Para

BRONQUITE, TOSSE
RESFRIADOS

XAROPE GIL
REMÉDIO SEGURO

T U B E R C U L Ó S E

DR. FÁBIO LEITE LOBO
Clínica Médica
TÍSIOLOGIA
Rua São Cristovão, 294-A
Fone: 48-8463

ADALBERTO G. JATAHY

A d v o g a d o
e
D e s p a c h a n t e

(Federal e Municipal)

RUA
7 DE SETEMBRO, 145
SALA, 6

FONE: 22-0382

EURIDÍCE MELO DE LEON

Parteira Diplomada

Rua Dr. Mario Viana, 437
F o n e : 2 8 0 1

NITEROI

JOSE' MULLER ALVES

Agente oficial da Propriedade Indústrial
PATENTES E MARCAS
Rua da Assembléia, 15-A, 5.º
Ed. Brasil — Fone: 42-0513

DR. H. SOBRAL PINTO

Advogado

Rua da Assembléia, 70 — 2.º
Salas 1, 2 e 3
Fone: 22-4747

DR. BENIGNO RODRIGUES FERNANDES

Advogado

Rua São José, 29 - 1.º And.
Fone: 42-7226

M. B. DA SILVA

Arquitéto-Construtor

Rua São Pedro, 348 - 1.º, Sala 4

Fone: 23-1319

REVISTA DE PORTUGAL

●

DIRETOR:
VITORINO NEMÉSIO

A' vendas nas livrarias do Rio de Janeiro ———

Pedidos pelo Correio: A. AMORIM — CAIXA POSTAL N.º 1.169

●

TÔMOS DE 150 PÁGINAS Rs. 10$000

EXPRESSÃO

REVISTA NOVA DE GENTE MOÇA DO BRASIL

C O L A B O R A M

Alvaro Moreyra, Dias da Costa, Marques Rebelo, Joel Silveira, Eneida, Maciel filho, Rossine Camargo Guarnieri, Maria Jacintha, Silvia, Ismar Vanderlei, Nelio Reis, Wilson Louzada, Carlos Garcia, Josué Montelo, Oliveira e Franklin, D'Almeida Vitor e outros. ———

D I R E Ç Ã O D E
I S M A R V A N D E R L E I

Do Diario de um Anonimo

(ESPECIAL PARA "ESFERA")

Sou um homem sosinho perdido na grande cidade. Tenho vinte mil reis no bolso, um maço de cigarros baratos já pela metade e um desejo enorme de voltar para as coisas paradas que deixei lá longe.

Muitas pessoas me dizem frazes banais e recebo indiferente vagos sorrisos de conforto. Mas estou vasio de idéas e me sinto muito sosinho, perdido na grande cidade.

Ontem fui a um suburbio distante. Olhei pela janela do trem fundos humildes de casas modestas, instantaneos de lares que não sei a quem pertencem. Um homem gordo cochilava no banco defronte. Uma mulher de mãos enormes e cabelos escorridos tinha na face magra um expressão de desconfiança agressiva. Não havia crianças no trem e fiquei olhando a paizagem suja da margem da estrada. As cristas dos môrros se destacavam no fundo da tarde clara e luminosa. Fiquei pensando porque os homens não sentiam a calma e a claridade da tarde. Vi que não as sentiam o homem gordo que cochilava no banco defronte, a mulher de mãos enormes e olhos desconfiados e agressivos, os outros homens que estavam lutando nos bancos e nas fabricas. Talvez as sentissem apenas os prisioneiros, com as faces grudadas nas grades, os olhos anciosos procurando sofregos pedaços limitados de paizagem. Quando regressei já era noite e os letreiros luminosos povoavam a tréva de cores artifciais. Não quiz voltar para o meu quarto de pensão, pequeno e sujo, de onde se ouve sempre o radio do vizinho trazendo de latitudes longinquas os sons dispersos do mundo.

Sou um homem perdido na grande cidade porque não me faço entendido dos homens humildes que a povôam. Fico isolado dentro de mim mesmo e afogo em indecisões o meu desejo permanente de comunicação. Porque será que fico tateando a esmo e não me integro no rítmo da vida que tumultúa em torno de mim? Venho de terras placidas, de horizontes abertos, de calmas narcotizantes. Estonteado pelo ruido transformo em covardia o meu desejo ancioso de paz. Vejo que a vida não pára, que hoje não ha logar para hesitações. Sinto que grandes mundos se constróem á minha volta, emquanto eu estou parado. Nesses mundos ha um tumulto contínuo. Veem até mim o chôro de crianças nascendo. Vejo homens de musculos retezados, lutando. Sei que há mulheres de labios pintados sorrindo e sei que ha bocas retorcidas de outras mulheres gritando maldições. Teares tecem abrigos para orfãos e usinas fundem canhões destruidores. Ha nos mundos á minha volta ruidos de fichas em roletas elegantes e ha grandes silencios em corredores brancos de hospitais. Vejo, sinto e ouço tudo isso á minha volta e não sei porque, fico parado, terrivelmente parado.

Tenho vinte mil réis no bolso, um maço de cigarros baratos que já está pela metade, e um desejo enorme de voltar para as coisas estagnadas que deixei lá longe. Sou um homem tragicamente perdido na grande cidade, porque não encontro em mim a força necessaria para transformàr em luta o meu desejo permanente de paz.

DIAS DA COSTA

Crônica um pouco leve

(Especial para ESFERA)

JOEL SILVEIRA

Levo um livro debaixo do braço e, com um cipó flexivel, vou ferindo as folhas e os troncos dos caminhos. A manhã é tranquila. Ha um grande sol luminoso por cima da serra distante. O céu é muito azul, pontilhado aqui e ali por negras azas de corvos altissimos. Estão parados os galhos e a poeira amarela que o vento costuma levantar parece ter adormecido no chão.

Páro um instante. Mais adiante, no fim do caminho, encostada á porteira antiga, Angelina me espera. Vejo, de longe, o vestido vermelho. O cabelo preto brilha, brilha a lata de flandres. Na manhã tranquila do dia claro tudo é um lantejoular incessante. Ha dois meses que deixei o quarto penumbrento, os livros empoeirados. Saí para fóra, onde o sol é grande, onde as sombras são amigas, onde ha cantos, vozes, murmúrios de música, onde os frutos pendem das arvores, vermelhos e doirados.

— Morcêgo!

E' o que eu era. Angelina rasgou, diante dos meus olhos acostumados com o panorama acanhado das quatro paredes sujas, a inutilidade de uma vida sem luz. Na verdade, nada mais era eu do que um morcêgo. Faz dois meses que sinto o sol me queimar as faces, me alisar as costas. Tudo é diferente, franco, expontaneo, claro. Angelina ri, fala, canta. Os olhos brilham, limpos, como duas gotas de agua.

— Que tal?

— Que tal o que?

— A nova vida! Não é melhor do que ficar metido no quarto, como barata?

Angelina ri. Os dentes são alvos. Segura minhas mãos. As mãos dela são pequenas, de unhas cortadas, mãos que sei bem que nunca serão de outro tamanho. Não ha vento na manhã tranquila. Os galhos parados e a poeira adormecida dizem que não ha vento.

— Sozinho eu não me acostumaria. Só você faria isto.

Angelina prende minha orelha entre os dedos, faz um rosto brejeiro:

— Mentiroso!

— Juro!

— Jura? Jura por quem?

— Por Deus.

— Quem jura falso vai para o inferno. Você está perdido!

Estreito-a pela cintura. Angelina é delgada, quasi franzina. Afasta-se meio medrosa. Mas aperto-a mais ainda, prendo-a entre os braços com força:

— Solte-se, se for capaz.

Estamos agora sob a copa de um cajueiro florido. Ha pequenas flores amarelas e vermelhas abertas nos galhos. Ela responde baixinho, num sussurro:

— Não sou...

Sentamo-nos na grama rala. O sol está mais alto e os contornos da serra se desenham, nitidamente, no quadro azul. Os labios de Angelina estão vermelhos, quasi rubros. Tem os olhos meio fechados e a cabeça encostada no tronco rugoso. Aproximo-me, aproximo-me. Angelina deixa-se beijar. Os olhos estão ainda fechados, toda ela está imovel. Parece dormir.

A caminho do Rio Doce

(Especial para "Esfera")

Vamos andando para a distancia,
Seguindo o rio, seguindo o rio,
Beirando a margem do Rio Casca,
Buscando o leito do Rio Doce.
A nossa marcha para mais longe
Parece a marcha do Rio Casca
Que vai rolando, dentro das horas,
Buscando as águas do Rio Doce.

Margens escuras de terra feia,
Margens alegres de areias claras...
Homens escuros dentro da areia
Buscam faiscas de areias raras.
Homens escuros, na margem feia,
Batem a terra numa bateia,
Batem a areia do Rio Casca.

Vamos seguindo para mais longe,
Pelo destino do Rio Casca,
Para o mistério do Rio Doce.
Vamos seguindo a água do rio,
Olhando os homens de mãos escuras,
De pernas negras no lodo escuro,
Sempre á procura da areia de ouro.

As águas negras lá vão rolando,
Buscando as águas do Rio Doce.
Os homens negros ficam sonhando,
Buscando o ouro como se fôsse
A própria vida que estão buscando:
Vida mais clara, vida mais doce.
Lá vão as águas sempre rolando.
Lá estão os homens sempre sonhando.
E que seria de águas e de homens
Se assim não fôsse?

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça

Olhai o Erico Verissimo

MIROEL SILVEIRA

Tenho vergonha de dizer que o Erico Verissimo é o maior romancista brasileiro porque, no Brasil, não ha escritôr que não possúa algum "sloggan" menos ou mais ridiculo do que esse. Qualquer rabiscador dos nossos póde exibir críticas maravilhosas a seu respeito, em que é comparado, no mínimo, a Dostoiewsky. Aqui, costumamos distribuir a censura cruel e o elogio exagerado com a mesma facilidade. Não ha justa medida. Falta equilibrio.

Equilibrio... eis uma das grandes qualidades que faz de Erico Verissimo o nosso maior romancista. Essa qualidade é apenas literaria, póde até não existir na *creatura* Erico Verissimo, que tem de mover-se dentro de um mundo tão quotidiano. Creio mesmo que, como toda creatura de grande sensibilidade, Erico Verissimo está sujeito a reações íntimas de quasi desequilibrio psíquico. Mas eu quero falar sobre o Erico que está escrito nos seus romances, desde "Música ao Longe" até este recente "Olhai os Lirios do Campo": não ha mais equilibrado romancista do que ele. Equilibrado e ao mesmo tempo interessante, — união de adjetivos tão rara quanto o silencio dos imbecís.

Digo equilibrado porque Erico Verissimo não sofre nem de pessimismo nem de optimismo. Não se corresponde nem com Candido nem com Vargas Vilinha. E tambem porque ele conseguiu reunir dentro de seus livros, sem permitir que um asfixiasse o outro, os dois planos da vida humana: o social e o individual. Porque não fez de seus romances nem massudas téses pró-isto ou pró-aquilo, nem xaroposas analizesinhas interminaves á Graciliano Ramos.

Erico Verissimo olhou a vida, tentou compreendê-la, procurou descrevê-la simplesmente, sem se enroscar demasiado em virgulas e em gramatiquices, sem se eternizar pelo cáos infinito das ideias e das teorias. Escreve com uma leveza que nada tem de fútil. Com uma profundidade que não é doutural. Critica e diz verdades sem se amargurar mórbidamente e sem amargurar os outros. Sorri diante do espetáculo burlesco de certas existencias. Ironiza-as com o coração.

Eu disse tambem que ele é interessante, e isso porque não esqueceu o exemplo de Somerset Maughan e de Maupassant. Escrever romances não é dar aulas de psicologia, é contar uma história, muitas histórias capazes de prender a atenção do leitor, distraindo-o da história da sua propria vida. Essa é a verdadeira função social do escritôr, a função indiréta. A função social diréta, de propaganda acima do interesse do enredo, resulta quasi sempre contraproducente. Cansado da mesquinhez da sua existencia, o leitor se enfada logo ás primeiras páginas de um livro como "Angustia" ou como "Usina". Não é preciso recorrer ao pitoresco nem ao sensacional para interessar. Basta movimentar os personagens com naturalidade, sem exagerado "parti-pris", dentro de um palco bem claro e sugestivo, não levando tempo demais nem em pintar com ecessiva minúcia os cenários nem em escalpelar os pobres personagens ali entregues á sanha do escritor. E' o tipo da infamia, o que certos escritores fazem com seus personagens! Exploram vergonhosamente os coitados, que não podem reagir. E' o sistema do sr. Octavio de Faria... e tambem do sr. Berilo Neves Candidato, que ha muitos anos vem explorando literariamente as mulheres sem que a policia se tenha lembrado de o expulsar como indesejavel.

Depois de ter pensado no enredo, na ação, no interesse, o escritôr póde pensar em fazer do seu livro um livro de alcance social. Foi o que fez Erico Verissimo neste seu "Olhai os Lirios do Campo". Abandonando o terreno puramente de crítica á sociedade, ele mete-se agora um pouco a propagandista, batendo na técla da solidariedade humana, na da bôa-vontade entre os homens, na da toleráncia. E como se saíu bem! A gente devora o livro de fio a pavio com entusiasmo sempre crecente, sem perceber que está recebendo uma grande lição de condúta social. E' que uma bondade, muito superior em humanidade a qualquer idealismo utópico, transborda das páginas encantadas desse livro. Creio que com "Calunga" de Jorge de Lima, a maioria das páginas de "Jubiabá" de Jorge Amado, temos com "Olhai os Lirios do Campo" os tres melhores romances modernos do Brasil.

Chatissimos escritores meus contemporaneos!

Si estais com a sinistra intenção de ministrar ao país mais algunas novos soporiferos literáticos, parai emquanto é tempo. Aprendei antes um pouco, lendo "Caminhos Cruzados", "Um Lugar ao Sol" e "Clarissa", o quanto é bom lêr alguem que não é cabotino nem deshonesto nem dogmático. Antes de publicar os vossos calhamaços, pelo amôr de Deus, olhai e admirai o Erico Verissimo!

Especial para ESFERA.

A Natureza, o Homem e a Cultura no Brasil

O escritor argentino Atílio Garcia Mellid, está trabalhando na preparação de um livro que se intitulará "Raiz e destino da nacionalidade brasileira" (A natureza, o homem e a cultura no Brasil). Muitos capítulos dessa obra estão sendo publicados no decano da imprena argentina, "La Capital", de Rosário.

Atendendo a que o sr. Garcia Mellid se propõe a oferecer á América Espanhola uma notícia atual e viva da literatura brasileira, consideramos oportuno chamar a atenção de escritores e editores, para que lhe prestem a colaboração que merece pelo seu belo e nobre esfôrço, enviando seus livros e suas edições para: CALLE RINCÓN, 137 — Buenos Aires.

La Moneda Ideal

(Especial para "ESFERA")

A. HERNANDEZ-CATÁ

En uno de sus últimos libros de ensayos, el gran disidente norte americano H. L. Mencken traza un nuevo epitafio del todavia llorado Apolo de Hollywood Rodolfo Valentino. Y quienes, siquiera de oidas, conozcan a este desterrado hijo de Ariel, que en lugar de sobrellevar melancólicamente su destierro hostiga a Calibán sin cuidarse de sus prepotencias bastardas, y trata de desconcertarlo y hasta de someterlo con bocanadas de gases antiimperialistas, compuestos, según se sabe, de espiritu, inteligencia y sensibilidad a partes iguales —, presupondrán que se trata de um epitafio filosófico.

Si Mencken saca de su tumba suntuaria, siempre florida y siempre rodeada de viudas llorosas, al espectro del héroe fotogenico, es para proyectarlo no sobre la pantalla, sino sobre la esplanada de un nuevo Elsinor ideológico, y ejemplarizar en él su teoria de que la recompensa obtenida por los hombres de la sociedad a la cual sirven es, por regla general, siempre justa. Teoria harto consoladora si no repugnase a la inconformidad humana, que el polemista yanke ejemplariza dialécticamente. No valiéndose de paradojas, sino con razonamientos rectos sazonados con esa ironia a veces sutil y a veces gruesa de sarcasmos, que da a sus manjares un sabor inconfundible, argumenta su opinión de este modo: "Ante el féretro de Valentino, los eternos homilistas alzaron sus voces, lamentando que el actor cinematográfico hubiese recibido por su trabajo retribución tan pingue en dinero y en triunfos sensuales, mientras que hombres esforzados apenas si logran vegetar sirviendo con escuro y heróico afán disciplinas mucho más penosas. La ganancia diaria del divo mudo superaba en cien veces por lo menos a la de un obispo, en doscientas a la de un professor; y no hay que decir que en más de mil a la de un poeta. Para ganar tanto no hacia otra cosa que realizar ademanes grotescos en películas sin sentido común y llenar las vacias cabezas de miles y miles de mujeres de suenos estúpidos, cuando no salaces, destruyendo asi el respeto debido a los hombres grises afanados en la dolorosa tarea de ganar un pedazo de pan".

Fiel al clásico procedimiento dialéctico, el ensayista plantea con aparente simpatía la causa contra la que va enseguida a arremeter. El ariete, manejado con brazos de cíclope, puede resumirse en estas frases: Valentino ganó en conciencia su fortuna. A la vida de un pueblo sórdido, de imaginación atrofiada por el maquinismo, trajo un aura romántica. Miles y miles de muchachas destinadas por la fatalidad a casarse con tenedores de libros, con duenos de garages o con policias, libaron en su apostura el dulzor de un estremecimiento duradero y precioso. El les recogió los ojos caidos en la escoba y en la artesa, y les hizo durante unas horas magníficamente, regiamente y hasta pecaminosamente felices. Qué obispo, qué pedagogo y hasta qué poeta pueden ufanarse de haber hecho lo mismo a igual precio?

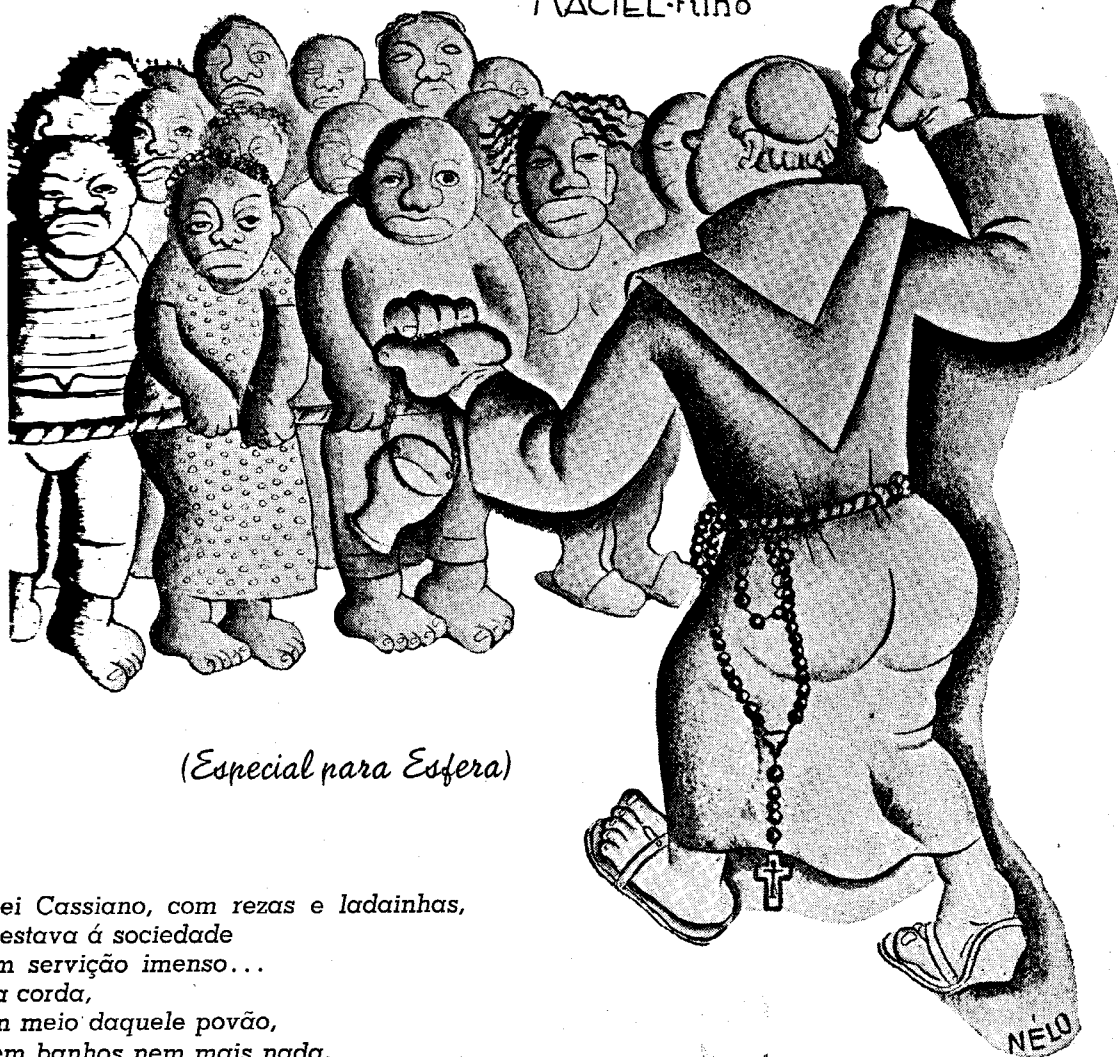
Tal vez la lógica de Mencken flaquee cuando afirma que el mundo ha premiado siempre con largueza a sus proveedores de ilusiones, "a los que diluyen el amargor de la vida y la hacen más expansiva y hechicera". La poesia y el romanticismo vienen siendo falsificados en gran escala, y el mundo brilla y apesta a bisuteria espiritual al alcance de todas las fortunas y de todos los malos gustos. Pero donde el editor del AMERICAN MERCURY recobra su vena pristina es al separarse de las alegrias de todo triunfo pagado con dinero el inmenso resplandor íntimo que acompana a la labor noble y dificilmente realizada. El artista profundo-dice-recibe algo que los Valentinos no pueden esperar ni recibir: el respeto de sus pares y la rara certidumbre de haberse rescatado por sí mismos al anónimo y al olvido, sudario imponderable y real de la muerte. Qué no hubiese dado el Antinoo de Hollywood, lo bastante inteligente para justipreciar la adulación y para comprender lo que estaba dentro e inexorablemente fuera de su alcance, por gozar una hora siquiera de la fama de Beethoven?

Acaso las biografias no nos han permitido justipreciar la inteligencia del insustituído Valentino, y sólo podemos compartir la afirmación de Mencken a título de credulidad. De todos modos, bien halla el espectro del que fué tan bello mancebo, pues ha

servido de piedra de toque para uno de los problemas eternos: la inadecuación de la riqueza y de las ganancias crematísticas como exponente de las fuerzas puras del alma. Que ganen o no más los actores y los abastecedores de bajo romanticismo que los hombres de ciencia y arte impolutos, es lógico y es justo también en justicia humana. Ley de oferta y demanda, de relación social, rige esas relaciones por completo mercantiles. El plato de lentejas bíblico ha cambiado su categoria culinaria; mas el hecho subsiste: a diario se subastan primogenituras. Que los oficios no son ya servidos con fervor, con afición, y que las agremiaciones emplean hoy en obtener ventajas de salario y organización gran parte de lo que antes se empleaba en la afinación de la obra, es mal indudable. Por otra parte, el filósofo Julián Benda ha escrito palabras ardientes y amargas acerca de la "trahisson de clercs". Deserciones constantes sufre el ejército del espíritu, y ya se sabe que el Mundo, uno de los tres enemigos teológicos del alma, suele hacer imán y reclamo de los sentidos. La multiplicidad de atractivos, de exigencias, de tentaciones, apartan a todo hombre que no renuncie a los goces materiales de la posibilidad de dedicar atención y tiempo suficientes a su obra. La disyuntiva de no ganar dinero o de ganarlo con mengua de las posibilidades absolutas del entedimiento, se presenta en todas las profesiones nobles. El hombre aspira al poder y al goce. Sólo los demasiado ambiciosos se avienen a ser pagados en otra moneda.

Pasteur propugnó el amor a la pobreza en términos patéticos que deben constituir para muchos hombres de ciencia un torcedor del remordimiento. En realidad el hombre necesita ganar; su ambición le impele, y sin ella el Nirvana búdico disolvería en ensuenos todas las acciones. Solo, como hemos sugerido antes, la calidad de moneda difiere. La mayoria, la gran mayoria, prefiere la moneda en general curso, con la que se paga lo generalmente envidiado; es decir, la moneda en que fué pagado el mérito y la belleza de Rodolfo Valentino. Pero existe una minoria, más exigua cada ves, para quien Beethoven, para seguir el ejemplo de Mencken, está más vivo que todas las "estrellas" californianas. Por esa minoria de laboratorio, de ensueno, de esfuerzo, la Humanidad que se refocila en el presente va hacia el porvenir. Por esa minoria, que sabe ser pobre y que se acuna a sí misma la moneda ideal, hoy que morir va siendo tan fácil, el sentido de la heroicidad no desaparece. El Holofernes de Hebbel dice a Judith: "Tenemos que sacrificarnos, para que los humildes sembradores de coles sigan cultivando en paz sus huertecillos". Santa humildad de lo heróico. Heroicidad, santidad, filantropía, son conceptos complementarios. Tal vez, si los cerdos de Epicuro continuan teniendo por pocilga todo el orbe, la suprema heroicidad, la óptima santidad y la filantropía insuperable, lleguen a consistir en echar, movidos por una absurda esperanza, margaritas a los puercos. Y como no todos los verdaderos seres superiores son santos ni están exentos de envidiar en los ratos de exacerbada zozobra a los Valentinos, de aquí que muchos cubran de narcisismo su humildad. Lúculo come en casa de Lúculo, suele recordarse. El artista, el hombre de ciencia, se pagan en la moneda suprema de su orgullo. Pero el orgullo no confina con la vanidad, sino con la humildad. Y estamos seguros de que, muchas veces, Lúculo, cuando lograba quedarse solo, ayunaba.

SANTA MISSÃO

JOAQUIM MACIEL-filho

(Especial para Esfera)

Frei Cassiano, com rezas e ladainhas,
Prestava á sociedade
Um servição imenso...
Na corda,
Em meio daquele povão,
Sem banhos nem mais nada,
Legalizava a igreja verde,
Casando a cabroeira amancebada,
Sem peias,
Com froide fervendo nas veias...

No palavriado dos sermões
Desarmava cangaceiros,
Catequizava multidões,
Abençoando todo mundo...

Tudo aquilo sem intriga!...
Só porque o padre briga...

... e redimia o preconceito pusilanime,
Fechando a rôsca do cerimonial,
Nupiciando as creaturas
Com a palavra de ordem das Escrituras:

— Crescite et multiplicamini...

(Do romance em preparação "O Tronco")

Necessidade e Beleza

JOAQUIM RIBEIRO

Mais paradoxal do que pitoresca é a seguinte observação feita por etnólogos numerosos entre os póvos primitivos: o homem antes de se vestir, preocupou-se em se enfeitar.

A história dos adornos precedeu a história da indumentária.

A índia brasílica, mesmo núa, já se pintava com *urucú* e usava colares de contas de sementes, punha penas de aves nos cabelos e abria orifícios ornamentais (aliás de péssimo gôsto) no nariz, nos beiços e nas orelhas.

O mesmo se observa entre a negra da Africa e o selvagem primitivo da Autrália.

Porque o adorno precedeu a vestimenta?

Ninguem ignora que a indumentária depende, sobretudo, das necessidades imediatas do homem em face do meio físico.

E 'o clima o modelador das modas primevas e iniciais.

Os povos tropicais contentavam-se tão somente com as *tangas*.

Além dessas, e peças sobre o tórax caracterizam as populações primitivas da zona temperada.

Nas regiões frias, os membros, de regra, são cobertos.

Como, entretanto, os habitantes dessas regiões, em virtude de contingências históricas, mantêm sobre os povos das demais, uma indiscutivel *hegemonia civilizadora*, as áreas civilizadas das outras regiões do orbe sofrem igual influência absorvente.

Inegavelmente, tanto primitiva como tambem atualmente a indumentária representa, antes de tudo, uma *necessidade*.

Ora, porque entre os primitivos uma *necessidade* cedeu lugar a uma *manifestação estética*?

O problema torna-se, ao primeiro exame, de significação importantissima para os que meditam sobre os fátos sociais.

A *necessidade* pode ser subjugada pela *beleza*? Uma análise, porem, mais profunda e delicada vem derrubar a compreensão errada, oferecida pela aparência.

O que se deve indagar é a função do *adorno* na sua significação primitiva e inicial.

Essa indagação revela que o adorno primitivo tinha um papel eminentemente *religioso, mágico*.

O selvagem enfeitava-se unicamente porque o enfeite representava para ele um papel defensivo contra os malefícios dos espíritos máus.

Ora, se o adorno era uma defeza, consequentemente era uma *necessidade* imediata, que devia prevalecer sobre as demais.

A credulidade primeva justifica assim o uso dos ornamentos antes de satisfazer as necessidades contra as variações climatéricas.

Hoje, ao contrário, o adorno é nada mais do que um processo de concurrência. As mulheres enfeitam-se para disputarem prestigio, e quasi sempre as que melhor e mais ricamente se ornamentam revelam a classe, a que pertencem.

O homem, mais democratizado, não possue a separação nitida, revelada na indumentária e no adorno, que a mulher tão facilmente revela.

Basta observar.

E' por isso que as *mulheres feministas* imitam a indumentária masculina.

Uma gran-fina e uma proletária não se confundem.

A roupa masculina, sem embargo de pequenas diferenças, é mais democratizada, igualitária.

Pode-se, portanto, afirmar que a Democracia é uma suave inimiga dos adornos e enfeites...

(Especial para ESFERA)

MILLET
E
GRACILIANO RAMOS

ABEL SALAZAR

L'HOMME A' LA HOUE — MILLET

O pouco que conheço da moderna literatura brasileira devo-o a Afonso de Castro Senda e a Silvia de Leon Chalreo. Dessa literatura o que mais admiro é Graciliano Ramos; e na obra deste as "Vidas Seccas". Dizer que é a ela que mais admiro não corresponde a dizer que seja ela a obra suprema da literatura brasileira atual: — porque uma tal afirmação compete apenas ao juizo dos tempos. Não tenho de resto qualquer pretensão a afirmação de valor, nem mesmo de crítica literária, mas apenas a focar a perfeita identidade de espírito existente entre "Vidas Seccas" e a obra de Millet, de Israels e de Meunier.

Identidade de espírito, comunhão de sentir e de exprimir existente sobretudo com Millet: para a compreender bastará que o leitor de "Vidas Seccas" pouse os olhos sobre as telas ou desenhos de Millet; ou que o conhecedor de Millet leia uma vez "Vidas Seccas". O parentesco emocional das duas obras salta então imediatamente á vista; e por tal forma que a comparação referida quasi nos dispensa de qualquer comentário.

Quem quer que leia páginas críticas sobre "Vidas Seccas" pensa automaticamente em Millet; quem quer que leia qualquer ensaio, artigo ou crítica sobre Millet, pensa automaticamente em "Vidas Seccas": por tal forma uma comunidade profunda existe no sentimento e na expressão das duas obras.

Toda obra de Millet é "vida secca"; mas as "vidas seccas" encontram a sua mais completa expressão em telas como "Going to Work" (Glasgow Art. Gallery) e no celebre "Homme á la Houe". Nesta última Millet ergue-se a um trágico "poignant" que supera, na expressão, Graciliano; mas no restante, Graciliano, como realização; está a par de Millet. "Going to Work" e "Homme a la Houe", assim como muitos dos croquis e esbocêtos de Millet superam em patético o famoso "Angelus", mais sentimental, mas impregnado do mesmo espírito, como dele está egualmente impregnado o lirismo das "Glaneuses".

Quasi toda obra de Millet é, em suma, "Vidas Seccas". Erguendo-se por vezes ao sublime, ele paira, em geral, precisamente ao mesmo nivel que Graciliano; por tal forma que a obra de Millet se diria a expressão pictórica de Graciliano como a de Graciliano, em "Vidas Seccas", se diria a expressão literária de Millet.

A mesma forma de síntese, os mesmos processos de realização. Eliminação de todo o elemento pitoresco, de todo o superfluo, condensação do assunto e de emoção, polarização, de todos os recursos de expressão. O homem entre o céu e a terra, reduzidos á sua expressão esquemática, quasi simbólica; o céu e a terra reduzidos ao seu mistério. A luz banhando tudo: e no meio o homem reduzido a sua ossatura animal que aprisiona uma alma embrionária — mas profunda, vertiginosa na potencialidade do seu embrião. O homem que pensa e sente, sem imagens nem conceitos, entre o mistério do céu e da terra, no mistério da luz: que pensa, e sente, sem imagens nem conceitos, frente ao seu próprio mistério. A alma, que não chega a definir-se, entre dois mistérios, que se fecham: — e a certeza inconsciente, do Nada que tudo absorve...

Todo o drama humano, em potencialidade de embrião, com o mistério da terra sobre os olhos, com o mistério do céu sobre o dôrso, com o mistério da alma no seu próprio abismo: — e, á volta, tudo luz...

Uma ascensão; depois o auge: "Going to Work"; depois a descensão: "l'Homme á la Houe" — a descida lenta para essa mesma terra fechada em seu mistério. A alma fatigada, no corpo que a pouco e pouco se curva, se afunda no mistério da terra: sob o eterno céu, no esplendor eterno da luz... "L'Homme á la Houe"... o fremito aneste-

siado, petrificado já, do cansaço no mistério, que freme no entanto com o mistério, indiferente já, e resignado, sempre em revolta e já vencido... O corpo e a alma que se preparam, num grito patético e mudo, para se precipitarem no abismo...

Em Graciliano, como Millet, a condensação máxima do drama humano, do patético do mistério. Nem repouso dos olhos nas copas verdejantes, nos campos floridos, nem frescura de penumbras, nem cantatas daguas cristalinas. Nenhum repouso florido ou sensual: apenas e somente terra, céu, corpos, almas e luz...

E o que é terrivel, o que eleva o patético ao seu paroxismo, é que tais almas não chegam sequer a soltar o grito da dor, de angustia, da dúvida ou do temor; nem chegam á resignação estoica ou consciente; nem mesmo emudecem, ou sequer pasmam...

... Porque a vida as impele, as esmaga, as mecaniza, as brutaliza, no imperativo e sem apêlo "going to work"...

... Going to work até que, petrificado quasi o corpo e a alma, tudo se curva sobre a terra e tudo se torna cinzento na alma — na grande e trágica fadiga do drama que não chega sequer a definir-se.

●

Em suma, o drama humano reduzido ao seu esquema. Porque tudo aquilo com que o homem o tem definido historicamente — arte, poesia, religiões — pouco ou nada acrescenta a esse esquema. São apenas gritos, exclamações, divagações — quasi pueris, afinal, em face do drama essencial, jamais definido.

E é porque o homem, em Millet e Graciliano, encontra o seu próprio drama reduzido á sua forma núa, essencial, sem ornatos, que êle estremece e se inquieta...

Por isso Millet e Graciliano são mais terríveis, mais profundos, mais hipnotizantes que Dante ou Shakspeare, que toda a retórica patética ou trágica da literatura.

E' que a literatura, a poesia, o drama, é apenas o ornato mais ou menos retorcido desse drama essencial; é que as próprias religiões são apenas o décor desse drama: — ornatos e décor onde o homem esquece, como na embriaguez, a sua essencialidade, o seu esquêma, a sua simplicidade. Porque o drama é simples: simples porque se reduz a Mistérios, e os Mistérios não se definem, constatam-se, sofrem-se.

E é porque Millet e Graciliano reduzem o drama á sua simplicidade, que atingem a grandeza humana e patética.

O resto é retórica, retórica formal, literária, beletrista; retórica poética, teatral. O resto é poesia que o homem lança a seus próprios olhos. Retórica ingenua, poética, mística, ou então pedante, suficiente, como a Teologia e a Metafísica.

Millet e Graciliano desnudam o esquema de sua Retórica Histórica; limpam-na dos Lugares Comuns beletristas ou metafisicos. E o homem, então, estremece, como exatamente nos velhos tempos da pedra polida, ou dos Druidas. Suas Vozes dizem-nos que não demos um passo, quanto ao fundamental, em milenários de Historia; suas Vozes dizem-nos que, após Seculos e Seculos de Lutas, Entusiasmos, Delirios e Massacres, estamos, ainda e sempre, no mesmo Ponto.

Millet e Graciliano erguem-se em frente dos Templos milenários, da Epopéa de Ambição do Homem desvairado, correndo através da Historia em delirio, com visões de uma pre-historia feroz; e o homem, abrindo os olhos, encontra-se em face do eterno drama primitivo, nú, desamparado e só, ante o Mistério.

●

Depois dos ouropeis do dinheiro, do poder, das honrarias, o Homem fica reduzido a Fabiano. Fica-o ainda quando põe de lado as futilidades retóricas da Arte, da Poesia, da Metafísica. Fica-o ainda quando põe de lado as futilidades das Religiões.

Com estas futilidades o homem consegue esquecer o Drama; consegue, pelo menos, envolvel-o em Ilusões, e criar Miragens.

Mas o Drama persiste sob as Miragens: e o Homem encontra Fabiano quando menos espera.

O que é terrivel é que a Fabiano — todos os Fabianos de todos os tempos — não é permitida nenhuma Miragem, nenhuma Ilusão; e que, ao mesmo tempo, nem sequer tem a consciência plena do seu Drama. Sente-o apenas na plenitude potencial do embrião. Homem-Fabiano, Bicho-Fabiano...

Fabiano não pode, como o Teólogo, diluir a sua angustia em discussões; como o Metafísico, dissolver o seu drama em dialética; como o Poeta, embriagar-se de apóstrofes; como o Tirano ou o Magnata, afogar-se na Miragem do Poder.

Fabiano não consegue *realizar-se*, e por esta *realização* participar nas gestações do mundo, fundir-se no movimento do Cosmos, realizar um Devir: não consegue realizar o seu próprio Drama, que assim fica em tensão. Assim êle atinge um maior pa-

roxismo que no maior dos poetas, na mesma indecisão do seu estado embrionário. O Drama de Fabiano é potencialmente indefinido. Daí o seu carater universal, e a sua lógica. A sua lógica porque o absurdo fundamental da vida intelectual e emotiva do Homem, e seu Paradoxo Histórico tem sido a *definição do Mistério*, isto é, a *definição do indefinivel*. Porque a Metafísica, a Filosofia, e as Religiões não são mais do que definições do indefinivel. E' esse o seu Paradoxo, e a contradição que as róe. Uma religião está morta já quando começa a definir-se porque então está definindo o Mistério: — e a Religião não vive senão do Mistério. A Religião anula assim a propria substancia que a nutre. Por isso a única religião viva é a indefinida, o religiosismo indefinido.

E' essa a Mística de Fabiano, de todos os Fabianos. E' essa a única verdadeira, porque é essa a única que compreende apenas Emoção e Mistério, sem definições. Daí a grandeza mística de Fabiano, do Fabiano de Graciliano, como do Fabiano de Millet. Daí o patético sublime das "vidas seccas", quer elas sejam as de Graciliano ou as do pintor de "Barbizon". Daí a emoção profunda das "Glaneuses", do "Going to Work", do "Homme á la Houe".

Em "Angustia" ha ainda muita retórica psicológica, como no "Angelus" retórica sentimental. Mas em "Vidas Seccas", como no "Going to Work", no "Homme á la Houe", Graciliano, como Millet, suprime por completo a retórica. Atinge assim um campo determinado, uma das formas supremas da arte. Aquela em que a forma se limita ao preciso para exprimir a emoção que firma o seu conteúdo. Cristalização de forma que atinge quasi a perfeição do grito ou da dôr, ou ainda, no polo oposto, o riso ou o sorriso. Esta forma é própria daquelas épocas, como a atual, em que o Homem está cançado de Retóricas; daquelas épocas em que a Retórica se tornou insuportavel Logar-Comum.

A arte, qualquer que ela seja, plástica ou literária, procura então um novo equilibrio entre os seus elementos fundamentais, a *forma* e a *emoção*. A hegemonia da Forma, propria das épocas retóricas, cede o lugar á hegemonia da emoção, propria das épocas em crise; depois, forma e emoção processam novo equilíbrio.

Este processo de um equilibrio novo entre a forma e a emoção é um elemento caracteristico da nova literatura, ou pelo menos, de certas correntes da nova literatura. Tal elemento é manifesto na nova literatura brasileira, quer seja em Erico Verissimo, em Graciliano ou em Gilberto Freyre.

Independentemente desta circumstancia particular, a analogia frisada neste artigo — de certo evidente — entre Graciliano e Millet tem um alto interesse sob o ponto de vista da moderna Caracterologia. E' uma documentação a ajuntar a outras conhecidas (Kretschmer e sua Escola) sobre a identidade biotipológica de certas estruturas intelectuais e sobre o evidente parentesco caracterológico existente com evidencia manifesta entre os variados tipos de obra darte.

●

Todo o homem, quando despe a sua retórica intelectual ou moral, e a sua retórica de civilizado, encontra em si o drama de Fabiano e do "Homme á la Houe"; do Homem de Graciliano e do Homem de Millet. Como do Homem de Israels e de Constantin Meunier, como do homem de Le Nain, de todos, enfim, que souberam exprimir o mesmo drama.

O Homem volta com eles á essencialidade da sua tragédia, reduzida ao seu nudismo esquemático. E' um regresso cíclico á essencialidade de sua tragédia: a estupefacção ante o Mistério. Essa mesma estupefacção que tem gerado, através da história, os canticos, a magia, os Deuses e os Demonios, os Anjos e os Vampiros, a Metafísica e as Religiões, as Artes e a Poesia.

Ei-lo pois que regressa, numa Crise ao sempre mesmo ponto; ei-lo, em suma, mais ou menos; por toda a parte, Fabiano...

... Fabiano, precisamente como nos velhos tempos em que o Egicio, desiludido, e desamparado, dialogava a sós com o seu Espírito... Como nos velhos tempos — ha milhares de anos — em que foram escritas as "Considerações de um Sensato", e as "Admirações, de um velho rei"...

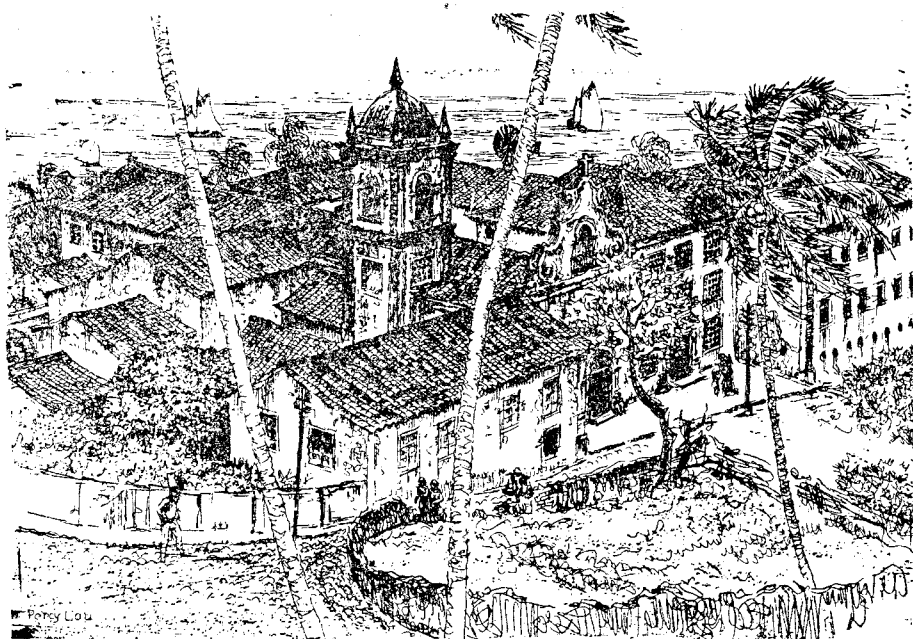
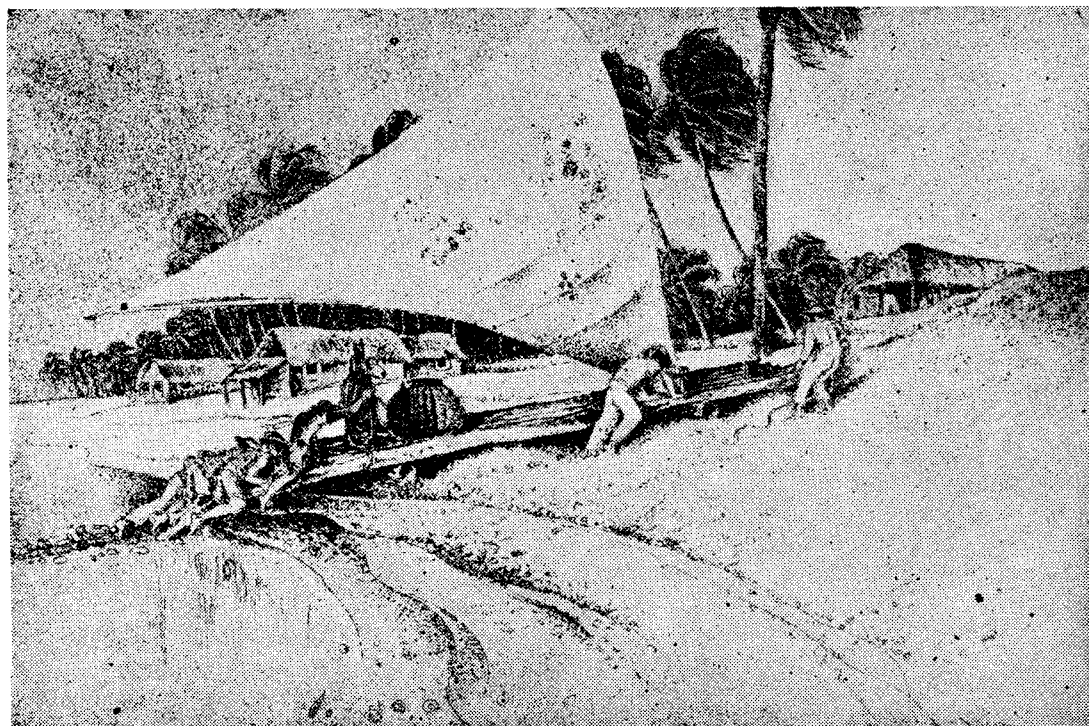
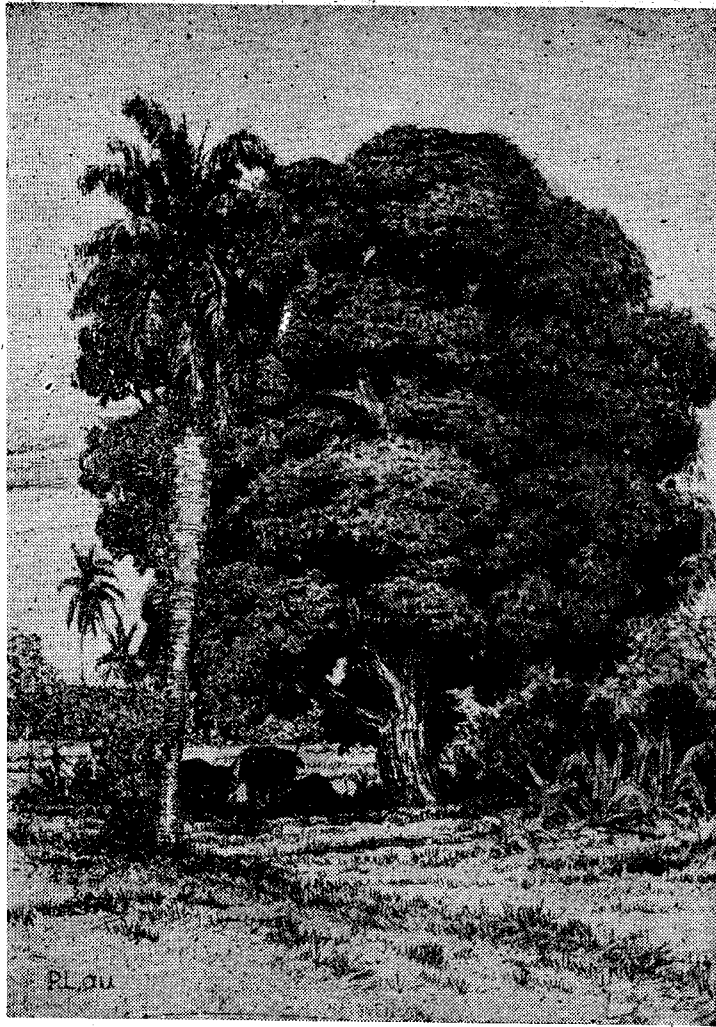
... E depois?...

Depois, é preciso não esquecer que o mesmo generoso Rã, que outrora aquecia o Velho Egicio, é ainda o mesmo que aquecia o "Homme á la Houe", e o mesmo que aqueceu Fabiano. E que enquanto o generoso Rã, sempre condescendente ante as ingratidões do Homem, o aquecer e iluminar com sua luminosa Lucia, sempre ele renascerá da Crise, com nova Fé e vigôr.. E desta forma, hoje como outróra, o homem repetirá ainda o híno milenário de Ikhounaton...

(Portugal)

(Especial para ESFERA)

PERCY LÁO

P.Lau

El despertar de la autenticidad nativa

(Especial para ESFERA)

ATILIO GARCIA MELLID

Cuando José Ortega y Gasset quiso dar una impresión somera, pero penetrante, del carácter argentino, en aquellas sus glosas tituladas "La Pampa... promesas" y "El hombre a la defensiva", fijó su atención preferente en la falsa ubicación de valores que priva entre nosotros, donde el hombre, "en vez de estar viviendo activamente eso mismo que pretende ser, en vez de estar sumido en su oficio o destino, se coloca fuera de él y — cicerone de sí mismo — nos muestra su posición social como se muestra un monumento". Tratando de esclarecer este fenómeno, analiza cuidadosamente la idea de vocación, y senala que "el argentino tiende a resbalar sobre toda ocupación o destino concreto, no se da a él con plenitud", consubstánciándose con su postura o papel, mucho más que con su efectiva intimidad y auténtico destino. "Se acostumbra el indivíduo a negar su ser espontáneo — agrega — en beneficio del personaje imaginario que cree ser". Vale decir, el argentino empuja por delante una personalidad ficticia, producto de su propia imaginación, y se vé obligado, para ello, a producir la asfixia de la auténtica personalidad que acaso guarda, y cuya presencia, en actos o gestos, podría ser denuncia y malogramiento de aquel molde postizo con que trata de impresionar a los extranos.

Tenemos apuntado aquí un defecto importantísimo de nuestro carácter individual. Pero la falsedad substancial que tal defecto presupone, genera una serie correlativa de falsedades, que comprometen la autenticidad misma de nuestro ser colectivo. Porque la falta de fusión entre el exacto valimiento y la agrandada caricatura, impone al indivíduo la forzosidad de solidarizarse con esta última, pujando por hacerla privar en todos los órdenes e imponiendo a los demás el pleno reconocimiento de sus fingidos atributos. Y quién dice a los demás, dice al Estado, al conjunto de sus instituciones que deben ser normativas y justas, y cuya función se resiente de aquella falsedad, al punto de evaporar el sentido infalible de que deben estar penetradas todas sus decisiones. Se pierde, por lo tanto, bajo la presión irrefrenable de las falsas individualidades, la norma de equilibrio y medida que debe presidir el desenvolvimiento del organismo social. Suscítase así un caos de valores, en el que nada puede distinguirse en su verdadera intimidad, lo que representa un elemento nuevo de perturbación y dispersión, dado el emparejamiento inevitable de lo legal y lo fraudulento que de tal modo se produce. Las formas ficticias reemplazan a las reales, y aún suele suceder que las reales pierden insensiblemente gravitación y jerarquía. Lo cual representa para el país la evaporación de sus mejores potencias históricas y creadoras.

Es el proprio Ortega y Gasset, quién nos da un ejemplo ilustrativo. "Estas inmensas tierras nuevas — dice —, que surgen de pronto en medio de una civilización muy adelantada, como es la del mundo actual, ofrecen un número tal de posibilidades que no hay manera de realizarlas cumplidamente. Por ejemplo: el desarrollo, extensión y riqueza de la Argentina obliga a que se instituya en poco tiempo un buen golpe de universidades con un número muy crecido de cátedras. En Europa no han solido pre-existir las cátedras a las capacidades. Al contrario, sólo cuando había un grupo crecido de gentes que venían largamente cultivando una disciplina, se creaba el puesto público para su ensenanza. El proceso singularísimo de estas nuevas naciones americanas invierte el orden, y las cátedras, los puestos, los huecos sociales surgen antes que los hombres capaces de llenarlos. Lo propio acontece con la burocracia, los oficios técnicos, de sanidad, de justicia, etc. Todas esas funciones sociales tenían que ser por fuerza servidas, y como era ilusorio pretender que las sirvieran gentes capacitadas, se hizo desde luego normal que las sirviese cualquiera, aún con la más insuficiente preparación".

Claro está que toda función tiene un sentido íntimo, estricto, profundo, y un contorno aparente, hecho de modalidades, de gestos, de puro aparato superficial y volandero. Quién se siente verdaderamente adherido, por el resorte vocacional de sus preferencias, a la función que le ha sido asignada, se indentifica con sus formas esenciales, desechando o degradando a su mero carácter episódico todos los elementos exteriores que la rodean. En tanto, sucede lo contrario con quién ha logrado una posición extrana a sus merecimientos y se esfuerza por disimularlo. Aquí el aparato exterior, de puras formas deleznables, se encarama en el primer plano, padeciendo forzoso rebajamiento todo atributo esencial y profundo, que termina por desprenderse de la función hasta dejarla huena y desventrada, como la cáscara incomestible de la fruta sabrosa y madura.

Tal cosa no es, sin embargo, el mayor de los males. Que la personalidad no tenga afinidad con el oficio (con lo que tradicionalmente y en noble vocablo se entiende por oficio), puede ser un factor de dislocamiento de actividades sociales, suscitando intorpecimientos muchas veces gravisimos. Pero más grave que la lesión así producida, es el desplazamiento de valores auténticos que determina. Ortega y Gasset, llevado por su manía de generalizaciones, parece no haberlo reparado. Para él, todo es necesariamente ficticio, porque hubo que improvisar fantoches imaginativos para cubrir la ausencia de "gentes capacitadas". No es esto totalmente cierto, aunque en muchos casos resulta innegable. Lo que pasa es que el país ignora a sus hombres. Y que más fácilmente se entra por los anchos portales la nombradía sin justicia, que la justificada sabiduría. Y aún es más viva la luz de la propaganda, del interés y del convencionalismo, que la del intelecto, la honestidad y la competencia.

Argentina honra su mocedad con un grupo auténtico de individualidades dotadas de vocación y poseedoras de oficio. Pero el país no advierte su autenticidad, porque no la tiene para sí mismo. Es rasgo que define la factoría, según apunta el autor de "El hombre a la defensiva". La advertencia que formula sobre el posible enojo que suscite su descubrimiento, no le impide lanzarlo. "El inmoderado apetito de fortuna — escribe —, la audacia, la incompetencia, la falta de adherencia y amor al oficio o puesto, son caracteres conocidos que se dan endémicamente en todas las factorías. Eso, precisamente eso, distingue una sociedad nativa y orgánica de la sociedad abstracta y aluvial que se llama factoría".

Una vez más tenemos aquí una versión parcial de nuestro problema. La ausencia de un equipo orgánico de gentes capacitadas, hace olvidar al filósofo la presencia de algunas auténticas personalidades. Que existen, aunque el país se precie de ignorarlo. Lo que también es signo de la factoría. Indica, en todo caso, falta de autenticidad en la vida colectiva, ausencia de normas tradicionales y de un fluir histórico espontáneo y original.

Bien dicho está que "en este momento domina el hombre abstracto que el mar ha traído sobre el hombre histórico que la tierra ha plasmado". Pero este hombre, pese a la preterición que sufre (que es falta de los demás y nó desmedro de lo suyo), existe en una posibilidad vital que alguna vez impondrá su relieve al contorno circundante. Cada dia es mayor el número de gentes que piensam que el país no puede seguir siendo remedo y calco de lo extrano, playa propicia del "hombre abstracto" que se niega a identificarse con su nuevo destino. Son ya numerosas las incitaciones que se lanzan en el sentido de cavar en da cantera nativa, hasta hallar la veta de la originalidad histórica, de la intimidad nacional, del proprio destino, derribando todas las formas sociales que dan asidero a la acusación de factoría.

Hoy por hoy, es verdad, el hombre histórico argentino es un desconocido para sus contemporáneos. Su figura auténtica, en la mayoría de los casos, ha sido desplazada por la postura ingrávida del fantoche. También es cierto que el personaje ficticio contagia su falsedad a las instituciones del Estado, provocando el predominio abusivo de una escala confusa de valores. Pero hay indicios de que el país quiere recuperarse para el cumplimiento leal de su destino. Voces de pasión empiezan a levantarse de sus tierras. Y aunque el filósofo espanol no haya tenido tiempo de descubrirlo, hay un conjunto de individualidades auténticas que recogen esas voces y se disponen a infundirles un fuerte aliento argentino, pidiendo a la tierra materna la medida cabal de sus posibilidades creadoras. Lo cual basta a satisfacer nuestra esperanza de que muy pronto habremos superado la etapa de la factoría.

BUENOS AIRES — Agosto de 1938.

Mês Maríano

(CRÔNICA DOS TEMPOS IDOS)

MARIO SETTE

Ultima noite do mês mariano .

A sala de visitas está cheia. Gente de casa, gente da visinhança, gente de longe. Parentéla, conhecidos, compadres. Mesmo algumas pessôas de cerimonia. Sobretudo, muita moça e muito rapaz. Eles com os seus jaquetões de gólas de seda e calças tabicas; elas, de vestidos de cambraia branca com faixas nas cinturas.

Ainda vão chegando convidados.

— Que demora, Yayazinha? Pensei que não viesse.

— Qual! Logo hoje! Foi o bonde... Os burros pregaram na subida da ponte.

— Não se pode confiar nesses bondes!

— O altar ficou bonito mesmo.

E Sinhazinha apreciava o altar armado num canto da sala. Castiçais com mangas de vidro, flôres de pano, enfeites de galões e canutilhos. E a imagem de Nossa Senhora, no centro, entre outros jarros com rosas artificiais.

Expectativa. O relogio de parede bate 7 horas. Querem começar, mas falta ainda uma figura principal no côro.

— Sem Mariquinhas não tem graça. Ela é a melhor tiradeira.

— Uma voz que parece do céu!

— Si ela não vier quem tira é você, Zézé.

— Só mesmo eu! Uma taboca rachada...

— Eu já vi um mês de Maio em Afogados que tinha uma moça fanhosa de arrepiar a gente. Inda por cima falando errado. Cantava assim:

Virge soberana
Sois uma arta rosa.
Dentre as mais fermosas
Sois a mais fermosa...

— Essa Irene é mangadeira mesma!

— Lá vem Zézé!

— Minhas negras, me desculpem. Não foi de proposito. Perdi o trem pertinho da estação da Casa Amaréla. Tive de atravessar pelas Ubaias até a Casa Forte para pegar o da Linha Principal. Madrinha, coitada, com as suas pernas inchadas...

Vão começar. Os moças se enfileiram defronte do Altar. O resto do povo toma seus logares pelos vãos das janélas, pelas portas internas, pelo corredor. Ha gente no sereno. Os pingentes do lustre, com a viração, tilintam. Ergue-se o primeiro canto do mês mariano.

E as outras orações se sucedem no ritual do costume.

No céu no céu,
Com minha mãe estarei...

Ao terminar, um estudante de Direito, espartilhado num fraque de asas de gafanhoto, flôr no peito, bigodes retorcidos, se dirige a Zézé:

— Cantou como um rouxinol!

— Não mangue...

— Juro. Mentalmente fiz até um fêcho de soneto...

Quando a ouço cantar tenho impressão
De que os anjos estão tambem cantando
Muito em segredo no meu coração...

— Quem sou eu!

Tiram as cadeiras da sala. Enrolam o tapete. Afastam os etagéres. O sofá de jacarandá.

— Vão dansar...

— Que bom, hein?

— Milú, você não me dansa, ouviu? Fique prevenida. Si não...

— Já sei, mamãe, já sei...

O pianista senta-se ao piano e tóca a valsa "Fingida". Os rapazes vão todos cheios de reverencias tirar as damas. Umas aceitam ,outras negam. Alguns pares rodam na sala, muito afastados e sevéros. Os dedos mal tocam as cinturas e os ombros.

— Que valsa bonita, hein? Chama-se Fingida.

— Está de acordo com a minha dama...

— Porque me julga assim?

— Não estava hoje olhando tanto para aquele seu primo...

— Sempre com seus ciumes... Carlinhos é como meu irmão.

— Presta mais atenção a ele do que a mim. Um dia...

— Deixe de falar zangado. Mamãe está reparando.

A' Valsa, segue-se um "pas de quatre". As dansas continuam. O sereno dirige pilherias.

— Abacaxi danado aquele tipo de roupa cinzenta. A dama, coitada, vai arrastada que nem alvarenga.

— Deolinda arranjou um vestido tão sem graça, não acha?

— Ela nunca teve gosto. Nem no laço da trança...

— Agora, Zézé, sim. Aquela é de virar mesmo a cabeça dos rapazes. Bonita e elegante.

— E engraçada.

— Num xódó com o estudante... Conheço ele. Móra numa republica da rua do Aragão. Me disseram que tem pai rico, no mato.

— Então, Zézé está fetia.

Já tarde, quando algumas familias fazem menção de se retirar, alegando ultimo bonde, a dona da casa aparece risonha:

— Minha gente, vamos para a mesa!

O pianista ia principiando uma quadrilha, mas a interrompe de subito, e uma voz de homem se alteia:

— Vamos á ceia. Sacco vasio não se põe em pé.

(Especial para ESFERA).

ESTRELA DO MAR

Especial para "Esfera"

Estrela de cinco pontas
nascida no fundo do mar
na palma da tua mão!

Eu vi a estrela do mar.

O sol não tinha nascido,
a chuva não tinha parado,
eu vi a estrela marinha
na palma da tua mão.
Estrela de cinco pontas
nos cinco pontos cardeais:
uma ao Norte,
uma ao Sul,
uma a Oeste,
uma a Leste,
uma na ponta do coração!

Eu vi a estrela do mar
como um simbolo na tua mão.

Mandaste a estrela pro Poeta,
mandaste a estrela do Poeta
nascida no fundo do mar.
O Poeta pegou a estrela
fez um poema tão sentido,
tão cheio de humanidade
que eu nem pude mais chorar...

Eu vi a estrela do mar.

Estrela de cinco pontas
nos cinco pontos cardeais:
uma ao Norte,
uma ao Sul,
uma a Oeste,
uma a Léste,
uma na ponta do coração...

Eu vi a estrela do mar.

Estrela de cinco pontas,
nascida no fundo do mar!
estrela tão bem nascida,

ROSSINE CAMARGO GUARNIERI

O Gôsto da Vida

Maria Jacintha

1º ATO — CENA X

ANA MARIA E TÚLIO.

ANA MARIA — *(Aproximando-se)* Pensando em algum processo de semear?
TÚLIO — Pensando em colher.
ANA MARIA — Ah!... *(Pequeno silêncio)*.
TÚLIO — *(Como para iniciar a conversa)* Que acha a senhorita mais belo: semear ou colher?
ANA MARIA — Semear é, talvez, mais belo. Mas colher é... como direi? E' glorioso.
TÚLIO — O objetivo supremo da vida: a beleza e a glória. A beleza de semear e a glória de colher. A beleza e a glória...
ANA MARIA — *(Interrompendo-o)* E o amor?
TÚLIO — O amor é, apenas, um complemento da glória e um detalhe da beleza.
ANA MARIA — O amor um detalhe, Dr. Túlio? Um complemento? Não... Parte principal de um conjunto que, sem êle, nunca seria grandioso.
TÚLIO — A senhorita, pelo que vejo, encara apenas os fenômenos pelo seu aspecto estético. E disseca muito as expressões. Um detalhe, sim, senhorita. *(Condescendente)* Mas um detalhe que poderia ser tudo... se a humanidade estivesse á altura desse tudo.
ANA MARIA — E não está?
TÚLIO — Não. Mesmo porque o amôr... Ora, o amôr! O amôr é uma atitude literária. Existe a atração natural do sexos, afinidades morais e intelectuais que unem os homens ás mulheres... Convencionou-se chamar-se a isso amôr. Que seja amôr! Mas, nesse caso, que o amôr signifique apenas isso. O resto é romance, é morbideza... Só os fracos o concebem assim desvirtuado. E o que é mais interessante é que estes não estão à altura da mentira que criaram — e eis um caso em que o Criador fica inferior à criação. E depois, que vulgaridade, que artificialismo! Deram ao amor qualificativos detestáveis... Eterno! Entendem de fazê-lo assumir responsabilidades sobrehumanas. Imagine, senhorita: um sentimento que, pela sua própria qualidade de humano, é efêmero, em essência, incumbido de acompanhar dois seres até á morte, á fôrça — como se alguma coisa nos fôsse possivel prometer para amanhã. Demais... *(Fixando-a)* Escandalizo-a?
ANA MARIA — Não. Interessa-me. Há verdade, talvez, no que o senhor diz. Pelo menos essa impossibilidade de se prometer para o dia seguinte. Isso não impede, porem, que, mesmo nada se prometendo, tudo se dê... para sempre. Está claro que não poderia afirmar ser amanhã o que sou hoje. Mas posso ser... nada me obriga a mudar. Se duas criaturas se unem porque são nobres, porque são belas, porque são sãs, porque são inteligentes, porque se completam...
TÚLIO — *(Rindo)* Ou porque simplesmente se querem. A senhorita só dá direito ao amor ás pessoas privilegiadas: bonitas ou fortes...
ANA MARIA — E se essas qualidades subsistem, porque não há-de subsistir o amor? Passa por transformações, naturalmente: perde a angústia da dúvida para atingir á serenidade das coisas adquiridas. Mas não deixa de ser aquilo que queremos. E depois, dentro de sua teoria de efemeridade sentimental, o amor é bonito. Há momentos gloriosos...
TÚLIO — Decerto. E eu não encaro o amor, senhorita, com leviandade ou com baixeza. Mesmo o amor de um dia, mesmo o impulso de momento — as fraquezas, como dizem as pessoas de família — eu as respeito como mafinestações legítimas de nossa humanidade, *como direito humano.* Apenas não olho o amor romanticamente, não o admito como causa de sofrimento, não o aceito como prisão, como dever, como cadeia moral. O amor deve ir... até onde for. E onde chegar chegou. Porque mecanizá-lo, teorizá-lo, dar-lhe regras, fórmulas, fazê-lo seguir um curso estabelecido? Para que prolongá-lo artificialmente? Estabelecemos: amo esta mulher, vou casar, amá-la-ei sempre. E as mulheres fazem o mesmo. Muitas vezes *aquilo* não é o que se quer, não encerra a realidade de nossas aspirações. Mas teimamos e fracassamos diante de nós mesmos — porque construimos sôbre bases artificiais. Fazemos como certos pais com os filhos: — "Quero êste advogado, médico, engenheiro..." E obrigam-no a sê-lo... mesmo que o pequeno queira ser artista ou lavrador.
ANA MARIA — Mas se o pequeno quer ser mesmo advogado, médico, engenheiro? *(Túlio sorri)* Olhe, Dr. Túlio: o senhor me achará talvez ridícula, infantil, mas creio no amor integral. E' coisa rara, mas existe. O difícil é conseguí-lo, é conseguir-se a harmonia perfeita, é descobrir-se aquilo que se quer de verdade...
TÚLIO — Já o descobriu, senhorita?
ANA MARIA — *(Um pouco brusca, retraindo-se)* Não. *(Pausa)*.
TÚLIO — Choquei-a?
ANA MARIA — *(Amávelmente)* Absolutamente. Aceito os seus pontos de vista. E' isso mesmo... no seu caso. Eu mesma que sei dêsse amor integral, dessa harmonia perfeita, aceitarei, na falta de coisa melhor, êsse outro que nada promete para o dia seguinte, que é, apenas, uma tentativa de interêsse para á nossa vida, que realiza, simplesmente, a nossa necessidade de nos completarmos, que é detalhe, que nos dá alegria dos momentos, que todos aceitam como o verdadeiro... *(Com ligeira amargura)* mas que é o maior "chantage" que a vida faz conosco — porque é enervantemente medíocre.
TÚLIO — Adorável esta expressão...
ANA MARIA — Qual?
TÚLIO — A dos seus olhos... *(Silêncio. Depois entram Carlos e Vera)*
VERA — *(Entrando ruidósamente)* Fizemos um sucesso louco. Ouviram os aplausos?
ANA MARIA — *(Aderindo)* Atordoavam-nos, não é verdade, Dr. Túlio? Estivemos aqui contando: 120 chamadas á cena! Um sucesso bezansônico... Quando partem para a Europa?
CARLOS — *(Aderindo, também)* Recindi o contrato. Razões do coração... Estou preso ao Brasil. Dansarei para mim mesmo, para você... *(Entram Paulina e Oliveira)*
PAULINA — Intolerável, isso, em um hotel de respeito! Como recebem hóspedes dessa casta? Vou queixar-me ao gerente.
CARLOS — Que houve?
PAULINA — A hóspede do quarto 25 não pode

permanecer aqui, onde há moças de familia. E' uma orgia o que lá vai. Canta, conversa, alto, recebe amigos. Amigos...

ANA MARIA — Muito barulho, titia?

PAULINA — O barulho é o menos. E' o atentado á moral do hotel que me revolta.

ANA MARIA — Então não importa. Se titia pode dormir, que temos nós com a vida da hóspede do quarto 25?

OLIVEIRA — *(Severo)* Que temos nós, Ana Maria? Então não temos? E o pudor onde fica? E o decôro social?

ANA MARIA — O senhor viu alguma coisa de feio?

OLIVEIRA — *(Ofendido)* Não. Porque não olhei, não me metí lá. Mas a imagem mental que se forma, graças aos ruidos que se escutam...

ANA MARIA — Ah! A imagem mental...

TÚLIO — A imagem mental é falha, doutor. A imaginação, ás vezes, floreia. O senhor talvez seja um cérebro criador... um artista que se desconhece... Não é verdade, doutor?

OLIVEIRA — Talvez seja... *(Percebenod)* "Seu" Túlio, eu sou um homem equilibrado, um homem sadio...

TÚLIO — A saúde não exclúe a imaginação. Aumenta-a...

PAULINA — Estou de acôrdo com o Dr. Oliveira. Esses ruidos corrompem a imaginação. E essa mulher tem que sair daquí.

ANA MARIA — *(Brincando)* Desde quando, titia, a senhora interpreta ruidos? E eu que a desconhecia nessa modalidade de inteligência... Ensine-me a interpretá-los, sim? Deve ser interessante. E esta mulher do quarto 25 será, talvez, uma artista. Criou, em seu aposento, uma arte nova: a dos ruidos expressivos. Por façanha semelhante Beethoven se celebrisou, musicando o luar para uma cega...

CARLOS — Isso está biográficamente certo?

ANA MARIA — Se está, não sei. Mas não corte o fio de meu espírito... *(Continuando)* Deixémo-la aqui, titia. Quem sabe... *(Detem-se, hesitando)*

TÚLIO — Quem sabe se ela não está compondo alguma coisa de interessante para os ouvidos do Dr. Oliveira?...

OLIVEIRA — Talvez seja... *(Percebendo)* — "Seu Túlio, mais uma vez o advirto de que não recebo seus insultos. *(Para Paulina)* Apenas, minha senhora, zele pela pureza das famílias. E' preciso haver separação. Essas mulheres são perniciosas. E depois, desgosta-me ver uma menina como a Ana Maria, educada como sei que o foi, dentro dos mais severos preceitos da moral, por causa de cinemices, da literatices, de... cretinices de certos filósofos *(Olha Túlio, com intenção) reformadores*, e porque está contagiada dessa maneira moderna de fazer "blagues", esquece-se do respeito devido á tia que a criou... e é o que estamos vendo. Faz mais —e isso já vem por conta da promiscudiade em que vivemos: contagiada, também, dessa febre atual de estudos sociais desce a comentar essas tipas, a resolver lama que suas mãos não deveriam tocar, desce a... a... Não. Essas mulheres devem ser eliminadas.

TÚLIO — *(Incisivamente)* E que castigo propõe o senhor para os homens que criaram êsse tipo de mulheres?

OLIVEIRA — Mas um homem é um homem...

TÚLIO — Ser homem, então, é ser vil e ser covarde? Ser homem é mentir, fingir, ter uma fisionomia para as casas de família e outra para as casas alegres? Ser homem é perseguir e abandonar? E' comprometer a sua integridade moral, desvirtuar a natureza, rebaixar os seus próprios impulsos? Mas eu não me referí, doutor, aos homens isoladamente. Eu quís dizer sociedade... A sociedade que, com a sua falha organização, cheia de erros... pior, ainda, cheia de hipocrisias, faz com que exista êste grupo de sacrificadas.

OLIVEIRA — Não o entendo e repilo o que possa haver de insinuação no que me diz. Mas essas mulheres repugnantes, ameaças das famílias...

ANA MARIA — *(Mansamente)* Já foram cativantes, liriais, já tiveram tôdas essas características que nos divinisam a seus olhos, doutor. Foram vítimas de circunstancias desfavoráveis. Porque não há bem, nem há mal: há circunstancias. Eu penso...

PAULINA — Você não pensa nada nesse assunto, Ana Maria. Nem isso é coisa para ser comentada por moças.

ANA MARIA — Perdão, titia: eu penso muito nisso, mais do que a senhora o julga. Olho essas mulheres, para as quasi a vida mentiu, como vítimas. E tudo, se me fôra possivel, faria para restituir-lhes o direito de viver. Eu penso...

OLIVEIRA — Uma moça não pensa nessas coisas...

PAULINA — Cale-se, Ana Maria.

TÚLIO — *(Interessado)* Que é que a senhorita pensa? Vamos! Diga...

ANA MARIA — Penso que somos um pouco culpados, todos nós, do fracasso dessas mulheres. Se todos tivessemos a coragem de sermos nós mesmos... Se quiséssemos assumir a responsabilidade do que sentimos, correr atrás do que, na realidade, queremos... Se o amor não tivesse sido rotulado como coisa indígna e inconfessável... Se se deixasse a todos o direito de amar, sem que a vida sentimental de cada um se refletisse em sua vida social... Se, enfim, se puzesse mais beleza nas coisas... Se houvesse mais sensibilidade... mais conciência da dgndiade de nossa condição de humanos... Se fôssemos leais, sinceros...

TÚLIO — Se tôdas as almas fossem honestas como a sua...

OLIVEIRA — Não. E' demais, Ana Maria. Você está pregando a dissolução dos costumes, você quer que a humanidade perca os freios...

ANA MARIA — *(Sem se alterar)* Se, sobretudo, os moralistas não existissem, tudo seria diferente. Ouça, Dr. Oliveira: eu não respeito a dignidade das luzes acesas. A sociedade não tem o direito de censurar ou de repelir. Só há um gesto que ela pode fazer com dignidade: o de reparar. Todos temos alguma coisa a curar, nos outros. E essas mulheres, que padecem tôdas as fomes, vêm a existir porque?

PAULINA — Mais uma vez, Ana Maria, cale-se.

ANA MARIA — Não, titia. Encaremos a realidade dos fatos: eu conheço o assunto, logo posso comentá-lo. *(Para Oliveira)* Porque vêm a existir essas mulheres? Inicialmente, porque os homens, no seu falso conceito da vida e do amor, explorando-lhes a miséria ou o sentimentalismo, seduzem-nas. E' preciso viver. As noivas são seres privilegiados, etéreos, bonecas para serem metidas em plumas e veludos. Enquanto essas plumas e esses veludos não podem vir, servem as pequenas sem situação social, que êles consideram fáceis Depois... Para que se deram elas fora do casamento? Arranjem-se. Elas, naturalmente, se vão arranjando. E como, doutor?

OLIVEIRA — Se fossem honestas, trabalhariam, procurariam erguer-se...

TÚLIO — Quem deixa? E depois, essas mulheres são necessárias, doutor. Para que certos prestigios de virtude sejam mantidos... Para que, com a miséria

de umas, exista êsse grupo de homens respeitadores e de moças impecáveis... E' bonito o casamento convencional: a grinalda, o véo, os lírios...

VERA — *(Enfática)* A marcha nupcial...

ANA MARIA — *(Mesmo tom)* O vestido que se veste uma só vez na vida...

OLIVEIRA — Podem rir. Podem apoiar esses dois malucos. Quanto a mim, mantenho-me firme dentro dos meus principios: sou pela família recatada, pelas moças ingênuas, pelas misérias da vida occultadas aos olhos das meninas solteiras.

ANA MARIA — E das senhoras casadas?

OLIVEIRA — Essas conhecem a vida: podem tudo saber.

TÚLIO — *(Infernando-o)* Na concepção do Dr. Oliveira o casamento é uma escola das misérias da vida...

OLIVEIRA — Eu disse isto? *(Angustiado)* D. Paulina, Carlos, Vera... Ana Maria, seja boa uma vez na vida: eu disse isto?

ANA MARIA — *(Divertida)* Não foi bem isto. O que o senhor disse foi que as mulheres casadas, como conhecedoras da viaa, podem integrar-se nas misérias desta. Não foi isto?

OLIVEIRA — Exatamente.

ANA MARIA — *(Troçando, ainda)* Seja razoável, Dr. Túlio: o Dr. Oliveira não classificou o casamento de scola de misérias. O que êle quís dizer foi... curso preparatório...

OLIVEIRA — Engraçada!... *(Passeia zangado)*

PAULINA — Dr. Túlio, eu acho que o senhor avança muito. O senhor exorbita. E a família? E o recato?

OLIVEIRA — E a sagrada instituição do matrimônio?

TÚLIO — Não há instituições sagradas: há sentimentos sagrados. As instituições são falsas. Os sentimentos são reais. *(A Paulina)* Eu amo a realidade, minha senhora. Tavez lhe pareça sem senso moral, pregando coisas que os preconceitos de sua geração não a deixam aceitar. Mas eu não quero a dissolução, a baixeza, o desencadeamento dos instintos. Luto pela dignificação dos impulsos, pela formação de um ho mem novo, que só possa querer aquilo que é nobre e é belo... dentro do humano. Sem escravisar-se, isso sim, aos dispositivos sociais. A sociedade criou uma espécie de regulamento para a conducta de cada um. E o homem — burocrata da moral — não compreende que está aniquilando tôdas as suas possibilidades bela e sãs de ser um homem de verdade.

PAULINA — O senhor, pelo que vejo, criou uma doutrina nova...

TÚLIO — Não, minha senhora, eu nada criei. Eu apenas repito. O que estou dizendo, esteve sempre na vida. Está agora nos livros e na conciencia de alguns. Eu nada criei: aderí apenas, áqueles que conseguiram compreender o verdadeiro sentido da vida, que é de todos e deve ser vivida integralmente. Com beleza, sim, mas sem artificialismo.

ANA MARIA — Eu creio nas realidades belas da vida...

PAULINA — Em todo caso não somos obrigados a aceitar, como verdadeiro, êsse seu sentido de vida.

TÚLIO — Naturalmente que não. Mesmo porque, intimamente, todos sabem onde está a verdade.

OLIVEIRA — *(Como quem faz uma descoberta sensacional)* O senhor é comunista! *(Aos outros)* Comunista, reparem bem... *(Risos)*...

TERCEIRO ATO — CENA III

CARLOS E ANA MARIA.

ANA MARIA — *(Entrando)* Que é que há, Carlos? Sucedeu alguma coisa? *(Há em sua voz um cansaço que todo um esfôrço de vontade não consegue ocultar)*

CARLOS — *(Afetando despreocupação)* Sucedeu. Trouxe-lhe um presente e quero que você o veja imediatamente.

AN AMARIA — Um presente? Que é?

CARLOS — A felicidade.

ANA MARIA — A felicidade? Onde está? *(Chega-se a êle, emocionada, num impulso de bondade, fixando-o de perto)* Está aqui, não?

CARLOS — *(Vencendo-se)* Está lá em baixo. E' o Túlio.

ANA MARIA — *(Num gesto constrangido)* Carlos! Por favor...

CARLOS — *(Puxando-a pela mão para sentar-se)* Ouça, Ana Maria: não há argumentos cabíveis. Só uma coisa pesa nesses casos: a nossa vontade. Você quer o Túlio. Sempre o quís. Porque hei-de eu agora aceitar o papel de usurpador dos direitos dos outros? Sempre procuramos viver a vida com inteligência e com sinceridade. Você fez o possivel para poupar-me, reconheço. Mas... eu é que não posso aceitar.

ANA MARIA — *(Com tristeza)* Mas Carlos, eu não quero isto. Ocultei de você a visita do Túlio, porque a minha resolução de ficar é sincera. Nunca pensei que você o soubesse...

CARLOS — Soube-o por acaso. Por dedução, digamos. Ví, duas vezes, o Túlio saindo daquí. Percebí, em você, nervosismo, apreensão, angústia... luta... Foi fácil deduzir.

ANA MARIA — E tem sido, nesses dias, sempre o mesmo... Carlos, você é admiravel.

CARLOS — Venho observando você. Tenho sentido a angústia de sua renúncia a tortura do seu sacrificio. Admiro-a mais, ainda: você é abnegada e é bôa. Mas eu não posso aceitar.

ANA MARIA — Eu não queria que você soubesse...

CARLOS — O destino quís que eu o soubesse... Mas seja honesta, Ana Maria, e responda-me, encarando-me: depois desta explicação é-nos possivel continuar?

ANA MARIA — *(Sincera)* Não. E era por isto que eu o ocultava de você.

CARLOS — Agora só nos resta agir dentro da verdade. Cada qual que apanhe da vida o pedaço que lhe coube. Não devemos cubiçar o dos outros.

ANA MARIA — Carlos, você está agindo com um altruismo que me humilha. Mas não devo aceitar.

CARLOS — Orgulho? Não quer receber a felicidade de minhas mãos?

ANA MARIA — Não é isso. E' que a felicidade talvez esteja atrazada.

CARLOS — Sempre é tempo para se ser feliz. Transija.

ANA MARIA — Não quero, Carlos.

CARLOS — Você está preconceituosa, Ana Maria?

ANA MARIA — Não é preconceito: é o obstáculo moral que me detem. Temo-nos compreendido, somos amigos... e a Vida não é só minha e do Túlio.

CARLOS — A vida é de quem ela quer ser. Não podemos constrangê-la, Ana Maria. Ela não simpatisou comigo... Você acha que posso impor alguma coisa?

ANA MARIA — Carlos, você se sacrifica...

CARLOS — Sacrifico-me, para que a verdade não seja vencida. Você ia destrui-la, Ana Maria, com o

seu gesto. Ia viver a vida medíocre, sem esplendor, dos covardes, dos que se curvam, dos que não sabem lutar. E ia-me arrastar para um papel que eu nunca concientemente aceitaria. Eu só quero o que é meu... e você ia roubar-se a si própria e ao Túlio, para me dar. Com que direito, diga? Lembre-se de que você sempre buscou as realidades belas da vida. Você as tem tôdas agora aqui: a sua abnegação, a sua lealdade, a verdade triunfante do amor...

ANA MARIA — *(Com emoção)*... a sua compreensão, Carlos...

CARLOS — E' tambem bela, aceito, Ana Maria — porque é respeito ao direito dos outros. Vamos! Receba o que o destino lhe dá e procure acolher a sua fecilicade.

ANA MARIA — Amarga um pouco, Carlos...

CARLOS — E' o gôsto da vida... *(Num esfôrço útlimo para parecer sereno)* E' como aquelas pastilhas medicionais, cobertas de açucar, que a gente chupa, convencido de que vai ser sempre doce, até que no fim... é aquele amargor... Conhece? E é no fim que está o verdadeiro gôsto. O princípio é para ajudar, para dar coragem... coragem ás crianças.

ANA MARIA — *(Com gravidade, numa emoção serena)* Carlos, há palavras que, ás vezes, nos parecem inexpressivas, porque foram banalizadas. Mas eu quero dizê-las a você... duas apenas... restituindo-lhes tôda a beleza emocional e tôda a expressividade: obrigada e perdão. *(Abraça-o longamente)* E quero dizer-lhe mais estas que ficarão únicas em minha vida: meu amigo!...

CARLOS — Meu amor... *(Desvencilha-se brandamente e saí. Ana Maria fica só por alguns instantes. Depois entra Vera)*

VERA — *(Hesitando)* Sou indiscreta vindo aqui?

ANA MARIA — Você nunca é indiscreta. Sente-se. Encontrou o Carlos?

VERA — Encontrei-o. Disse-me tudo. E' admirável.

ANA MARIA — Invejo-o. Teve o seu momento na vida. Pôde dar-lhe o traço definitivo de beleza que não conseguí dar á minha...

VERA — Não procure novas torturas. Seja coerente: não era isso que você queria?

ANA MARIA — Não, Vera. Era o Túlio que eu queria. Mas não isto. Mas não assim. Há alguma coisa que se quebrou e a solução que acetiei humilha-me diante de mim mesma. Quando fui para o Túlio pela primeira vez senti orgulho de minha coragem: da coragem que tive de romper com tudo que é falsidade, opressão, egoismo, para conquistar, com dignidade, aquilo que era um direito meu.

VERA — Mas é ainda seu direito, hoje...

ANA MARIA — E'. Mas o meu direito hoje choca-se com o do Carlos — e eu não gosto de pisar o direito dos outros. E depois... o que eu e o Túlio vamos fazer é banal. Mas o que o Carlos fez é simplesmente lindo.

VERA — Sempre esperei essa decepção de hoje. Nunca tive, como você, essa crença numa vida perfeita. Essas teorias grandiosas, de perto, são iguais ás outras...

ANA MARIA — Não são teorias: são verdades grandiosas. Os sentimentos é que, ás vezes, são mesquinhos.

VERA — Ou isso. De qualquer maneira você sempre esteve errada, pensando atingir inteiramente ás realidades belas da vida. Essas realidades pelas quais você tem lutado...

ANA MARIA — Eu não tenho lutado por elas, agora vejo bem, Vera. Elas existem. Não as alcancei porque a minha vida tem sido, apenas, capitulação. Ouça aqui, Vera. Imagine isto: criar-se um mundo de belezas e povoá-lo de seres inferiores. Julgar-se a gente dentro de um drama doloroso, insolúvel pela grandeza moral de seus personagens e, de um momento para outro, aceitarem-se mil e uma soluções... porque somos irremediávelmente banais. Pensar-se que se vai lutar... e ceder logo ao egoismo de nossos interesses. Eu queria sacrificar-me, sofrer, ser infeliz, mesmo... mas que ao menos me ficasse a conciencia de ter agido com altruismo, com bondade, com beleza... Mas não: agarrei-me, logo, á primeira solução, por uma única razão desepcionante e humilhante: porque era a que me convinha.

VERA — Você, dentro do seu conceito de realidades, foi sempre uma idealista. Nem tudo é belo como você imagniou...

ANA MARIA — E o Túlio? Tanta compreensão da vida, tanta superioridade sôbre os outros... para, no fim, vir a mim por uma razão que tocaria a qualquer homem banal: o estímulo da concurrencia.

VERA — Só você esteve sempre dentro das idéias que defendia. Os outros têm sido teóricos e egoistas.

ANA MARIA — Eu tambem tenho sido, em parte, teórica. Teórica do altruismo, do respeito ao direito dos outros... Na práitca, sou uma mulher como qualquer outra, procurando solucionar o *seu* problema, correndo atrás da *sua* felicidade.

VERA — Não se procure amesquinhar, Ana Maria. E não culpe o Túlio, por ter agido como qualquer homem vulgar: aceite-o, agora que êle a quer, e procure ser feliz. Aceite "o momento de felicidade" pelo qual você sempre se bateu. Não vá agora se por infeliz, porque nem todos têm essas nuances de sensibilidade e porque êsse amor ideal, que é criação sua...

ANA MARIA — Você talvez tenha razão. Esse amor, que é criação minha, tem sido apenas paisagem em minha vida. Uma paisagem cheia de beleza, tão bela... *(Procurando brincar)* Podemos lançar, até uma frase de efeito: a miragem dos desertos...

VERA — *(Mesmo tom)* Nos desertos há, sempre, os oásis. E eu desafio a quem quer que seja capaz de se não atirar a êles, sôfregamente... mesmo que não encontre água muito límpida.

ANA MARIA — *(Com indulgencia)* Como eu, não é verdade? *Gesto de protesto de Vera)* Atirar-me-ei, sim, Vera. Disso estou certa. Não posso fugir ao Túlio: amo-o e eis tudo. Mas não voltarei para êle animada daquela alegria da primeira vez, quando julguei encontrar o meu objetivo luminoso de viver. *(Vera sorri)* Você me acha, ás vezes, pedante, eu o sinto. Mas é que as palavras luz, beleza amor, tomam para mim expressão muito familiar. Tenho-as constantemente em conciencia... Quisera-as guias de minha vida... luminosidade, sobretudo, Vera. Eu quisera tudo, no mundo moral e no mundo físico, tudo muito claro, muito amplo, muito alto...

VERA — E bem perto de você... Conheço êsse delírio da luz, da amplidão, das alturas... E' como quem adora música e adquire um rádio: ópera em casa.

ANA MARIA — Sim em casa, perto de mim... mas música de verdade.

VERA — Olhe aqui, Ana Maria: nós todos somos um pouco livrescos e prégamos muita coisa que não sentimos. Você é exceção. Eu mesma... Você sabe como prego a liberdade, como me revolto contra o constrangimento do casamento, como anuncio minha liberalidade quanto a meu marido... Pois tudo teoria. Na prática, sou igualzinha a todas. Ontem, por exem-

PLENILUNEO

GERARDO REYS

Quando a lua cheia brilhou na noite branca, Pedro fez o pelo sinal, e escondeu o rosto entre as mãos. Levantou-se, a dizer: não, meu Deus, não!

E caíu de novo na cadeira, os braços para o chão, a face exposta, agora, á luz da lua. Desanimara: ha meses que aquilo se repetia, e sempre em noites de lua plena. Os gemidos da criança morta já surgiam do tempo, e os cabelos louros dela escorriam-lhe pela cabeça como uma corda de seda. Suas mãozinhas, — ó aquelas mãozinhas suaves —, furando a terra, distendiam-se numa contorsão sobrehumana e alongavam-se para êle, numa súplica monstruosa e incompreensível.

Viu-se, de novo, no charco lamacento, cheio de bichos venenosos, onde o lodo espesso encobria a morte; lembrou-se da lua enorme que lhe iluminara a fuga atravez o paúl e de como a pequena Estela procurara animá-lo, afagando-o no rosto áspero e barbado. — O'! Deus, por piedade!

Pedro caiu de joelhos e, a cabeça encostada á parede, poz-se a soluçar em altos brados. Aí a voz entrou pela janela e murmurou *muitas cousas* ao ouvido dele. Pedro estremeceu: não! aquela voz não era a da creança que o acariciara no charco; ela não diria as palavras horríveis que estava ouvindo e que lhe queimavam o rosto com a intesidade da febre alta. Tudo mudou, de súbito: a voz cruel tornou-se infantil e súplice, e os olohs de Estela surgiram do chão abeirando-se do seu. Havia muita tristeza dentro deles, ódio não. E o homem arrependido pensou na grandeza do arrepndimento e olhou para as mãos, berrando como um possesso: Estelinha, perdão, perdão! A voz da craniça balbuciava, agora: Mãezinha! Mãezinha!

E ele achou-se no charco, novamente, a ouvir o cri-cri dos grilos, o salto brusco dos sapos dentro dagua, o andar quasi silencioso de Estelinha. E, no alto, muito longe dele, a lua enorme, acompanhando-lhe os movimentos. Andaram um pedaço sem dizer nada. A menina falara primeiro: — E' tão distante esse lugar par onde vamos! Mãmãe estará lá?

Ele fizera com a cabeça que sim, mas já pensava em como se livrar da menina. Ouvira, ha pouco, um ruído de galhos partidos; podia ser a polícia. Puzera Estelinha no colo: assim andaria mais depressa. Era preciso ter cuidado, entretanto, pois o charco estava cheio de bichos venenosos. De quando em vez a lua iluminava os vampiros escondidos no recesso folhudo das árvores. E, bordejando as margens escorregadias do charco, o lodo traiçoeiro. Pedro conhecia muito bem aquelas paragens. Desde garoto que as palmilhava. Mas agora êle carregava nos braços uma menina de oito anos. Pedro parou de conjeturar. Pensou no rosto lindo da menina. Que cabelos! Pareciam seda. E como eram macios! Recordou-se de que gostava de acariçiá-los, de sentí-los escorregar por entre os dedos. E, de pronto, como que impelida por alguma mola oculta na parede, a visão do afogamento de Estela saltou diante dos olhos dele.

Ia caminhando cautelosamente, a mão direita envolvendo a cintura da criança, a esquerda afastando a folhagem emaranhada, quando um latido sonoro o fez parar. A polícia puzera-lhe os cães em cima. Diabo! A fuga tornava-se agora mais difícil. E aquela criança a retardar-lhe os movimentos! Tudo por causa de uma rixa estúpida. Brigara com o pai de Estelinha na tasca do velho Xavier, e jurara desforrar-se. De noite, aproveitando-se da pouca luz da vila, penetrara na casa dos Dias e raptara a pequena. Enbrenhara-se, em seguida, na mata. Ele não contara, porém, com a perseguição rápida do delegado Brito. Esquecera-se que o Antonio Dias era amigo do promotor. Raios! Demo de fedelho! E, resolvendo-se, depôs a criança no chão. Estela olhou-o, amedrontada, mas não chorou. Pedro sorriu para ela, afagou-lhe os cabelos demoradamente e afastou-se. Mal dera alguns passos parou, as pernas trêmulas, o rosto lívido. Um grito aflito, logo abafado, como se alguem houvesse apertado a garganta que o soltara, viera do charco. O homem olhou para traz e, com um gemido, retrocedeu. Era tarde. Estela escorregara no limo da margem e debatia-se já no lodo escuro e espesso. Pedro caiu de borco na terra suja, torcendo as mãos. Espiou de novo o paúl, quasi rastejando o rosto na lama. Estela desaparecera, quasi. Apenas a cabeça boiava no pantanal como uma grande alga dourada.

Pedro voltou a si. A visão fora-se. Mas a lua cheia continuava a brilhar na noite branca. Pedro fitou-a, fundo. Recuou. As mãos da menina morta avançavam para êle na súplica monstruosa e incompreensível. O homem foi caindo, de vagar e, de repente, torcendo-se numa convulsão simiesca, soltou uma gargalhada aguda, lancinante: a gargalhada repentina da loucura.

(Especial para ESFERA).

---

plo... Surprehendí o Fernando, creio que em "flirt" com uma vizinha. Fiz-lhe uma cena memorável: recriminei-o, lancei-lhe em rosto minhas qualidades, meu amor, meus hipotéticso sacrifícios... e acabei, como é clássico, chorando. Chorando vergonhosamente...

ANA MARIA — *(Meio divertida)* E já se reconciliaram?

VERA — Ainda não. Ele está preocupado... Você compreende: convem fazer-me difícil. E' tambem clássico...

PORTUGAL

ESQUISSO

Abel Salazar

Acerca dos conhecimentos indispensaveis ao escritor de Belas-Artes

JOÃO ALBERTO
(Especial para "Esfera")

Na maioria das exposições doutrinárias, das polémicas concernentes a assuntos culturais, nota-se o facto, á primeira vista desconcertante, dos diversos contendores, baseados, muito embora, em razões admiráveis, raras vezes chegarem ao acôrdo.

Os jornais e revistas artisticas-literárias, encontram-se, nos nossos dias, pfrofusamente colaborados com escritos ácerca das belas-artes, nos quais este aspecto extravagante se manifesta com tôda a clareza.

Não me parece descabido radicar a causa primária desses desencontros, na tendência natural do individuo para localisar a verdade, como única e inteira, no seu aspecto, reflectido pelo somatório dos conhecimentos da matéria em que se é especialisado.

Necessariamente isto passa-se em todos os campos da vida intelectual, porém, vou-me referir, particularmente, ao das Belas-Artes.

Não deixarei, entretanto, de aludir ao acto condenável, praticado por muitos escritores quando enchem montanhas de papel com escritos a propósito de questões estéticas, onde se reflete uma ignorância absoluta da matéria e uma ausencia radical das bases indispensáveis.

Porque escolherão, de preferencia, o campo dificil das belas-artes?

A resposta encontra-se perfeitamente na razão da própria dificuldade.

O trabalho intelectual-artistico, tendo por objecto de especulação teórica ou prática, as obras de arte, — complexos de factores delicadíssimos — requere um esfôrço extenuante; a sua dificuldade é extraordinária especialmente se não desejarmos reduzir os seus resultados a uma meada intolerável de florações retóricas e vazias.

Sendo a intuição a pedra angular da criação artistica, surge a impossibilidade de formular a seu respeito normas, regras e condições positivas. Sob esta impossibilidade se acolhem essas creaturas para escreverem livremente as mais levianas concepções com a certeza de escaparem a uma refutação pública e bem clara.

Sob a capa da relatividade do gôsto, pretende-se assim disfarçar as mais ousadas ignorancias.

Mas, não está certo. Milhares de cérebros, vidas inteiras vergados sob os problemas artísticos, legaram-nos preciosos conhecimentos , herança que não poderemos ignorar. O conhecimento dos conhecimentos será sempre a base indispensável do conhecimento futuro, porque o saber humano é um fenómeno sempre novo que se opera nos cérebros fortalecidos por uma cultura.

Só um trabalho honesto, surgido das bases mais remotas, poderá assegurar frutos que não sejam plágios detestáveis, arrazoados confusos ou malabarismos de clown.

Todos os que escrevem sôbre as belas-artes, seja pela forma da crítica, da história, ou da estética, deverão alicerçar os seus escritos num estudo amplo e consciencioso da matéria que discutem, porque o modo do comportamento intelectual mais que qualquer outro, denuncia-se sempre como a consequência lógica da estructura moral do individuo; a não obediencia ao preceito apontado anteriormente representa uma indicação de gravidade.

Como poderemos considerar coerentes as opiniões ácerca das Belas-Artes quando elas são oriundas de individuos despidos das bases indispensáveis ao escritor e perfeitamente afastados do conhecimento da actividade psicológica e industrial do artista?

A filosofia da arte, como tôda a filosofia, só poderá erguêr-se sôbre o edificio sólido do conhecimento cientifico. Uma filosofia de arte só possuirá o seu caracter elevado quando apoiada no profundo conhecimento da obra de arte; e êste conhecimento só é possivel:

1.° — num indivíduo esclarecido ácerca do verdadeiro conceito daquilo que pretende conhecer.

2.° — no indivíduo que possuindo esse conceito está devidamente apetrechado com os conhecimentos indispensáveis para a sua análise aperfeiçoada.

Assim deveremos saber que uma obra de arte é, antes de tudo, o *objeto represen-*

tativo dum modo de comportamento de determinado indivíduo.

Analisando êsse objecto verificamos que êle se póde representar pela seguinte equação fornecida por W. Deoanna: *obra de arte — forma visível — idea nela contida.*

Quer dizer: obra de arte representa, á maneira do homem, um dualismo de corpo e espírito. O seu corpo é a sua forma visivel, palpável, quantificavel e mensurável.

O seu espírito é a ideia que anima essa forma, que a torna imortal e a universalisa, mas, apenas apreensivel pelos métodos inquantificáveis da psicologia.

Entretanto, é indispensável não desconhecer que a obra de arte é um complexo de elementos formais e psicológicos de tal modo confuso que não sabemos definir o *quantus* da importancia que cada um dêsses elementos toma, em relação aos outros, na génese e na vida palpitante das obras de arte.

Conhecemos apenas os correlatos constituitivos da correlação que se representa na obra de arte, mas nunca teremos o direito de atribuir maior importancia a qualquer dêles, e muito menos o de isolarmos algum para o alçarmos como único. Este é o pensamento de Abel Salazar quando atribue exactamente valôr causal ao facto de se isolar um correlato da correlação verificada na obra de arte para se construir filosofias, teimosas em nos impingir a arte como pura, absolutamente individualista, totalmente psicológica; outros unicamente social, raciocinada, politica e dirigida, e outros apenas objectiva, material e industrial.

E' natural que para um psicológico as razões psicológicas da criação artistica lhe sejam mais acessiveis dando-se o mesmo com o sociólogico, o político e artista-pintor, entretanto o que se apresenta condenável é o esquecimento dêsses individuos quando deixam de radicar a sua melhor visão no facto de serem especialisados num determinado ramo. Esses preferem raciocinar da seguinte maneira: "se o belo tem excelentes razões psicológicas, é indubitável que êle reside *unicamente ali*". Outros preferem apenas as razões sociológicas enquanto os outros apenas veem a beleza na técnica.

Os demais especialisados pensarão de igual maneira, porém o facto de que o conhecimento do belo deverá residir no pensamento que formaremos depois de conhecermos a soma das parcelas dos seus diversos conhecimentos, parece-me flagrante.

E, é pois por esta razão que eu considero indispensavel a todo o escritor de belas-artes o cuidado permanente de se apetrechar com os conhecimentos actualisados dos diversos ramos de saber humano cuja matéria interfere directa ou indirectamente na criação e vida das obras de arte.

E' com esta frase que Abel Salazar abre o seu último livro: *"para falar de arte é necessário possui-la a fundo, na técnica, no espírito, na literatura e na filosofia; possui-la pela inteligencia e pela emoção".*

(Portugal).

SAMUEL CAMPELO

(Especial para ESFERA)

LUCILLO VAREJAO

Num meio mais dilatado em todos os sentidos — comprimento, largura e altura — Samuel Campelo não seria apenas o que se aprouve chama-lo — o animador do "Grupo Gente Nossa" do Recife.

Ele seria, sobretudo, como auscultador contínuo que é, das nossas pequenas mas bem vivas possibilidades de teatro, como orientador avisado das nossas condições de exito teatral, público e privado — uma figura da mais alta consideração e digna do mais incondicional aplauso.

Sua obra de doutrinação permanente pela imprensa, seu esforço mesmo de escritor emerito — nada é em relação ao seu trabalho anonimo de congregar, de escolher, de distribuir — conseguido quasi sempre o milagre de representações que nos não envergonham.

Somente nós que vivemos á sua sombra, que somos um produto da sua personalidade aliciante — que assistimos ao seu trabalho admiravel de coordenador, é que podemos dizer do quanto merece ser considerado esse singelo trabalhador do nosso teatro.

Os artistas que aquí aportam e daqui se vão meio indiferentes, nem esses sabem na verdade que o público que ali vae aplaudi-los, numeroso e inteligente, é uma creação apenas do esforço de Samuel que foi, sem contestação, quem restabeleceu entre nós o gosto pelo teatro de declamação.

Na verdade andavamos tão distanciados desse genero de espetaculos que figuras como Maria Matos, Aurea Abranches e Lucilia Simões não colheram entre nós os louvores a que faziam jús.

Chaby Pinheiro, com aquela sua sinceridade tão contundente, dizia-me uma vez indignado, que aqui não mais poria os pés.

E era justa a sua revolta.

Anunciada, numa **matinée,** uma comédia do Gavault, creio que **Mlle. Josette ma femme,** deixava de haver espetaculo por falta de público.

Foi o "Gente Nossa", com os espetaculos a preços populares — que recriou entre nós o vicio do teatro falado e voltou a colocar nossa platéa entre as mais cultas do país.

Ainda ha anos, numa das muitas crises do Gente Nossa, preparou-se uma reunião de interessados no Sta. Isabel.

Sobre todo aquele grupo, que discutiu, atribuindo a causas mais diversas a **panne** que ocorrera, a voz tronitoante de Samuel era a que dominava — não tanto pela sua violencia, mas pelo seu alto poder de convicção.

Ele soubera mais uma vez determinar com a precisão de um medico moral, a causa pouco tangivel mas real e unica da crise surgida e apontava os remedios energicos capazes de curá-la.

Houve hesitação mas o conselho foi seguido e o grupo se recompôs e continuou.

Certo que Samuel tem posto neste sonho toda a sua pequena economia de homem honrado.

Mas a campanha prosegue com surpreendente tenacidade e o grupo vae animando uma teoria de escritores e de atores e atrizes que nós nunca supuzemos existir entre nós.

A' frente de tudo e de todos, como deve ser um condutor, Samuel dá o exemplo do seu mérito, exposto em peças que se definem nos êxitos colhidos.

Seus conflitos se atêm de preferencia a casos pouco complexos — casos a que sabe dar uma vida pessoal.

Mesmo tratando um velho tema, já tão suficientemente debatido como o do **Mulato,** ele consegue estudá-lo sob um ponto de vista novo e capaz de interessar o público.

Quando amanhã se fizer o histórico do teatro brasileiro nesta terça parte de século será o nome desse singular espírito de **animateur** o mais justamente lembrado e considerado.

APONTAMENTO SOBRE INDIVIDUO, COLETIVIDADE E OUTRAS COISAS

(Especial para ESFERA)

AFONSO DE CASTRO SENDA

Não trago novidade alguma dizendo que, para todo aquele a quem prende a atenção o desenvolvimento das sociedades, é condição fundamental a propensão inata a uma ampla visão sobre o correlacionamento dos diversos fenómenos que movimentam a vida. O correlacionamento, digo: o abarcamento abstracto na medida em que exige um desenvolvimento de raciocínio — da interferência dos diversos "casos" — aquilo em que uns e outros se dependem e determinam mutuamente.

Um fenómeno nunca pode ser considerado como um fenómeno. Antes, isso sim, como uma parcela do fenómeno geral — a Vida. Claro: — cada parcela do fenómeno geral implica estes ou aqueles aspectos só a si respeitantes — e que são propriedade inerente a essa parcela do fenómeno geral. Isto, porem, é o caso em que o terreno, na medida em que se vai particularisando, entra num campo especialisado, numa sucessão, contínua das suas características de especialisação. Voltado, porém, o caso, para o lado em que mais se integra na plena e íntima função — os traços de especialisação vão entrando numa lenta dissolução, até se congregarem inteiramente com os diversos outros aspectos do fenómeno geral, — para o fenómeno que representam em bloco, — a Vida.

Evidentemente que a distinção aqui estabelecida entre o fenómeno geral e as suas parcelas, não significa que, neste fenómeno geral, a parcela fique excluida. Pelo contrário, ela é a razão directa (e indirecta) da sua existência — da mesma maneira que o inverso. O "caso" posto é muito outro: que o fenómeno geral, isto é, — a Vida que se revela na multiplicidade dos aspectos tem a sua expressão plena no pleno entrelaçar destas parcelas de fenómeno — e que na medida em que se acentua, assim, o fenómeno Vida entra no seu particular de gabinete; — que vai deixando de ser, portanto, o fenómeno geral expresso.

Assim, uma ideia mais concreta: — o estado de progresso ou de atraso das massas — e estas no alargamento contínuo do sentido da palavra — exprimem o índice geral — o estado de atraso ou de progresso do fenómeno Vida. O indivíduo, no grau de saliência que vai adquirindo, paredes meias consigo mesmo, revela o particular do fenómeno. E daqui, uma dedução naturalíssima: esta saliência que ele vai adquirindo como ser individual, — chamemos-lhe: a personalidade que vai realisando ou impondo, não representa, de forma alguma, uma desintegração, um afastamento, uma independencia do meio. Representa, sim, que ele vai acumulando — mercê do grau em que o meio o tem penetrado, um somatório de aperfeiçoamentos — que logo apoz entrados no seu sub-consciente volvem engrandecidos e apurados ao meio — a dissolver-se e a aperfeiçoar este; — e isto na continua realização e correspondência.

Basta-nos o que fica para mostrar que o individual é uma irrealidade na medida em que pretende sobrepor-se ou afastar-se do meio.

Idem o contrário, digo: o colectivo tem razão na sua própria maneira de afirmar: — conjunto de indivíduos, cujo aperfeiçoamento indica um aperfeiçoamento seu, isto é, desse mesmo colectivo. De resto é absurda a pretensão dos que se julgam superiores ao seu tempo, ou emancipados do colectivo — ou ainda dos que pretendem apresentar o indivíduo como oposto do colectivo. Porque afinal, assim como em linhas precedentes verificamos que a parcela e o todo se dependem mutuamente, assim o meio e o indivíduo se interferem tambem.

Falar em colectivo subentende: agregado de homens, conjunto de individuos. Falar em indivíduo implica a imediata percepção do particular do todo: — colectividade.

Agora desdobremos um pouco mais a questão, procurando a todo o momento iluminar o nosso "caso".

Alguns terão já depreendido destas palavras a conclusão de que, desde que o aperfeiçoamento do indivíduo, isto é, de cada particular, conduz ao aperfeiçoamento

geral, cada um deve preocupar-se só com o seu "caso" pessoal, ou seja: a cada qual compete o exercer acção sobre si mesmo — facto este que implicaria, desde que todos o praticassem, o aperfeiçoamento de todos. Mas, aqui está o que seria uma conclusão precipitada: a cada um não compete o seu "caso" pessoal visto mesmo que ele, como individuo — vimo-lo segundos antes — não chega a ter aquilo a que possa chamar-se realidade.

A cada um compete, não direi o contrário porque seria admitir o absurdo oposto; tampouco o centro porque aqui não se trata de centros nem de extremos; — todos os "casos" aqui são do centro e do extremo — capitais e acessórios, — secundarios e primordiais. A cada indivíduo compete, sim — viver. Ora viver significa entrar no contacto com o mundo, — expontaneamente, — airosamente, — naturalmente, — sem atitudes, gestos ou preconceitos antecipadamente feitos normas de vida.

Viver é tomar contacto com os outros homens, integrar-se no agregado social, — realizar-se no conflito de todos os instantes. E isto sem o receio, sem a ideia sequer de que a promiscuidade lhe deturpe os traços do seu individual, do seu aperfeiçoamento particular. Foi já apontado em artigo anterior, que o contacto com o mundo revela a personalidade maior e melhor. Decerto que cada leitor interpretou esta opinião pelo seu significado autêntico, — que era o de que, quanto mais penetrado do drama subconsciente do seu momento social, assim tanto melhor em qualidade, — e maior na dita — era a personalidade. Dir-se-á, agora: mas o que dele ficou — o que o impoz, foi o "caso" particular, o indivíduo. E muitas vezes esse indivíduo pode ter sido, mesmo teoricamente, um individualista. Exatamente; o caso esclarece-se, todavia, com poucas palavras: para o ponto primeiro, vimos já que o facto simples de se pensar: individuo, — subentende agregado social — colectividade. Para o segundo: — que não são as teorias professadas pelo indivíduo — neste caso as individualistas — que importam. Importa, sim, o sabermos que ele se apurou — se realizou no contacto com o meio. E que só este lhe permitiu o salientar-se, o impor-se.

●

Como foi apontado no começo, — é condição fundamental de todo o que se vota á compreensão do fenómeno social, uma ampla visão do correlacionamento dos diversos particulares, que formam o todo. E estes diversos particulares, longe de figurarem como estático, figuram com aspectos de renovo, inviolável e permanente. Assim, que nunca é possível analisar qualquer dos aspectos, tomando como razão o próprio aspecto em si — parado — o aspecto tal qual se apresenta. Porque o que é indispensável é encara-lo como aquela força que representa uma totalisação dos articulares antecedentes — a todo o momento dissolvidos e projectados nos particulares posteriores. Seja: totalisação dum passado dinamico, — determinação dum futuro igualmente dinamico.

Esta totalisação podemos compara-la, se quizermos concretisar melhor um passo anterior, ao proposto linhas atraz sobre fenómenos gerais e particulares. Assim, a totalisação — aliás impossível de definir — concentra toda a energia vital presente, o mesmo que é dizer que ela representa a unificação dos fenómenos todos, — aqueles de que é proveniente (síntese: — passado), e aqueles por si determinados (síntese: — futuro).

Não nos esqueçamos de que esta totalisação só teoricamente se concebe — sem contudo poder detalhar-se. Teoricamente, note-se, no que revela de raciocínio abstracto, — porém implicando uma realidade prática, — a tal que não pode teoricamente detalhar-se.

E é tudo isto que entra em abono do ponto colocado: — os factos isolados só são reais na medida em que se não afastam do todo (tenhamos em conta os casos de especialisação que, como vimos atraz, não contradizem este juizo), mais: na medida em que mais se integram no todo (aliaz cada um é por si só uma integração completa no todo) — na medida em que tomam aspectos de engrandecimento desse todo.

— E pouco? — é muito? — é mau? — é bom? —. Não é pouco nem muito nem mau nem bom. Apenas a realidade da vida de que somos expressão e determinação. Determinação e expressão contidas em si mesmas e mutuamente integradas.

Portugal.

Luiz Agassiz e o Brasil

(Especial para ESFERA)

ODILON NEGRÃO

A Cia. Editora Nacional, com "Viagem ao Brasil", de Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, lançou um dos mais belos e admiraveis volumes de sua já famósa "Brasiliana". Essa obra, escrita com tanto entusiasmo, com tanta poêsia e com tamanho amor, representa, no fundo, em seus capitulos marcantes, o inicio de um grande drama que Agassiz foi obrigado a viver, pelo arrojo de suas idéas, no palco da Ciência. Lendo-a, sentimos certa piedade por esse sabio maravilhoso, por esse professor de energias creadoras, por esse sonhador extraordinario que foi Luiz Agassiz.

Nascido nas montanhas da Suissa, nas proximidades do céu, Agassiz, por força, tinha que trazer na imaginação de contemplativo, azas para vôar bem alto. Mas que contemplativo dinamico! Que sonhador infatigavel!

Genio nas minucias e poéta-condoreiro nas generalizações, êle objetivou uma das obras mais gigantescas que foi dada a um homem de ciência realizar. Quando Martius, depois da morte de Spix, precisou de um naturalista para descrever os peixes recolhidos no Brasil, na sua viagem de 1817 — 1821, foi procurar Luiz Agassiz, então estudante na Alemanha. Desde essa época êle não perdeu mais de vista a idéa de um dia poder vir estudar a fauna de nosso paiz. Dedicado, mais tarde, ao Museu da Universidade americana de Cambridge, circumstancias especiais juntaram-se para lhe propiciar a oportunidade de realizar o almejado sonho: o auxilio financeiro do milionario Nathaniel Thayer e a generosa proteção de D. Pedro II.

O objéto primordial da expedição ciêntifica era estudar o módo de distribuição da fauna ectiológica fluvial nos grandes rios brasileiros. Organizada a expedição, que se compunha, além de Agassiz e sua esposa, de Jacques Burkhardt, desenhista; John Antony, malacólogo; Frederico Hartt e Orestes Saint-John, geológos; John Allen, ornitologista e George Sceva, taxidermista, a éla se agregaram, como voluntarios, Newton Dexter, Edward Copeland, Thomaz Ward, Walter Hunnewell, S. V. R. Thayer e William James.

Em 1865, em plenas guerras de Secção e do Paraguái, a "Thayer Expedition" chegava ao Rio de Janeiro.

Começa aí o maravilhamento de Agassiz deante da nossa natureza portentosa. E de tal módo a sentiu, de tal módo a éla se integrou, que não poude calar o seu entusiasmo, ante os quadros que se lhe desdobravam aos olhos. Personalidade impressionante e autoritária, sabendo colocar a ciência acima de qualquer interesse de ordem subalterna, Agassiz — como se tivesse sido tocado pelo nativismo da paisagem — rebelou-se desde lógo contra a classificação das palmeiras que por aqui encontrou:

"E' lamentavel, diz êle, haver-se despojado essas arvores majestosas dos nómes harmoniósos que devem aos indios, para se registrarem nos anais da ciência com os nómes obscuros de principes que só a adulação podia salvar do esquecimento. A *Inajá* tornou-se Maximiliana; a *Jará* uma Leopoldinia; a *Popunha* uma Guilielma; a *Paxiuba* uma Iriartea; a *Carana* uma Mauritia. A mudança dos nómes indigenas para nómes gregos não foi mais feliz. Prefiro certamente *Jacitara* a Desmoncius; a *Mucajá* a Acrocomia; *Bacaba* a Oenocarpus; *Tucuna* a Astrocarium; Euterpe, mesmo, a despeito da Musa, me parece um progresso mediocre sôbre *Assaí*".

Seus olhos, porém, abandonando a vegetação luxuriante, lógo se voltaram — e com que persistencia! — para a distribuição do *drift* errático. Essa visão que o perseguiu pelo resto da vida, levou-o a arquitetar uma das mais bélas e das mais falhas teôrias sobre o periodo de glaciação na zona tropical.

Seguindo para a Amazonia, a sua atividade polimôrfa, o seu saber enciclopédico e o seu desejo alucinante de guardar aquele mundo maravilhoso e imenso dentro de sua retentiva, forçaram-no a um trabalho de Hercules!

Classificando peixes, moluscos, plantas, quelonios, réptis, aves, insétos, mamiferos; estudando a geologia, o clima, a etnologia, a geografia, a historia; comparando, tirando conclusões ciêntificas e pondo em equação os resultados novos dos problemas ineditos que se lhe deparavam, — Luiz Agassiz ainda arranjava tempo para descrever os encantos da natureza, como obra de arte, vasando a sua imaginação em paginas que são poêsias emocionantes!

O homem não descançava, não dormia. E quem, como êle, poderia dormir naquela planicie explendorósa, mal enxuta das aguas do deluvio, onde plantas e animais, em milhões de fórmas e de aspétos, lutam, entredevóram-se, gigantescos e microscópicos, num delirio de seiva e em alucinações de morte?!

A Amazonia é uma hecatombe perpetuamente renováda! O micro e o macro cosmos, em simbióses incriveis, emprestam á imensa gléba a aparência caótica dos primeiros dias da creação! Tem-se a impressão nitida de que foi ali que Deus armou o cenario da Vida para ensaiar o drama do mundo! E o Creador, depois do ensaio, deixou espalhados na planicie, esquecidos, com os exageros de uma caricatura primitiva e barbara, o arcabouço das vistas, os bastidores e os artistas da peça genetriz!...

A febricitação de Agassiz atingira ao paroxismo. E não era para menos. Na bacia amazonica êle encontrou 1.800 especies de peixes, mais do que as então estudadas no Oceano Atlantico, o duplo das do Mediterraneo e dez vezes tantas quantas conheceu Linneu no mundo inteiro! Os seus trabalhos sobre a fauna ectiológica da Amazonia surpreenderam e ainda surpreendem os naturalistas, apesar do erro de êle a considerar em especies distintas, individuais.

Insatisfeito e desdobrando-se em energias poderosas, Luiz Agassiz enveredou, ao mesmo tempo que aos seus olhos não escapavam os menores aspétos da vida na planicie, pelos dominios árduos da geologia. Os "blócos erráticos" que encontrára na Tijuca não lhe saíam da imaginação. E deante dessa ciência pétrea, lidando com a rudeza agressiva das composições e decomposições telúricas, o sabio de Cambridge sonhou, romanticamente, com um poéta embriagado de emoções estéticas! A sua teôria da glaciação foi o poêma que a loucura da planicie tumultuária lhe inspirou!...

Estudando a geologia da depressão amazonica, Agassiz alvitrou a hipotese da glaciação: — um periodo frio que se sabe haver existido nas regiões mais proximas dos pólos — como origem da formação da planicie setentrional. Para justificar essa teôria, admitiu que os planaltos da Guiana e Central, respectivamente ao Norte e ao Sul, teriam sido o primeiro esboço do vale, determinado pela emersão de duas faixas do continente americano, em direção de Leste para Oéste. Essa conclusão estava de acôrdo com os resultados de pesquizas geológicas, segundo as quais, as primeiras porções da superficie terrestre acima do nivel das aguas, tendiam sempre a dirigir-se naquele rúmo, impulsionadas pela rotação do planeta, pela depressão dos pólos e pela rutura da crosta da Terra, no sentido das linhas de maior tensão.

Fazendo a exposição dessa teôria, diz Luiz Agassiz:

"A idéa de que existiu um periodo glaciário provocou riso quando foi pela primeira vez emitida. Hoje é um fáto consagrado. Si ha divergencia de opinião é simplesmente quanto á extensão que tal periodo abrangeu. Ora, a minha recente viagem ao Amazonas me permitiu ajuntar mais um novo capitulo a essa estranha história, e é a propria região tropical quem o fornecerá. Quando a história da edade do gelo fôr bem compreendida, verse-á que, si alguma coisa ha de absurdo, é justamente supôr que uma condição climatológica tão grandemente diferenciada tenha se podido limitar a uma pequena porção da superficie terrestre. Si o inverno geológico existiu, êle deve ter sido cósmico, e é tão racional procurar-lhe os traços no hemisfério ocidental como no oriental, ao sul como ao norte da linha do equador".

Apesar de não ter encontrado nas regiões visitadas (Rio, Pará, Amazonas e Ceará), as inscrições glaciárias, as ranhuras, as estrias, as superficies polidas tão carateristicas sôbre os terrenos percorridos pelas geleiras, Luiz Agassiz não desanimou e continuou acreditando na veracidade de sua teôria. Fundava-se êle, primeiro sôbre a natureza dos materiais do vale do Amazonas, cujo carater é exatamente análogo ao dos materiais acumulados no fundo das galeiras; depois, pela semelhança da terceira formação amazonica, a superior, com o *drift* do Rio de Janeiro, de cuja origem glaciária êle não podia duvidar; e finalmente sôbre o fáto de que aquela bacia de água doce, em épocas remótas, devia ter sido fechada do lado do Atlantico, por uma poderosa barreira. A destruição desas estacada, como era natural, deu escoamento ás águas e causou incriveis desnudações em toda a imensa extensão do vale potamico.

Quanta celeuma provocou essa teôria! Quanto sonho desfeito! Quanta ilusão perdida para sempre! Darwin e Heckel contrariaram Agassiz, severamente. E as investigações ulteriores de James Orton e Frederico Hartt invalidaram de vez a béla e caprichosa arquitetura mental do sabio de Cambridge, explicando pela exfoliação os fenomenos que Agassiz atribuia á ação glacial.

Mas a vida é uma eterna continuidade. As idéas, encadeadas, — frutos de noites mal dormidas e de reflexões profundas de varias inteligencias — estabelecem, mais cedo ou mais tarde, a Verdade. Cada homem dá um pouco de si para a construção do monumento daquilo que hoje, filosoficamente, chamamos Razão. Nada se perde na natureza. O proprio erro é uma necessidade, é um recurso de que, muitas vezes, se serve o raciocinio para a demonstração da Verdade. O erro de Luiz Agassiz, a visão enganósa que êle teve, relativamente ao periodo de glaciação na zona dos tropicos, serviu para que outros se preocupassem com os problemas que o empolgaram e ratificassem os exagêros da sua famósa teôria.

Frederico Hartt, que tornou ao nosso paiz em 1867, e que antes tomára parte na "Thayer Expedition", na qualidade de geologo, assim se expressou sôbre as afirmativas de Agassiz:

"Nada diria sôbre a falta de harmonia entre alguns dos meus resultados geológicos e os do dr. Agassiz, se não tivesse o receio de injuriar o meu honrado professor com o meu silencio. Êle não baseou a sua teôria da estrutura do Amazonas inteiramente sôbre seus proprios estudos. Informações incorrétas o enganaram. (1) Eu não vi vestigio algum da ação das geleiras no vale amazonico. Se êle tivesse visto a metade dos fátos que felizmente encontrei, estou certo de que não teria proposto a sua teôria".

E John Branner, em sua obra "A suposta glaciação do Brasil", estudando a formação dos chamados "blócos erráticos", assevéra:

"Ha tempos levantou-se a hipotese de que esses blócos haviam sido espalhados no Brasil pelas geleiras, durante a época glacial. Entretanto, estudos posteriores mostraram que êles se originaram proximo ou mesmo no proprio logar onde se encontram, pelos processos da exfoliação e decomposição. As "furnas de Agassiz", em Tijuca, são acumulações de blócos de decomposições, tendo a sua origem nas serras circumvisinhas".

E explicando melhor o fenomeno da exfoliação, diz Branner, na sua "Geografia dinamica":

"Todas as rochas expostas estão sugeitas ás mudanças de temperatura; isto se verifica especialmente nas camadas superficiais. Mesmo nas regiões do Brasil, onde a temperatura não vai abaixo de zéro, as rochas expostas sofrem uma mudança de temperatura na superficie, de cerca de 57 graus C, isto é, a temperatura ao sol. Durante as horas mais cálidas é cerca de 65 graus C., emquanto á noite, a temperatura póde caír até cerca de 8 graus C. O efeito último de tais mudanças consiste na desintegração das rochas e no exfoliamenot délas, formando matacões (enormes pedras soltas) de decomposição e até arredondando os proprios morros e montanhas".

E mais adiante, nessa mesma obra, sôbre a mesma questão glacial, infórma Branner:

"As argilas vermelhas, que por toda a parte formam o sub-sólo da serra do Mar, eram consideradas como *tili*, ou argila glacial. Essas, porém, são apenas os produtos da decomposição *in situ* das rochas cristalínas da região. Em parte alguma do Brasil tem-se encontrado uma rocha estriada *in situ* ou um blóco estriado, ou qualquer outra próva evidente e indubitavel da ação glacial durante o periodo pleistoceno. As serras do Ceará, que foram consideradas por Luiz Agassiz como sujeitas á glaciação, são tambem serras de granito que por toda a parte mostram a exfoliação carateristicas dessas rochas. As fraldas das serras de Aratanha e de Pacatuba não exibem tão pouco morêna alguma." (2).

Em "Viagem ao Brasil" ha outros erros de observação que não podem ficar sem reparos, muito embóra não seja nossa intensão analizar todas as falhas desse trabalho. Queremos nos referir, agóra, de passagem, aos estudos etnológicos realizados por Agassiz no vale da Amazonia. Nesses estudos, apenas esboçados em "Viagem ao Brasil" e, depois, desenvolvidos em "Da Especie e da Classificação", Agassiz defende a preconceituósa teôria do valor negativo dos mestiços e refere-se do módo mais pessimista sôbre o futuro das

ABC de João e Maria

(Especial para "Esfera")

Em geral, os livros infantis são livros adultos. De grandes que nunca fôram pequenos. Porque a noção errônea é um estado de nascença e ha gurís por fóra inteiramente de bigódes por dentro.

Marques Rabello e Santa Rosa andaram com os outros, os errados que põem certezas no mundo.

"A B C de João e Maria" parece memórias.

O espanto... O encanto... A ternura... Tudo de verdade. De alegria do "A... ar... Viva ao ar livre" á zombaria do "Z... zebra... O jardim zoologico é grande... E entre o princípio e o fim, coisas que pertencem a todos mas que nem todos têm.

João e Maria hão de se reconhecer. Dos sentimentos constuirão idéas como na praia transfórmam areias em torres. Aprenderão as letras pelas realidades que já sabiam. E ficarão sabendo as palavras creadas pelas letras.

Depois, é provavel que pensem:

— Ora, um livro assim nós tambem podemos fazer!

Não creio que Marques Rabello e Santa Rosa ambicionem glória mlhor.

A "Nestlé", que dá ótimos alimentos ás crianças do Brasil, é quem oferéce a élas o "A B C de João e Maria".

ALVARO MOREYRA

populações heterogeneas da Amazonia. "O resultado de ininterruptas alianças, diz êle, entre pessoas de sangue misturado é uma classe de individuos em que o tipo puro desapareceu, e com êle todas as bôas qualidades fisicas e morais das raçs primitivas, deixando cruzados, que causam horror aos animais de sua propria especie entre os quais não se descobre um unico que haja conservado a inteligencia, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de raça pura o companheiro e o animal prediléto do homem civilizado".

Este conceito de Agassiz, que foi seguido, mais tarde, por Euclides da Cunha, não chega, felizmente, a se aproximar das sandices antropológicas de Gobineau, nem dos mugidos racistas de Hitler e Mussolini.

Euclides acreditava que a mistura das raças era prejudicial: — "O mestiço é quasi sempre um desiquibrado; os nossos, em particular, mulato, cafuz ou mameluco, são decaídos, sem a energia dos ascendentes selvagens, sem a atitude intelectual dos ascendentes europeus". E depois desta fráse retumbante e ôca, coube ao proprio Euclides desmentir-se brilhantemente, pois que o jagunço dos "Sertões" é mestiço!

Iriamos muito longe se desejassemos entrar em maiores e mais largas considerações sôbre essa questão tão debatida e ainda em fóco.

O individuo é resultante de multiplos fatôres, sendo e mesolófico, (num sentido amplo) — com todo o cortejo de seus componentes: clima, alimentação, instrução, economia, etc., um dos que mais preponderam sôbre a sua organização e estabilidade biológica. O problema da mescla racial, para ser devidamente estudado, deve levar em conta esse fatôr decisvio, além de outros, não menos preponderantes, dentre os quais salientamos o psiquico.

O homem da Amazonia visto por Agassiz (e de Agassiz até hoje, desgraçadamente, é o mesmo homem, é um martir (nunca um ser inferior) que, roído pelas fébres, comido pelos vérmes, sem escolas, sem higiene, sem assistencia, vaguêa pelos igarapés em sua humilde "montaria", levando a sua miseria fisica a todas as partes daquele inferno de agua-doce. Num meio assim, desprovido das mais comesinhas necessidades humanas, como seria possivel viver e se reproduzir um tipo racial perfeito e forte? O heroi da Amazonia foi observado, apenas, como individuo. Esse o erro de Agassiz. Se o sábio de Cambridge o tivesse colocado dentro do meio em que êle vegéta, dentro do seu proprio martirio, certo lhe teria dado um altar no culto de sua admiração.

---

(1). — Hartt, naturalmente, quiz se referir ao major Coutinho, brilhante naturalista patricio, que acompanhou a "Thayer Expedition" em sua viagem a Amazonia. Essa velada alusão, no entanto, é das mais injustas. Luiz Agassiz, segundo êle proprio confessa nessa obra, fez suas observações *in loco*.

(2). — Morênas: — fragmentos de rochas, areias ou lama, que cahem nos lados das geleiras e ali fazem acumulações que são transportadas á medida que o curso de gelo se movimenta.

Agosto de 1938.

PROCISSÃO

INÉDITO PARA ESFERA

NELIO REIS

O sol lá em cima aumentava o valor da devoção, esquentando os pés descalços e obrigando o povo a suar. A turma amarra os lenços na cabeça e abriga-se com as folhas do jornal catolico que o Padre distribuiu entre todos. Mas outros aguentam a soleira toda, porque na certa a Santa deve estar notando satisfeita o sacrificio deles.

Bilá já não aguenta mais. Agora até a cabeça está doendo. Queixa-se medrosa:

— Não vá isto me fazer mal...

Lembra-se dos conselhos da sua amiga Chica Feitiço. Dirfarça.

— Eu não acredito, mas me disseram que quando a cabeça está doendo é só segurar bem e dizer assim: mara, mara, mara, tim! Passa logo.

Aproveita e vai fazendo os gestos porque no intimo ela acredita mesmo.

Everaldo passa o lenço pelo rosto suado:

— Este sol nem parece catolico.

Oceanira sorri para ele, um sorrizo distante de quem parece que não ouviu. E' que seu pensamento está longe, procurando acompanhar um uniforme branco, enfeitado de amarelo, dansando no corpo franzino de Buzuquinha.

Passa uma cabocla com um tronco de cêra, salpicado de encarnado como se fossem feridas. Ela tem o ar convicto de quem agradece um milagre. Everaldo fica pensando na sua mãe que deveria estar acompanhando a procissão em Belém, carregando promessas custosas com as quais pagava á Santa as graças de tel-a posto bôa da gripe, encontrado o seu anel de brilhante e conseguido uma cosinheira que soubesse fazer arroz á franceza.

Chegaram ao Largo. O pessoal comprimia-se na igrejinha velha, entrando e saindo aos empurrões, quebrando a cêra das promessas, com o sentido em ir logo para casa preparar o almoço avantajado daquele dia votivo.

Oceanira tentou entrar, mas não conseguiu: o padre começara a pregar, a igreja estava apinhada.

— Desisto.

E afastaram-se um pouco por entre as barracas enfeitadas com largos reclames errados, anunciando que ali se vendia "servejas e pastels fresquinhos". As bandeirinhas encarnadas diziam que se devia tomar assaí ou tacacá. E o povo tomava mesmo, nas largas cúias pintadas.

Everaldo olhava curioso aquele movimento todo, ele que lá em Belém só frequentava o Pavilhão da Vesta e o Grande Hotel.

Oceanira ia varando contente por entre o povo, olhando a caroucel cheio de crianças ruidosas bancando Tom-Mix.

Um sujeito olhava desejoso.

— Se arrede, seu marmanjão, isto aqui é só pra gurí.

O caboclo afastava-se desconsolado, porque ele bem que queria esperimentar se aqueles bichos de páu eram iguais ao seu trotador que deixara lá no sitio.

O Largo estava todo enfeitado de bandeirinhas de papel, que o vento fazia dansar toda hora. No corêto do centro estava tocando a celebre Banda Municipal da Vigia, especialmente convidada pela Prefeitura. Cipriano era o maestro, têso como ele só, metido na farda branca engomada. A molecada toda ficava trepada pelas grades, caras sujas bem perto dos instrumentos para ouvir melhor. Cipriano deixava-os treparem: eram ouvintes certos e aplaudiam entuziasmados os dobrados de sua autoria. Quando a banda acabava de tocar, a pirralhada toda saía pelo Largo assobiando a sua musica. Ele seguia atraz dos moleques, assustando-se todas as vezes que ouvia um sopro errado.

— Concerta esta nota, moleque.

Depois afunilava os labios e saía fazendo côro com a turma.

Everaldo sentia inveja de ver Oceanira meter-se entr eo pôvo, à vontade, perfeitamente natural:

— Olá, minha tia, como tem passado?

A mulher parava, concertava o vestido e esticava o pé de proposito para mostrar o sapato novo da festa:

— Não vou como a senhora, professora, mas vou passando.

Everaldo olhava e sabia-se incapaz de ser assim. Tinha nôjo das camisas pobres dos caboclos roçando-se por ele. Enjoava-o cheiro dos cigarros de palha. Era a mesma sensação de mal estar que sentia sempre que tentava pôr-se em contacto com a gente humilde e doente do hospital de caridade.

Bilá, porém, estava mais agoniada que ele por causa do pé dolorido.

— Vamos, d. Oceanira.

Bilá seguiu na frente, reforçando o convite. Eles sairam atraz, livrando-se do sol nas intermitencias que a sombra das arvores fazia.

Chegaram. Bilá retirou-se apressada:

— Bem, minha gente. Deixem eu ir cuidar da boia sinão d. Dionéa me come vivinha.

Oceanira despediu-se. Ele prendeu-lhe as mãos entre as suas e ficou dizendo-lhe com os olhos um mundo de coisas.

Quasi se assustaram quando viram Araujinho que voltava do Largo. O garoto fez questão de demonstrar que os tinha visto de mãos dadas:

— Parabens, professora.

Deu mais uns passos e voltou correndo para Oceanira:

— Lembranças pra Buzuquinha...

Estava combrando a cumplicidade.

Eles sorriram. Everaldo voltou a prendar a sua mão.

— Já não invejo Araujinho: agora eu tenho a noiva mais linda do mundo.

Puxou-a docemente para si e deu-lhe um beijo, um beijo longo como uma promessa de felicidade.

— Você vai a noite ao Largo?

— Não sei, Everaldo, depende de Bilá.

— Diga á minha doente que foi o medico quem recomendou o passeio. Está combinado?

— Está combinado.

Separaram-se. Ela ainda ficou parada na porta, olhando seu vulto desaparecer pela ruazinha empoeirada.

Pela primeira vez, lá na pensão, d. Guiomar ouviu Everaldo cantar alegre no seu quarto. Comentou com a filha:

— Nosso doutorzinho parece que viu o uirapurú hoje...

(Trecho do romance: "O Rio Corre para o Mar")

A noção de tempo

A proposito de dois livros

(Especial para ESFERA)

RUY LUIZ GOMES

Nada mais agradável para quem trabalha num meio acanhado como o nosso, do que receber, de quando em vez, alguma confirmação autorisada de uma ou outra tentativa de vulgarisação do que se diz e se pensa no mundo culto da actualidade.

Mesmo quando se tenha a íntima convicção de estar no bom caminho, não deixa de surgir a dúvida, a desconfiança. Será de facto assim, estaremos a definir com justeza o aspecto dominante, as grandes linhas do pensamento moderno? Sempre a dúvida pertinaz de quem se sente só, num ambiente de franca produção cientifica. Ora, à primeira leitura da *"Introdução da Física"*, por A. Einstein e Infeld e *"A noção do tempo"*, por Esclangon, dois livros recentemente publicadas e que estudam, embora sobre aspectos diferentes, alguns dos mais interessantes problemas de filosofía cientifica da actualidade, logo à primeira leitura, repetimos, não podemos deixar de os confrontar com o *"Pensamento Positivo Contemporaneo"* de Abel Salazar.

E' que em ambos esses livros, cuja leitura aconselhamos aos leitores desta Revista e especialmente aos que desejem sincronisar a sua cultura filosófico-cientifica pelo ritmo actual, se encontra com efeito uma belíssima confirmação do " Pensamento Positivo Contemporaneo".

Prova evidente, portanto, de que o seu autor, transpondo os limites acanhados do meio, soube traduzir as grandes linhas da moderna filosofia científica.

"A Evolução da Física" que é um livro de vulgarisação, e se destina, portanto, ao grande público, traz o nome de Einstein e tanto basta para nos marecer um carinho especial: é o genial creador da Relatividade que nos fala das suas próprias realizações. E é agradável e consolador tomar contacto com a grande figura mental e moral de Einstein — o proscrito do III Reich — acompanhando-a a uma nova exposição elementar das suas célebres teorias.

Ao percorrer as páginas admiráveis de clareza e simplicidade deste livro de vulgarisação, sentimo-nos mais proximos do Homem, aquele que dominando com o seu génio incomparável a insignificancia dos preconceitos racistas, nos tem dado a todos um raríssimo exemplo de grandeza moral!

Célebre como sábio e firme como caracter, merece a homenagem constante de todos os homens livres!

O segundo, escrito por um astrónomo — Esclangon é director do Observatório Astronómico de Paris — tem a calma e o rigor de quem se habituou a admirar e interpretar os movimentos dos corpos celestes.

Da-nos por isso mesmo, logo de entrada, uma sensação forte e *rassurante*, enchenos de confiança e guia-nos com mão de mestre atravez do domínio delicado e resvaladiço onde o lógico e o experimental se entrelaçam continuamente.

Einstein — Desenho de Abel Salazar

Um e outro, completando-se fornecem-nos os elementos suficientes para podermos analisar e a seguir construir a noção tão discutida e tão actual de tempo.

E é precisamente atravez dessa noção encarada nas suas múltiplas significações — metafísica, psicológica e física que mais flagrante se nos revela a justeza e actualidade dos pontos correspondentes do *"Pensamento Positivo Contemporaneo"*.

Com efeito aí podemos encontrar convenientemente estudados e perfeitamente separados — o aspecto "convencional", arbitrário do tempo enquanto conceito científico e o aspecto imediato, intuitivo de tempo psicológico. Ao passo que o primeiro se revela de uma larga aplicação, com uma estructuração lógica reflectindo directamente o estado da física, da qual deriva e cuja evolução acompanha constantemente; o segundo, ao contrário, tem um dominio de *aplicação* de limites particularmente estreitos, para alem dos quais se tornam puramente ilusórios.

A simultaneidade, acompanhando imediatamente a noção de tempo, apresenta igualmente os dois aspectos: o subjectivo ao imediato, e o objectivo mediato e convencional.

Síncrono é o que se vê, se ouve, se sente no mesmo instante, mas objectivamente e a distancia, síncrono exige a intervenção de medidas de velocidade, que exigem por seu turno a sincronisação de relógios: *dá a indeterminação do síncrono .objectivo.* E' em volta desta destrinça, sincrono subjectivo e objectivo, que gira toda a crítica de Einstein.

Como se vê, no que diz respeito a simultaneidade como no que diz respeito ao Espaço-Tempo, a crítica relativista tem como resultado libertar o pensamento abstracto das peias da intuição.

"Desta forma o pensamento cientifico encontrava-se entravado não somente com a tirania do intuitivo, e confusão do subjectivo e o objectivo mas tambem com a extensão absoluta do intuitivo transposto em absoluto metafísico" (1).

Esclangon, no livro que vos citei, diz-nos:

"A extensão da noção de tempo individual imposta pelo jogo da nossa organização a um ser de certo modo infinito, mas inconcebível dominando o Universo e dotado de uma consciência à imagem da nossa, deu origem à *ilusão* de um tempo realmente existente, independente de todas as coisas e foi preciso o aparecimento da Relatividade para a banir, não sem custo, do espírito dos homens cultos.

Desta maneira, o domínio da ciência foi consideravelmente enriquecido e a ciência deu um grande passo para novas conquistas".

"Em resumo, fóra dos tempos definidos convencionalmente por medidas físicas e que são uma criação da Ciência, não existe senão o tempo subjectivo, próprio a cada ser pensante e cuja natureza intima se conserva misteriosa, obscura e impenetrável".

A simultaneidade por sua vez é *completamente convencional*, sem significação profunda".

Na conclusão a páginas 69 volta a afirmar: "O tempo não tem existencia em si, a noção que todos nós temos é subjectiva e deriva da nossa própria organisação biológica e mental.

Nós projectamo-la no mundo exterior e depois é que tiramos a ilusão irrestistivel de um tempo absoluto e universal".

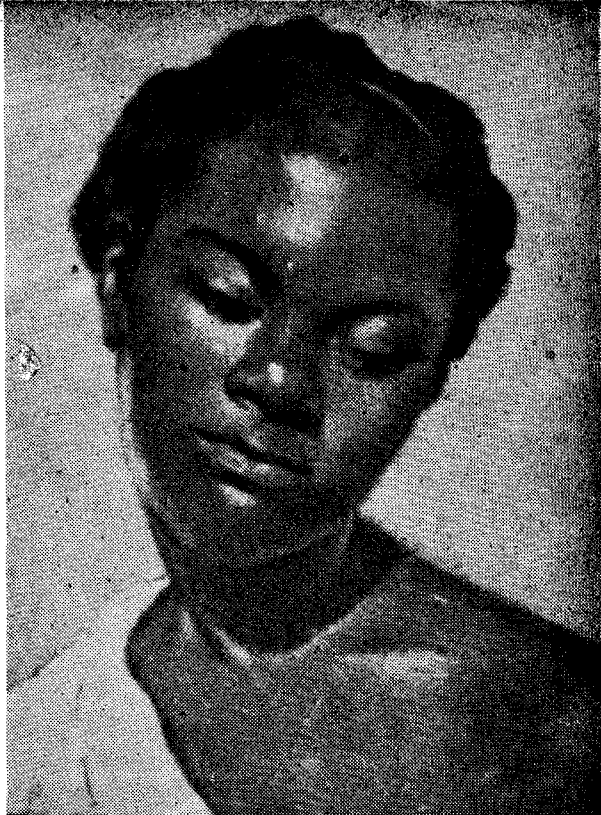
O tempo cientifico é convencional; assenta sobre as medidas físicas coordenadas de formas diferentes e até certo ponto arbitrárias".

Estas simples transcrições elucidam o leitor sobre a concordancia dos pontos fundamentais destas duas exposições e, ao mesmo tempo, fornecem-lhe elementos suficientes para a formulação actualisada do interessantíssimo problema do tempo.

(Portugal)

(1) *Abel Salazar.*

Gilda Moreira

SILVIA

Gilda prepara uma exposição de retratos. Fui ao seu atelier — uma grande sala transformada em galeria. E' sempre interessante e curioso penetrar nesses ambientes. Assistir o surgimento da Forma que seres humanos sentem e constróem exteriorizando. Penetrar no dominio da arte encontrando-a realizada plenamente, como "emoção e forma" (Abel Salazar).

Pintando retratos, Gilda Moreira faz ensaios de psicologia aplicada. Sintetisa de uma maneira surpreendente. Reflete os complexos e dá aos recalques das criaturas um aspecto de superficie que não perturba nem deprecia. Através seu temperamento, o humano não se deforma; conserva a sua atitude natural que a personalidade de artista não castiga. No encontro do objetivo com o subjetivo, vence sempre a verdade fisiológica. O movimento é expontaneo e impressiona suavemente. As cores são utilizadas com rara felicidade. Não ferem, repousam o olhar. O azul principalmente tem sempre um relevo original. O branco tambem se exalta com expressão.

A minha percepção acompanhou a evolução de Gilda, passeando o olhar pelos quadros que cobrem as paredes da sala. Lá estava um motivo liturgico *(Implorando)*, legitimo modelo de pintura clássica. Aliás uma obra bela. No cavalete, em retoques finais, o óleo que se ultima — o retrato de Goya Pilar. Técnica moderna. Libertada. Pinceladas largas. Cores definidas: uma noite azul forte, um vestido branco de grande dama. Verdadeira reprodução do modelo exibindo carne viva, mesmo sob as vestes. Uma figura viva.

De todos os trabalhos de Gilda, o mais saliente é a sua "Negra". Nela é que sua arte tem sentido marcante e bom. Sem preconceitos, serve. Mostra o ser como ele é. Imprime ternura, amor, ingenuidade, pureza e silêncio nessa mulher de uma raça heroica e mansa. Não cria anatomias monstruosas para comunicar revolta. A sua arma é doce. Na "Negra" de Gilda compreendemos o ser humaníssimo, todo sofrimento, todo esperança, na sua serenidade estoica. Nela é que a pintora penetra mais fundo, com mais detalhe do que nos tipos de sua classe.

Outros exemplares das classes desfavorecidas devem ser focados por essa mulher compreensiva e sensivel. O mulato. O indio. O caboclo. O português. O brasileiro anemico e moreno. Realizados, sua obra, mais ampla e sobretudo poderosamente do Brasil, constituirá documentário de uma idade. Ultrapassará seu tempo. A arte vale, diz Afonso de Castro Senda, *como fenomeno integrado e dissolvido na mecanica materialista das coisas. Nem espiritualidades puras, nem materialidades absolutas. — Complexo de alma e corpo, de materia e espirito. Revelação vivida da essência viva.*

(Especial para "ESFERA")

A fala soturna do grande desterrado

ANUVIADOS e melancolicos tempos de inverno!
Porque tanto frio?
Onde estaes, oh auróras primaverís
dos livres debates
que arejam a consciencia?
Os tempos são de inverno...
Anuviados e melancolicos.
E, no entanto, eu quizera fazer grandes cousas.
Eu sou o grande desterrado.
Reclamo justiça e esmagam-me
com pesadas burras repletas de ouro.
Aos meus clamores de Paz
respondem, sinistros,
o uivar dos canhões,
a vóz da metralha
que mata mulheres,
os berros tremendos das grandes bombas
estraçalhando creanças
em cidades abertas.
Eu sou o grande desterrado.
Eu vou para o Mar!
Recebe-me, oh mar infinito
das grandes angustias humanas!
Recebe-me e embala-me
ao seio das tuas dôres profundas
que serão balsamo
para minhas feridas sangrentas!
Recebe-me e embala-me
ao som das cantigas tristes dos que sofrem!
Recebe-me, oh mar!
Um dia voltarei.
No dorso encrespado e espumejante dos vagalhões em furia.
Eu sou o raciocinio.

(Especial para Esfera)

Nilo da Silveira Werneck

PROGRESSO

(Especial para Esfera)

MARIA RAQUEL

Cabecita dormente meneando sob a capela á zamparina, palmito amarfanhado debaixo do braço rijo, todo carregado com os brilhos do cangalheiro, quando o menino chegou ao Deposito Central dos Anjos ia mesmo uma miséria.

Pelo trôpego da passada, lá dentro disseram: — Engano de porta. Mais uma velha gaiteira que deu crédito á pintura da face, e saca sobre a meninez á conta dos besuntos do droguista.

Mas afinal não. Ao abrir o porteiro, era o Lauzinho, o Lauzinho da Tojeira, com os seus três anos e umas ricas botas. Muito queixoso dos boleus do enterro.

Esteve de bico erguido, a resfolegar, olhito gredelim virado á banda como os pintos sequiosos, e depois pediu:

— S. Barba, tiras-me as botas?

O santo viu:

— Ena que janotas, fedelho! Pena os golpes, e o surrado. Quando morreste tu, ó Lau?

— Morri ontem, S. Barba, por volta do arfar dos trigos, quando o sôpro da tardinha faz a vida das searas. Quando se vê que a terra existe, sabes? Eu tinha a maligna, aquela que dá nos meninos e no gado conforme o virar das luas. Meio dia corrido, pôs-se-me um nimbo verde em redor dos olhos transviados, uma gota de suor uniu as duas farripitas que me caem na testa. E como o nosso galo cantasse, á hora a que não costumam cantar os galos, na alma da minha mãe anoiteceu. — José, o nosso menino morre! — gritou ela para o José meu pai. Eu ouvi, e lembrei-me da procissão da Ajuda, o ano passado, a primeira vez que calcei botas e parecia que o andar do figurado, o bambelear da Senhora, lá no alto, o fun-fun dos trombones, o badalar dos pendões, ia tudo ao compasso do que o mordomo mandava, bem puxado a cordelinhos. O Lau tinh aos óleos, não quís faltar á marcação. Esperou que o olhar da mãe viesse beber ao seu olhar, como á fonte no deserto. Então preguntou cá para cima ao teu patrão, mordomo-maior dos ceus: — Pai de todos, morro agora? Ele fez que sim com a barba e eu morri.

— Não tiveste pena da tua mãe, marau?

— Os meninos do meu tamanho só têm penas no livrinho da terceira classe. Na verdade, somos pão asmo, S. Barba, e o sabor no pranto das Dolorosas. Eu era o filho, velhote, quem chorou foi ela. E' da praxe. Tiras-me as botas?

— Bom, então passe de lá os pedestais, D. Badameco.

O santo curvou e pasmou:

— Mas tu vens com uns pés impossivel, Lauzinho da Tojeira! Que mafarrico te deu neles que tos pôs tão mirradinhos?

— Pecados de quem vê curto, o povo chão fabrica a sua miséria. Isto... Olha, conheces a Felícia teceloa, lá do sitio, a tal farfante de meter o mundo inteiro á sombra redonda da saia? Conheces. Pois essa, vai para ano e pico, pela Ajuda, notava umas botas faladas, de tão porreiras, no seu rebento Julião — sim senhor, o tuno ranhoso que vinha á surrelfa lamber-me as papas da conca, mal a minha gente dava costas. Estás a ver, inchou como só ela. Que lhe tinham custado belo par de libras a um mercador de Braga, que ninguem mais as tinha, nem tivera, nem teria, que olarila, olarila, olarila! Ih, o nariz da minha mãe, santinho... Num relampago de rabitesga, no dia em que lho disseram, disparou para casa a pedir ao pai duas libras para o Lau tambem ir catita no dia da Senhora. — Hei-de pô-la da côr do cidrão, áquela papa-Deus — dizia num arreganho.

— E o teu pai deu-lhas?

— Ná. Manso, de arrazado, a descansar da enxada, cuspiu para o lado e respondeu:

— Só tenho o dinheiro das rendas, e não lhe bulo. Deve-se na tenda.

Enfreneziou a minha mãe, não comeu, não dormiu, deu em moer-me de surras. E o pai tambem deu, daí por diante, porque ela não lhe andava ao jeito nem de dia nem de noite. Demo das botas! Tão vaidosa delas a senhora Felicia, e vai quem nas pagava era — com licença á companhia — o riquinho do meu tu-tu.

Já lá vinham vésperas de função: pão fôfo, galinhas sem pena nem voz na cozinha do sr. abade, comprado o fogo e o sermão, uma febre tensa no olhar da minha mãe. O pai negava as botas com um murro na arca, a Felicia apregoava as ditas.

Daí, uma tarde passava na estrada o sr. Zézinho de Pardielos, a quem tratavamos de fidalgo porque se arranjava na vila a pagar menos dizima que nós. Este mirava sempre a mãe de revés, mas triste, meio-riso escapado do bigode, uma fome surrateira ,uma imploração, nas pupilas deslavadas. Eram derriços de solteiros, ele usava cheirinhos baratos por compensação de ser atado de génio. Para se fazer sentir, quê!

Dessa vez a mãe salvou, ao costume, ofereceu de beber. Porém ao vê-lo partir, não sei que de repente lhe lembrou. Ergueu-se, afogueada, perdida de todo, e abalou atrás dele. Enfim, atrás das botas.

Por uma hora estava em casa, muito branca, muito linda, tôda cera a meia-luz, a trança mole e cheirosa a erva quente, os quadris vagarosos. E duas libras atadas ao canto do lenço.

Sem gosto, disse: — Amanhã vou a Braga comprar as botas. A Palmira oferta o dinheiro ao afilhado.

— Anda, que traz a bolsa folgada — embasbacou o pai, mais para lhe falar de bom modo

do que interessado pelo dom. E foi recolher o gado mais cedo, para fazerem as pazes na cama.

Assim tiveste tu, S. Barba, este Lau casquilho sape sape na procissão, assadinho de calor, com seus pés papudos arroxados numa botas iguais ás do Julião, frisado a preceito — sempre me arrepelaram, as comadres! — caçapo muito preso aos dedos da mãe, e esta muito direita, sempre tão branca e alheia que se esquecia de ir ufana.

O pior, meu santo, é que as botas á moda de Braga me aleijavam de grande. Cuidas que se me deu de o mostrar? Berrata tamanha nunca mais tiveram os restolhos da Ajuda. Correu mundo:

— Tira-lhe as botas, mulher, isso é dos pés. Já tem as perninhas roxas.

E' o tiras! Inquieta, doida de pena, trágica sem ninguem dar por isso, a mãe não me descalçava. Nem nessa hora nem nunca mais. Chamou-me nomes, abanou-me, por fim pegou-me ao colo e tapou-me as pernas com o avental para se defender dos olhares d agente. Atoxou-me de caramelos, e dormi então, gasto de lágrimas, o resto do meu dia de menino escorreito. Quando acordei na solidão do monte, á volta da romaria, os braços dela atados ao meu corpo tremiam com os soluços. Os beijos que me dava tinham febre, e brusco amor de pecadora.

Depois foi o inferno. O Sr. Zézinho levantára os olhos, por trazer consigo a avidez dos acanhados uma vez atendidos. Onde estava a sombra da minha mãe estava ele, a dar-lhe insultos, acenos de libra, a chorar de gôso invocado. Aliciante, como de fruta dura, trazia na lingua o sabor dos peitos azedos de suor furiosamente palpitando por nove mil reis. Isto prende um homem, santinho do Senhor. Morria-se aos poucos — pobre em danação de teres perdidos. A madrinha Palmira, porque a mãe lhe negara a ultima renda de lençol, correu-a no regueiro, a dizer que ainda um dia havia de falar.

Ela... ó S. Barba, como um capricho de camponia se paga mal com umas botas! De noite, se eu acordava, ouvia-a soluçar por entre as pragas do pai meio desconfiado, que não a entendia, tão vária de modos, tão tonta, com aquela ferrada de não me tirar as botas nem a tiro.

— Boto-me á água se o descalças — uivou a triste quando ele me quis libertar daqueles tormentos de Braga. E não havia chama-la á razão. Ensandecia-a a ideia de ver o seu corpo — o seu inferno de agora — avaliado pela mesquinhez de um cabedal que não serve. Precisava de valorizar as botas, de lhes dar no mundo a cotação duma honra, duma vida! Vender-se sem desejo, por nove mil réis, e as botas não me servirem, a mim, ao seu Lauzinho!... Desvairava.

A's vezes, macerada, á frente de gente preguntava-me: — E' perrice tua, meu ceu, não te doem ora não? Gostas muito das tuas botas, pois gostas? Qual, não ha quem lhas tire vêem vomecês?

Eu já sabia. Se dizia que sim, que gostava, tudo era uma satisfação frenetica de tresloucada, com doces e afagos á mistura. Se me punha a berrar era um pandeirito naquela mão sem tino. Por consequencia criei manha, e então não houve duvida de que estava aleijado.

Fi-la sofrer. Vali-me dela como de um animal peado. De birra, obriguei-a a levantar-se de noite, a passear-me ao colo na nossa cozinha, para cá, para lá, horas de fio, vaga de insonia primeiro, depois arrepanhada de medo, a tapar-me a boca com beijos de raiva triste para o pai me não ouvir gritar. Gemia o vento pela telha vã, e desgrenhava as ramas da horta. A noite tremia toda, não sei onde lacerada. Eu fechava os olhos sobre aquele peito em tumulto, e dormia com os pés esquecidos no calor dos braços tremulos. Nas lavras ia ás cavalitas, sempre incrustado nela. O roçar dos meus joelhos poderia contar-lhe as costelas, se eu fosse menino de mestra. Mas o ar direito com que me olhava á tarde, ao pousar-me, derreada, de toda a altura do seu corpo vencido! Porque a mãe é como os bois, S. Barba, poderosa e indefesa.

— Não tinhas pena dela, marau?

— Boa te vai! Os meninos não têm penas, são carne cega. Eu era o filho, velhote, quem sofreu foi ela.

A pobre descalçava-me ás furtadelas, ungia-me os pés de lágrimas, como a um Cristo pequerrucho de chaga renovada a cada hora. Um dia, com uma tesoura, abriu-me mesmo o cabedal junto á biqueira. Esses golpes aí, que tu vês. Porem não tive consolo, embora seja certo, que me fosse distração, quando eu corria o quinteiro ás mancas ou de rasto, ficar depois tempos seguidos a ver o meu dedo grande — o unico que me saía da bota — moreno de terra e bom ar, imundo irmão da outra carne válida... Gravemente, embevecido, lavava-o com cuspo, palrava-lhe. Aquele alforriado enternecia-me, S. Barba, cá dentro do fumo do meu pensar de menino ,ao passo que á noite, quando me tiravam as torturas para me deitar, a carne freira do resto do meu pézinho, alva e fina, dava-me angústia, pedaço de aristocratico mistério habitando o meu corpo tão rasteiro, tão parceiro do da outra gente.

E a carne da minha mãe deixou de chorar pela minha. Pouco a pouco a nossa casa encheu-se bruxedo pinpre, porque eu tinha os pés mirrados dentro dumas botas curtas. Serra abaixo, e á formiga, por grossos caminhos de cabra vinha gente pegureira para me tocar. Vinham tambem os carvoeiros, em bando, descidos da faina dos serranais, pernas badalando ao chouto miudo das bestas, de escarrancho sob o gemer do torgo nas serapilheiras mal atestadas. Trajavam de remendo, e punham viras de lata no soco. Um esperto saracotear de guizo marcava-lhes o rasto ao correr dos atalhos. Noite negra cantavam, com vozes que verrgavam a seral mudez das brenhas. Era quando, tolhida de frio, toda a carne remetida ao calor do albardão, lombos caídos sobre a montada, venta adormecida no cheiro teimoso da ultima queima, perdidas noções de tempo e de rota, toda a caravana se esquecia de si mesma, e, sem norte, remoía farrapos de pensamento antigo. A's vezes um deles acordada de supetão, lembrava-se de que vinha ao feitiço. Então sentia até aos ossos a grossura sufocante da treva, desvairava no intimo ante o pavor dum esbarro em paredões imaginarios de negrura, tossia, calava-se, trespassado pelo receio da propria voz, e mal refeito lançava ao ar uma cantilena arripiada, que compungia andurriais e acirrava os lobos. Outros, mais atrás, mais ao longe, pegavam na deixa e as vozes cresciam, uma ao amparo das outras e todas contraídas nos agudos. Espavilava o passo das alimarias. Cantavam os guizos, pingue-pingue inebriado, ansiosamente arfando, sacudidos pelo bater da

INUTILIDADE

Coisas de mulher

Especial para Esfera

JOÃO FALCO

Não posso ter saudades.
E sabe-se lá o que é saudade!
Mas lembro-me.
Faço de tudo aquilo,
do que não foi nada, ou quasi,
uma simples reconstituição itinerária, histórica...
Lembro-me.

Ai, lembrança, lembrança,
que és?
Distancia!
E um vago desejo de viver, de vibrar.
A agitação dos sentidos insatisfeitos!
Apenas...

Aquele deserto campo, pedregoso,
subúrbio de uma pequena cidade morta,
tão feio e sem fim...
E o meu quarto nu, inhóspito!
Tudo mais desolado e frio que o impátrio, extranho.
Mas o tempo e o sol,
o sol, meu companheiro confiado e impessoal...

Enfim, de que me lembro?
De nada.
E' só a minha velha sensualidade menineira
e constante,
que se está reanimando,
revendo-se e chorando-se.
Chorando-se, frustrada.'
Lá no alto (continuo...) os presos,

confusos e bulhentos.
Cá em baixo as calçadas.
As invias congostas,
os desertos largos.
Tudo ensoalhado e empoeirado.
Aquele sol!
Aquele sol de uma época, tão quente!
Cúmplice e provocante.

Durante quanto tempo ainda eu repeti,
E fiz em mente os meus perdidos passos?
Perdidos, inúteis, dissipados...
Não sei.
Que servos somos das .nossas brutas necessidades!
Durante quanto tempo me amei ainda,
me adulei?
Quem pudesse odiar!
até sem amargura.
Cansar-se!

Quem pudeses odiar
Mas a quem?
A vida, ao tempo,
ao seu próprio espirito e corpo?

Como fui, voltei, insegura...
Meti-me na minha rua soturna,
na triste casa em que morava,
como uma princesa enxovalhada.

Mas porque se resolveu em nada
aquele tão pouco e tão breve?
Porque não foi, enfim,
uma longa e melancólica mancebia,
capaz de me revoltar e de me exgotar,
de me purificar?

(Portugal)

---

ferradura, mais lesta agora, mais certeira, mais sonora.

De madrugada paravam á nossa porta, traziam-me cera (era a madrinha Palmira quem vendia, reconciliada) beijavam-me o pé com o beiço tosco, onde havia terra ás vezes, faziam o voto e partiam, bamboleando. Deixavam ao pai o dinheiro da esmola, e voltavam por grossos caminhos de cabra, com um alivio de amputados. De novo metidos na noite, marravalham as coroas dadas ao "menino bento", mas no fundo iam felizes.

Assim foi o meu reino, S. Barba. Deixaram de me beijar. Depois das trindades metiam-me na cama, com a reverencia fria de quem guarda uma reliquia. Para a minha mãe, esquecida daquela tarde humana espojada na erva quente, eu não era filho, era um milagre. Inchada que ela andou, a mãe do miraculado... Engordou, outra vez de bem com a vida. Parira um menino raro, muito acima do Julião da Felicia. As libras tinham servido, o seu corpo estava limpo.

E quando eu morri, aproveitando a maligna e muito aborrecido por não ter pés, ao fechar do caixão, o pai, que tinha levado a noite a cogitar na baixa do negocio, benzeu-se, veio a mim e... puxou-me as botas.

Então — á Cristos! — não larguei. Era demais para a Tojeira, chiqueiro serrano de menos de trinta fogos, onde o medico do partido não punha os pés porque não tinha cavalo, onde o carteiro, a meio caminho rasgava as cartas, praguejando contra o calhau e o pó, e de inverno chorando — atolado sob um ceu riscado de faisca.

Ficaram lá os atacadores, S. Barba. Metidos numa redoma de vidro já chegam para a junta de freguezia ir á vila pedir uma estrada, botar capela de pedra e cal, mandar cunhar as medalhas. Tudo á custa do saco das recolhas.

S. Barba, a Tojeira entrou no mapa. Venham de lá esses ossos.

XARQUEADA

(Especial para "ESFERA")

MAURA DE SENA PEREIRA

A pena que nos descreveu **Xarqueada** é a de um poeta, do grande poeta moderno dos **Versos meninosos e Dina.**

Andei lendo não sei onde que todo romance deve ser um poema.

Xarqueada é um poema bárbaro, porque canta a vida bárbara dos peões, dos párias dolorosos das xarqueadas do sul.

Pedro R. Wayne não fez uma obra de imaginação. Aquelas 254 páginas do seu livro retratam a vida que êle viu e viveu. Para escrevê-las, não se limitou a presenciar e anotar como um reporter inteligente e curiosos. Isto já seria muito e os nossos grandes romances novos são isto mesmo: reportagens. Wayne, porém, fez mais. Deixou suas ocupações na cidade e transportou-se para a campanha, onde viveu durante dois anos a mesma vida do peão, do assalariado.

"Durante dois anos" — me conta Wayne numa carta — em que passei as mesmas necessidades que êles, faminto muitas vezes mal abrigado sempre. Morei num dos ranchos em que habitam os trabalhadores. Ranchos de torrão, feitos de barro, cobertos de palha. Escuros. Armados com paus, meio apodrecidos, escorados por todos os lados, para não serem derrubados pelos ventos. Sem soalho, alagando-se quando chove, cheios de frestas..." E a coleção de fotos impressivos que me deu, ilustram êsses dois anos admiraveis do intelectual-peão, ilustram o seu admiravel romance.

●

Luiz aparece ao começar o romance. E' um espírito lúcido, enriquecido de solidariedade humana, que se fez, por isso, um amigo dos desprotegidos. Chega á **Santa Margarida** prá ser guarda-livros. Não se sente, no entanto, superior aos peões e confunde-se com êles, visita-os, ama-os e suas famílias, diante daquela simplicidade tão natural, perdem o acanhamento e querem-no como a um irmão, como a um guia esclarecido.

Aquela gente que vive uma vida que não parece humana, nos seus ranchos da quadra, uma vida antipoda á que vivem na **casa grande** — compreende que o novo **escrivão,** rapaz de categoria superior á sua, poderia muito bem viver agradando a Dionísio, o poderoso senhor da xarqueada. Ajudando a maltratá-los mais, a explorá-los com um maior requinte. E' que, ao contrário, é um amigo doce e desinteressado de sua classe. Um amigo dinamico que procura esclarece-los, uní-los, pra que possam batalhar com êxito por uma existência mais clara e mais humana.

Januário, o nômade das xarqueadas, o rude namorado da liberdade, e os peões Ambrósio e Carocha unem-se a Luiz, irmanam-se ao escrivão — apóstolo. (Dá vontade de irradiar a primeira conversa com Januário, sua prégação tão simples, tão persuasiva).

Na alma do jovem guarda-livros recrudescem os ímpetos de revolta ao começar a matança. Ao soar o apito da graxeira. As páginas, agora, de **Xarqueada** pingam suor e sangue. Filmam aquela procissão lúgubre de párias, deixando á meia-noite seus ranchos e dirigindo-se para a xarqueada. Lá mourejando, os que ganham por dia, os que ganham por mês, os caranchos, laçando, desnucando, carneando, manteando, salgando e fazendo os demais misteres que constituem a faina bárbara do operario das xarqueadas, sob o olho fiscalizador e os berros prevalecidos do capataz até que, ás oito horas da manhã, vendo êste que não tirará mais nada daqueles corpos esfalfados e famintos, enquanto não tiverem um breve descanso e um parco alimento, ordena:

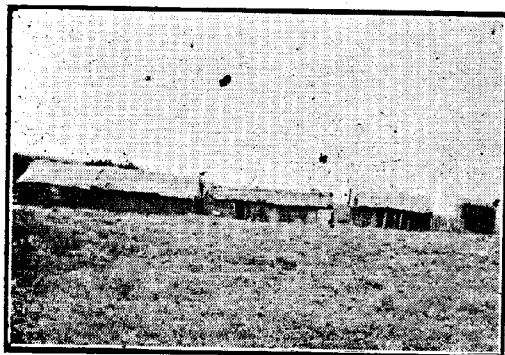
— Apita pro café.

Nos ranchos miseráveis, graças ao exaustivo labor que a safra verde permite aos musculos dêsses homens desamparados, as mulheres, as crianças estão em alvorôço. Agora podem ir ao boliche buscar — não dinheiro — mas podem ir buscar (há quási um ano não comem carne verde) além das bolachas duras, dos "generos podres": os pescoços, as agulhas, os lombinhos, os rins.

Um amor suave e comovente vem botar um raio de sol na vida do rapaz: Gurizinha. A moça bonita e pura que não e mais **moça.** Tornam-se companheiros. Ela não é só a amada, é a discipula que confia em tudo quanto vem da "ampla testa que lhe dá aquele todo de inteligente e revolucionario".

Por fim a greve estala, presidida por Luiz e os três companheiros. Fracassa em parte. Mas é o primeiro passo dado com firmeza no caminho das reivindicações.

●

Ao me referir ao maravilhoso volume de Pedro R. Wayne, não poderia deixar de salientar esta cousa: suas qualidades de romancista de raça, de romancista moderno são servidas por um estilo inconfundivel, por uma frase nervosa e faiscante que honra a nossa bonita lingua luso-brasileira e em que se engasta uma ri-

Us aspecto da "quadra", grupo do rancho de moradia dos trabalhadores de xarqueada.

quissima terminologia gaúcha, quasi pedindo um glossário.

As imagens que usa são abundantes, frescas, originais:

"Um céu azul de louça ágata, estralada aquí e alí por falhas brancas de nuvens..."

"A noite fria de maio parece que quis se vestir de dama da época Maria Antonieta. Empoou os campos que se desenrolam e se espalham, como uma farta cabeleira branca".

"O Rio Negro, torcendo-se todo, passava roçando pelas margens, como um gato dengoso numas pernas de mulher".

"Tipo dêstes em que a mulata, lavando a pele e os cabelos em três ou quatro gerações com o sabão dos cruzamentos, atingia a categoria de morena."

Um xarqueário e sua familia, de tualéte feita especialmente para a pôse fotografica.

"As águas cheias de sol evaporando-se pariam nuvens, filhas daquele consorcio".

"Vagalumes errantes tiravam instantaneos a magnésio com vôos explosivos".

●

O romance brasileiro moderno (parece que foi Renato de Almeida quem escreveu) tem um valor de documentos, de estatística.

Xarqueada, que é o documento vivo da vida contemporanea dos trabalhadores nas nossas xarqueadas meridionais, vem juntar-se aos ro-

Estendendo carne no varal

mances mais fortes e mais belos que estão mostrando o verdadeiro Brasil. E é o livro mais corajoso que, até hoje, nos deu o sul.

(Florianopolis)

Notas rápidas sobre a vida de um par

(Especial para ESFERA)

DINIZ CUPERTINO

Com seu andar balouçado, cogitando ou dando olhadelas picantes ao namorado que a segura pelo braço, fino e harmonioso, tôdas as manhãs a vejo, aquela menina bonitinha com tês morena e olhos grandes, belos e concentrados que fazem advinhar carícias de amor nunca excedidas.

Indiferente ao bulício que a cerca; barrete vermelho; vestido vermelho; luvas vermelhas, toda de vermelho como uma figura agitada em quem andasse reunido um desejo de excitar os olhares dos homens onde só ha uma inclinação pelo sexo, uma atração por tudo quanto é feminino e representa um enriquecimento do poder do fauno.

A ambição que a abrange e a domina é uma obcecação que se traduz por uma aquisição permanente de mais vestidos; mais meias; mais sapatos, por mais adornos que a embelesem tornando-a fútil.

Quando ela vai na rua não são os olheres ternos cheios de encanto que a contemplam, mas o fogo ardente dos velhos com desejos secretos. Não é o jovem conciente procurando nela satisfazer a sua juventude, na fonte dinamica de todo perfil irradiante de beleza, mas tão-só o velho encanecido que a vê núa — porque só núa a pode ver. Na rua ela vai núa, núa, porque só núa ela quer andar. E núa se apresenta, se mostra e, núa se oferece.

O namorado que a conduz pelo braço, comprimindo-a muito, vai com ela, embebido em mundos irreais. E tambem vai janota, bem vestido. Ele, como ela, desconhece a agitação da vida, a beleza que num marulhar dinamico atravessa as coisas e penetra em tudo.

Nos passeios em conjunto êles só dão pelos seus mundos, alheios à pobresa que passa envergonhada; à miséria que irrompe dos becos, das travessas imundas. E contentes, tão contentes que parece que os seus corpos se fundem num grande abraço, se unem em pleno dia, formando um todo.

Quem passa e os vê tão enlaçados faz comentários: uns riem-se de tanta ingenuidade; outros os odeiam pela alegria que transmitem e, outros ainda, os troçam pela vida inútil.

Mas eles não dão por nada. Eles admiram-se, acolhem-se um ao outro e de tudo o resto se afastam. A vida para êles é uma ilusão, é um sonho. A vida são os seus eus. A vida é uma evasão sem humanidade.

E não haverá luta naqueles cérebros? Não, porque êles só conhecem a vida pelo lado mesquinho: a vida pelo que ela tem de arcaico, de morto. Não pelo sentido vivo, forte, construtivo e humano.

O grito arripiante do garoto que joga a bola de trapos; o homem que apregoa fruta; a mulher das vassouras; o vendedor de "sorvetes" na sua bicicleta; a mulher dos "lunches" carregada de baús; a carquejeira esquálida e, tudo mais, são notas de vida, humaníssimas mas que os seus olhos não sabem desvendar, compreender ou sentir.

...E a vida passa veloz, cortante e dura, enquanto os seus mundos vivem engaiolados...

(Portugal).

O Romance Brasileiro

(As suas Origens e Tendencias)

Dias da Costa

A's vezes um nome pomposo constitue um terrível desastre na vida de um indivíduo. A's vezes isso acontece tambem co moutras coisas alem dos indivíduos. Agora mesmo está acontecendo com o livro do Sr. Olivio Montenegro, recém-publicado na coleção: "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olympio Editora. Foi o caso que esse sr. escreveu alguns artigos sobre diversos romancistas brasileiros, antigos e modernos, e resolveu reunir em volume os seus escrítos. Nesses artigos fala o autor em: José de Alencar, Taunay, Aluizio de Axevedo, Inglez de Souza, Raul Pompeia, Machado de Assis, José Lins do Rêgo, José Americo, Amando Fontes, Graciliano Ramos, Erico Verissimo, Rachel de Queiroz, e Gastão Cruls. Quatorze ao todo. Nem um mais, nem um menos. De uns fala um pouco demais, de outros fala muito de menos. De quasi todos esquece mais do que fala, o que, para muitos, pode ser considerado como vantagem. Assim, em um livro que leva o título pomposo de: "O Romance Brasileiro". — As suas origens e tendencias. — publicado numa coleção de cultura, esquece o autor, inexplicavelmente, nomes como: Macedo, Domingos Olympio, Lima Barreto, Afranio Peixoto, Xavier Marques, Godofredo Rangel, Plinio Salgado, Mario de Andrade, José Geraldo Vieira, Oswald de Andrade, Lucia Miguel Pereira, Lucio Cardoso, Octavio de Faria, João Alphonsus, Cornelio Penna, Marques Rebello, Ciro dos Anjos, Dionelio Made que o que está no livro serve principalmente para lembrar o que falta. Se o livro se chamasse, por exemplo, "Notas á margem de alguns romances do Brasil", tudo estaria certo. Porque é exatamente isso o que faz o autor. Comenta a seu modo indeterminados livros de determinados escritores. Não estuda nenhum romancista. Para o fazer teria que estudar coisas um tanto complexas, como: fatores sociais, fatores economicos, fatores biologicos, fatores culturais, situando cada romancista no tempo e no espaço, por saber que o escritor, como todo artista, é um resultado da adaptação ou do choque dos elementos intrinsecos de sua personalidade, diante dos fatores ambienciais diversos, dominantes em sua epoca. (E' claro que isso se dá apenas com os verdadeiramente representativos, os que podem ser considerados como pontos de referencia para estudo de direção e tendencias). Nada disso fez o autor de "O Romance Brasileiro" e parece que não o fez por incapacidade crítica ou por unilateralidade de visão.

Por mais "livre-atirador e voluntarioso" que seja o crítico, como, segundo o sr. Gilberto Freyre, é o sr. Olivio Montenegro, a sua liberdade não deve chegar ao ponto de pretender estudar a obra de um romancista da altura de Aluizio de Azevedo, quasi que exclusivamente atravez de um livro de estreia como é "A Mulato", desprezando elementos valiosos que lhe poderiam fornecer outros como: "Casa de Pensão" e "O Cortiço". Não creio que o autor seja tambem ingenuo ao ponto de supor que alguem o vá levar a serio, quando pretende destruir uma obra como a de Erico Verissimo, em cinco escassas e anémicas páginas do seu magro caderno de apontamentos literários. Tambem não ha mais na época atual ninguem que se conforme em ouvir falar de Raul Pompeia, si se separa o seu extranho temperamento de escritor e de homem da sua atividade politica e social, nos seus combates pela abolição, combates que, como não podia deixar de ser, exerceram uma grande influencia em toda a sua vida, desde os bancos academicos, influindo tambem poderosamente no carater panfletario de sua obra.

Apezar do autor afirmar que colheu os elementos para o início de seu capítulo sobre Raul Pompeia no livro utilissimo do sr. Eloy Pontes, nem por isso deixa de desprezar o que de mais valioso havia nessa contribuição, para atribuir o carater da obra particular e publica do autor de "O Ate-

neu", exclusivamente a dois sentimentos íntimos: "uma grande timidez e um grande orgulho". Convenhamos que, como processo de crítica esse é dos mais simplistas. Do grau de cultura, do ambiente histórico onde se moveu o escritor, dos elementos exteriores que agiram em sua infancia, da influencia que o meio familiar, o internato, as condições de vida, as lutas políticas, etc., tiveram na sua formação literária, nem siquer ha referencia. No entanto, quando o autor procura estudar Machado de Assis, começa logo o capítulo com as seguintes palavras: "Machado de Assis nasceu em 1839, em pleno fervor do romantismo, e era mulato. Mulato e pobre. Os seus pais viviam de ofícios humildes, e de que ele participou ainda em criança". Em poucas palavras estão aí resumidos: a época, o ambiente intelectual e as condições materiais de vida, na primeira faze da existencia do autor de "D. Casmurro".

Isso é que irá explicar muita coisa de depois. Isso mais os autores ingleses, mais a eplepsia, mais a vida burocratica, mais a sociedade artificial e hipocrita de sua época. Porque então usar um critério de analise para Machado de Assis, (um critério que permite ao autor escrever um dos melhores capitulos de seu livro) e utilizar um outro inteiramente diferente para Raul Pompeia? Francamente que isso é um bocado difícil de ser explicado. Difícil tambem de explicar é o motivo porque o autor, nos capitulos sobre José Lins do Rêgo e José Americo de Almeida, prefere, em vez de tentar estudos críticos, escrever crônicas laudatorias, deixando, no caso do sr. José Americo, de falar sobre "O Boqueirão" e "Coiteiros", por não lhe ser possivel, de nenhum modo, po-los á mesma altura de "A Bagaceira". Para os casos de Graciliano Ramos e Amando Fontes usa o sr. Olivio Montenegro de processos críticos tão estapafurdios que se tem a impressão de que não houve apenas incapacidade, mas, e isso é muito mais grave, houve, verdadeiramenthe, partidarismo e má fé. De Erico Verissimo diz o ensaista pernambucano que todos os defeitos da sua obra proveem apenas do fáto de ser o escritor gaucho um tanto apressado e escrever muitos logares comuns. Se essa imputação fosse verdadeira, ninguem estaria menos apto para faze-la do que o sr. Olivio Montenegro. Ele proprio sofre desses defeitos que atribue a Erico Verissimo. Se não sofresse jamais se atreveria a publicar um livro apressado como o que vem de expor ao público, nem escreveria conceitos como os que vou citar, conceitos que se acham doutoral e acacianamente expendidos no início do capitulo referente á romancista Rachel de Queiroz: "Vamos ser positivos. A literatura de ficção, de autoria feminina, entre nós, tem sido sempre fraquinha. Sentimental e pueril. E quando ela aparece com uns estremecimentos maiores de emoção, no fundo é histeriamo. A exaltação não é da imaginação: é do desejo. São autoras mais fieis ao sexo do que à literatura. Mas não é a literatura o melhor derivativo para o sexo, nem o mais são. Seria a maternidade bem compreendida e bem aproveitada". Não resta duvida que periodos dessa ordem, são otimos, embora não sejam raros no livro. Mas, logo adiante, ha melhor, pois ha, testualmente estas palavras: "E' que na verdade, se fosse possível dar um sexo à ideia, este sexo seria o masculino". O resto do capitulo segue pelo mesmo diapazão, justificando convenções sociais, defendendo pontos de vista pessoais do autor, sempre com o ar dogmatico de quem está, do alto de uma catedra, lançando sentenças inapelaveis, tão evidentes nas suas verdades eternas que dispensam qualquer documentação que as confirma. A mesma coisa acontece com o capitulo de elogios a Gastão Cruls, capitulo que vem depois e que é tambem o último do livro. E o leitor que foi para a leitura sugestionado pela pompa do titulo e do sub-titulo do opusculo, vira desolado a ultima folha. Desolado principalmente se leu estas palavras do sr. Gilberto Freyre, no prefacio do volume, referindo-se ao autor: "Ninguem mais apto para o trato e a analise de tais problemas de relação e de comparação que o crítico de Recife. Ele reune à erudição literária e sociológica e ao conhecimento do romance brasileiro o conhecimento do romance inglês e norte-americano; e, a toda essa austeridade de erudição reune, ainda, o gosto, o humor, o senso artistico de expressão e ao mesmo tempo um sentido humano da literatura, raros em nossos letrados e rarissimos em nossos criticos, quasi sempre uns secarrões como Verissimo ou então uns estouvados como Romero". Diante disso a conclusão do leitor é, sem duvida, a seguinte: ou o sr. Gilberto Freyre foi benevolo demais ou o sr. Olivio Montenegro foi por demais acanhado e não quiz mostrar o que sabia. Talvez que de outra feita os dois fiquem de acordo. Porem, enquanto isso não se verificar, é justo que muita gente se reserve o direito de ficar duvidando.

A Formação do Mundo Moderno

FABIO CRISSIUMA

III — A LUTA PELA CENTRALIZAÇÃO

b) — Alemanha

A miragem imperial, levando os reis germanicos á Italia, em luta constante com o papado, faz com que, senhores de um patrimônio fundiário apreciável, om imperadores alemães deles não se aproveitem para a unificação territorial da Germania, dispensando esforços e energias para manter um título e gozar prerogativas na realidade vasios.

Otão julga-se o herdeiro de Carlos Magno e consegue sagrar-se em Roma. Quando os grandes feudais germanicos se revoltam (e o fazem por mais de uma vez), inclusive seu próprio filho, Otão confisca-lhes os bens, mas, ao em vez de guardá-los, redistribui-os entre os chefes nacionais; é possivel que uma razão política o conduza, em especial a de comprar dedicações para a luta além dos Alpes. Tanto êle, porém, como seus sucessores da casa de Saxe, imbuidos da mística imperial, voltam-se para a península itálica e dizem-se senhores do mundo, quando, muitas vezes, não o são sequer do próprio reino. Não conseguem fixar a hereditariedade inconteste do império em sua família, embora se façam eleger até Henrique V.

Extinta a casa de Saxe, escolhem os senhores um principe presumidamente fraco, Conrado de Francônia. Este porém, herda o reino de Arles e seu filho Henrique III, o Negro, cujo patrimônio engloba a Borgonha (condado), a Baviera, a Suabia e a Corintia, senhor inconteste da Germania e da Italia, pode ser considerado um imperador mais poderoso do que Otão, o Grande, mantendo o papado sob tutela.

A luta das investiduras, na realidade uma das fases da competição entre os poderes temporal e espiritual, esgota as fôrças de Henrique IV e seu sucessor. A extinção da casa de Francônia coloca em face quatro candidatos ao Império: os duques de Saxe, de Baviera, de Suábia e Francônia. Os nobres escolhem, sucessivamente, os menos poderosos, Lotário de Saxe e Conrado de Hohenstanfen, duque de Francônia. O poderoso guelfo Henrique o Soberbo, de Baviera, se revolta, e Conrado III vence-o, deixando a Henrique o Leão, filho do Soberbo e neto materno de Lotário de Saxe, sómente êste ducado, confiscando-lhe a Baviera e demais domínios.

Frederico I, de Hohenstanfen, Gibelino pelo lado paterno e Guelfo pelo materno, alia-se ao Papado contra o revolucionário Arnaldo de Brescia. Sob Alexandre III, porém, torna-se seu adversário acérrimo, absorvido pela idéia imperial, em especial em sua aplicação prática na Italia.

Vencido em Legnano, faz-se coroar rei em Axles e, de regresso á Alemanha, confisca novamente os bens de seu primo Henrique o Leão, deixando-lhe apenas Luneburgo e Bruswick, tomando-lhe o ducado de Saxe e o da Baviera que lhe havia sido devolvido. Esta ultima bastante mutilada á dada a Otto de Wittelsbach, cuja família a conserva até 1918.

Frederico I casa o filho com a herdeira das duas Sicilias e Henrique VI parece que vai esmagar o Papado. Sua morte prematura deixa uma criança de 2 anos — Frederico — sob a tutela materna, que, mais tarde, passa ao papa Inocencio III. O jovem rei, preocupado a principio com os seus domínios das Duas Sicilias, torna-se mais tarde o mais feroz adversário dos papas.

A Alemanha do Norte elege imperador um Welf, Otão de Bruswick, filho do Leão e a do Sul proclama um Hohenstanfen, Felipe da Suábia, irmão de Henrique VI. O papa escolhe Otão, que vai ser vencido em Bouvines pelo rei de França. Frederico II reivindica a coroa imperial, consegue, por uma falsa submissão, o apoio papal e continua a política do avô, o Barbarroxa. Conrado IV, seu filho, perde as Duas Sicilias e Conradino, mais infeliz, perde a vida. O papa, como suzerano das Duas Sicilias, concede-a a Carlos de Anjou, irmão de S. Luiz.

A Alemanha entra em uma fase de anarquia — die Kaiserlose Zeit — em que Ricardo de Cornualhas, filho de João sem Terra, e Afonso X de Castela compram o título imperial de que gozam apenas nominalmente. A Provença cai nas mãos da casa de Anjou, o Lionês e o Vivarês nas do rei de França e Avinhão nas do papa: eram os restos do antigo reino de Arles que fugiam ás mãos imperiais.

Em breves traços, mostramos a política, italiana e não germanica, dos soberanos do Santo Império. Analisemos, em rápidas palavras, a sua atitude quanto á organização de um poderoso domínio real na Germania e teremos de salientar, nêste particular, sua má política, para não dizer imprevidencia. Conrado o Salico, de Francônia, eleito rei em substituição ao último carolingio, cede ao irmão mais novo, Eberard, o seu próprio ducado, a antiga marca de Turingia que seu pai recebeu do imperador Arnolfo, de quem fôra genro.

Otão, quando da primeira revolta dos feudais, confisca a Eberard a Francônia, devolvendo-a depois aos sobrinhos do antigo duque. Dá a Baviera ao seu próprio irmão Henrique, genro do duque Arnolfo, o Máu, que se revoltara. Após uma segunda revolta, na qual tomam parte seu próprio filho Luitdolf, duque de Suábia (genro do último duque Hermann I) e o genro Conrado, o Ruivo, feito por êle duque de Lorena, tem lugar um novo confisco.

Conrado e Luitdolf perdem seus ducados; Otão dá a Suábia a um de seus fiéis, Burkhard. Entrega a seu homem de confiança, Tomás Buillung, a administração e depois a propriedade do ducado de Saxe, seu próprio patrimônio hereditário. A criação dos condes palatinos, como delegados dos soberanos nos ducados e marcas, parece decorrer de sua pouca confiança nos feudais.

Otão II sucede-lhe no Império em 972. Há uma revolta dos senhores e o imperador, vencedor, retira a Baviera a Henrique o Brigão, seu primo, doando-a, porém, a seu sobrinho Otão de Suábia, filho de Luitdolf, restituindo-lhe tambem a Suábia.

Otão II devolve a Baviera a Henrique o Brigão, em 985; seu sucessor, em 1002, no trono imperial, é Henrique II, o Coxo ou o Santo, duque da Baviera e filho do Brigão. Este imperador cede a Henrique de Lutzburg o seu ducado de Baviera e a primeira casa real de Saxe extingue-se com a sua morte em 1024. O ducado de Saxe permanece nas

mãos dos decendentes de Billung, a Francônia pertence á ultima herdeira de Eberard, Gisela, e seu marido Conrado de Suábia, descendente de Luitdolf, que é eleito rei em substituição a Henrique II.

Conrado II mal sobe ao trono, cede a Suábia ao filho Henrique, que herdara a de Henrique de Lutzburg a Baviera. Em compensação herda o condado de Borgonha de Rodolfo III, tio de sua mulher.

Henrique III, o Negro, é o imperador mais poderoso e de maior patrimonio. Possui, na Germania, a Baviera, a Francônia e a Suábia e, fóra dela, a Borgonha e a Carintia.

Henrique IV, o adversário de Gregório VII, sob a regencia de sua mãe, perde a Baviera em 1061, quando a rainha regente a cede a Otto de Nordhein. Já Henrique III havia-a doado, sucessivamente, a Henrique, sobrinho de Henrique de Lutzburg e a Conrado de Lutphen, destituido em 1047.

Em 1070, Henrique IV transfere a Baviera de Otão de Nordheim a Welf I, o fundador da poderosa casa Welf.

Henrique III dera a Suábia em 1045, a Otto, conde palatino do Reno, transfere-a em 1047, por morte deste, a Otto de Schweinfurt e, em 1057, a rainha regente, pelo mesmo motivo, cede-a a seu irmão Rodolfo de Rheinfeld. Este, em 1078, disputa a coroa imperial a Henrique IV, por instigação do papa mas é vencido e morto em 1080. Saxe continua nas mãos dos ultimos Buillung Ordulfo (1059-1071) e Magnus (1071-1106), atmbem pouco ou nada fiéis ao imperador.

Henrique V é o ultimo imperador da casa de Francônia. Extinta a casa de Billung em 1106, Henrique V dá o ducado de Saxe a Lotário de Supplinburg, seu fiel, que desposa a herdeira de Nordheim e Brunswick. A Suábia, após a morte do anti-imperador Rodolfo, em 1080, fôra dada por Henrique IV a Frederico de Hohenstaufen, filho de Frederico de Buren e fiel companheiro do soberano, cuja filha Agnes desposara. E' obrigado a lutar com os herdeiros de Rodolfo de Suábia, Bertoldo de Rheinfeld e seu genro Bertoldo de Zoeringhen e deixa a Suábia ao filho, Frederico o Zarolho (1105).

Henrique V deixa o ducado de Francônia ao sobrinho Conrado de Hohenstaufen, rimão de Zarolho e, extinta a casa real de Francónia, os quatro duques se apresentam candidatos. São êles Lotário Supplinburg, duque de Saxe, Henrique Welf, o Negro, duque da Baviera e os irmãos Hohenstaufen, Frederico o Zarolho, duque de Suábia e Conrado, duque de Francônia. Notemos que as novas casas ducais são criações de Henrique IV e Henrique V.

Lotário de Saxe, que parecia o mais fraco, é eleito e dá logo em casamento a filha herdeira Gertrudes a Henrique o Soberbo, filho de Henrique o Negro, dos Welf da Baviera.

Em 1137, por morte de Lotário é eleito Conrado de Hohenstanfen, o candidato menos poderoso. Henrique o Soberbo revolta-se e eis os Guelfos e Gibelinos (de Weiblingen, castelo natal de Conrado) em presença. Encontrá-los-emos em Italia.

Henrique o Soberbo, filho de Leão, herda apenas a Saxe, enquanto que o imperador dá a Baviera a um Babenberg, Leopoldo d'Austria.

Frederico Barbarroxa, o filho de Frederico o Zarolho, duque de Suábia é indicado como sucessor, em lugar de Frederico de Rothenburgo, duque de Francônia, filho do imperador Conrado, muito jovem ainda.

Após a morte de Henrique d'Austria, irmão de Leopoldo e detentor da Baviera, Frederico Barbarroxa devol-e-a a Henrique o Leão. Isto não impede que o duque de Baviera traia o imperador, seu primo e bemfeitor. Barbarroxa confisca-lhe os dominios, exceto Luneburgo e Brunswick. Dá então a Baviera a Otto de Wittelsbach, conde palatino do Reno, a Saxe a Bernardo de Ascania, filho de Alberto, o Urso, e casado com uma herdeira dos Billung. Dá a Suábia, sucessivamente, aos filhos, ficando dep osse do ultimo, Felipe, candidato á corôa imperial após a morte do irmão mais velho, Henrique VI.

O filho de Henrique o Leão, Otto de Brunswick, disputa corôa imperial a Felipe de Suábia e a Frederico II, cujo neto,, Conradino, o ultimo dos Hohenstaufen, aliena terras e direitos aos senhores alemães, no afan de conquistar a corôa imperial. O conde de Wurtenberg é um dos que mais proveito tiram da situação, assim como um fidalgo obscuro do Tirol, afilhado de Frederico II, o conde Rodolfo de Habsburgo, o fundador de uma nova casa imperial.

Nesta resenha está fartamente assinalada a politica patrimonial dos imperadores germanicos. Obsecado pela idéia imperial, não só descuidam de ampliar o patrimonio fundiário, base do poder, como despresam sistematicamente as inumeras oportunidades de usarem, nêste sentido, os direitos de suzerano. Não há um imperador, ou aspirante ao imperio, de Otão a Conradino, que não tenha benevolamente alienado os grandes dominios, os quatro ducados, Saxe, Suábia, Francônia e Baviera, em proveito de companheiros fiéis ou não, mas que, na verdade, não tardam em se tornar, por si ou por sua descendencia, insolentes competidores do soberano e fatores contumazes de desordem.

Os novos imperadores mudarão de orientação: desinteressar-se-ão, pouco a pouco, da Italia e procurarão fortificar-se territorialmente. Os Hasburgo e os Luxemburgo, escolhidos pelos senhores exatamente pela escassês de seus haveres, procurarão criar um dominio pessoal. Mas é fóra da Germania, na Austria e na Boêmia, que êles conseguirão realizar êsse intento. E' tarde, porém, para uma unificação territorial semelhante á que se processou em França e Carlos IV, de Luxemburgo, organizando na Bula de Ouro o processo de eleição dos imperadores e a formação do colégio eleitoral, confessa-se, implicitamente, vencido.

Eleito enfim o obscuro fidalgo do Tirol, de escasso ou nulo patrimônio, Rodolfo de Hasburgo, reivindica êste os direitos reais e vence Ottokar da Boêmia em Marchfeld. Dá ao filho, Alberto, a Austria e a Estiria, ao conde de Tirol, a Carniola e a Carintia. Por sua morte é eleito imperador Adolfo de Nassau e logo depois Alberto d'Austria, que perde a Suissa.

Os eleitores escolhem ainda um imperador sem patrimônio, Henrique de Luxemburgo. Imitando o Hasburgo, Henrique VII casa o filho com a herdeira da Boêmia e tenta uma incursão na Italia.

Seu sucessor é um membro da familia dos Wittelsbach, Luiz IV da Baviera, cujo competidor, Frederico d'Austria, é vencido em Morgaten pelas Suissas e em Mulldorf pelo imperador e, tentando impôr-se aos senhores germanicos, é deposto por êstes, que aproveitam a oportunidade de uma nova excomunhão.

Os nobres elegem o filho de João da Boêmia, Carlos IV de Luxemburgo, que utiliza o prestígio imperial em beneficio próprio. Aliena mercantilmente os direitos imperiais na Italia, cede ao sobrinho, Carlos de Normandia, o futuro Carlos V de França,

Historia de Passar...

Especial para ESFERA

Porque essa inquietação no murmurío das aguas?

Que respondem as sombras sacudindo os hombros na ociosidade da noite?

Santos erguem os gestos de cactus nos angulos sujos, de séculos.

Torres poeirentas negam o tempo de dentro das salas vasias.

Caminhos mais claros cortam o contínuo desespêro de cidades que não cançaram de viver.

Só os amantes não se privam ao mesmo prazer de seguirem juntos para o indecifravel augurio.

E como compreende a necessidade que todos sentem de falar alto,

só eu caminho sem nada dizer, para não espantar os que pudessem me ouvir.

Ou talvez para que não fosse o unico a dizer o que ninguem ouviria.

Felizmente, eles tambem vão passando.

Não sabem nada ainda :

O silencio está para chegar.

(Paris, 1938). — *A. D. TAVARES BASTOS.*

---

o vicariato imperial sôbre o Delfinado e pela Bula de Ouro, organiza o sistema de eleição do Imperador, fixando em sete o numero dos Grandes Eleitores e dispensando a aprovação papal. São três os eleitores eclesiásticos: os Arcebispos de Mogrincia, de Calonia e de Tréves e quatro os leigos: o morgrave de Brandenburgo, o conde palatino, o duque de Saxe e o rei da Boêmia. O conde palatino, da familia Wittelsbach, substitue-se ao duque da Baviera. O ducado de Saxe caira, da casa ascaniana, nas mãos da casa de Wettin. Os ducados de Suábia e Francônia desapareceram.

Dá o margraviato de Brandenburgo, extinta a casa ascaniana e esbulhada a de Wittelsbach (dois eleitorados, pois) ao filho mias velho, Vencesláu, a quem assegura a sucessão imperial. Casa o filho mais moço, Segismundo, com a herdeira da Hungria e da Polonia.

Venceslau e Segismundo ocupam sucessivamente o sólio imperial, cedendo o mais velho ao irmão o Brandenburgo e a Boêmia. Segismundo, imperador, posue ainda os reinos de Boêmia e de Hungria, a Silesia e a Lusacia, embora não conseguisse a Polonia. Cede, porém, em 1417, primeiro a administração e depois a propriedade do Brandenburgo a Frederico de Hohensollern, seu amigo e homem de confiança.

Sucedem-lhe Alberto d'Austria, seu genro e Frederico da Estiria, da casa d'Austria, que, pelo contrato celebrado entre os Hasburgos e os Luxemburgos, herda os bens desta casa, por morte de Ladisláu, o ultimo Luxemburgo.

A Boêmia e a Hungria, entretanto, elegeu soberanos, respectivamente, a Jorge Podiebrad e Matias Coraino.

Frederico da Estiria (Frederico III) e seu filho Maximiliano, por uma hábil e inescrupulosa politica matrimonial, trazem aos Hasburgos os Paises Baixos (Frandres e o Artois) o Franco Condado (Borgonha) herança de Maria de Borgonha, filha do Temerário e esposa de Maximiliano e os reinos de Castela e Aragão para Carlos d'Austria, filho de Felipe de Hasburgo, o Belo, e Joana, a Louca, filha de Fernando de Aragão e Izabel de Castela, os reis católicos.

A Boêmia e a Hungria cabem a Fernando d'Austria, irmão mais moço de Carlos, casado com a filha unica de Ladisláu II.

Esta politica territorial se exerce, entretanto, fóra da Alemanha. A corôa imperial permanece com os Hasburgos, mas o poder efetivo do imperador é ilusório. A Bula de Ouro organizara a eleição e fixara os eleitores, mas a organização interna do imperio era de tal ordem que, segundo Carlos V, "o império não dá em poder efetivo ao Imperador, nem o valor de uma avelã".

Lembrança de uma página de diário

Especial para "Esfera"

Medeiros Lima

Heloísa era bela. Tinha uns olhos azues e uns cabelos muito louros. Confesso que foram os seus cabelos e os seus olhos que me impressionaram. Como nos conhecemos não me recordo bem. Sei que durante muito tempo fomos simples amigos, e que a nossa conversa era profundamente banal. Heloísa era futil, poque não dizer? Me achava calado e triste. Trabalhava num escritório de corretagem, e passava o dia lidando com numeros. Isso lhe devia ser imensamente desagradavel e cansativo. A' noite, quando nos encontravamos, êla reclamava sempre, e dizia estar disposta a abandonar aquela vida, que aquilo era um horror, que ela não suportava mais. Em seguida, porém, mudavamos de conversa, êla me perguntava se assistíra o último filme de Clark Gable, se notára o penteado de Marlene, se gostara do vestido com que Kay Francis aparecera naquele filme visto por nós dois num cinema da Praça Onze. Eu não sabia o que responder, me irritava, mas me continha logo. Não queria desgostar Heloísa, e por isso fazia um bruto esforço para lhe ser agradavel. Respondia, sempre, com poucas palavras, tentava fugir do assunto, mas era impossivel. Então me calava, baixava os olhos, me fazia de indiferente. Ela quasi se zangava:

— Que é isso, Jorge? Não presta atenção ao que a gente diz e fica aí pensando não sei em que.

A's vezes havia nisso um certo tom de autoridade. Mas não me aborrecia. Continuava em silencio, levantava a vista e me perdia em olhar os seus cabelos, a sentir a alegria, a doce alegria de seus olhos. Davamos longos passeios perto de sua casa. A's vezes iamos ao jardim e andavamos de um lado para outro, entre os canteiros, as rosas, o cheiro dos jasmins e o riso das crianças. Nessa época eu era estudante, simples estudante de Direito, com a cabeça ainda cheia de esperanças, mas já um pouco descrente. Tive muitas namoradas, porém me desiludí de todas. De início tudo era muito bom, sim senhor, conversas fiadas, abraços ligeiros, apertos de mão prolongados, beijos, oferecimento de retratos. Mas logo depois vinham os ciumes, esses eternos ciumes que não me deixam, as intrigas, os arrufos intermináveis, e pronto, acabava-se o namoro que surgira como uma agradavel promessa de casamento. Sempre que isto acontecia jurava para mim mesmo que nunca mais procuraria namorar ninguem, que essas meninas eram muito bestinhas, muito idiotas mesmo. Passava uma temporada agarrado aos livros, lendo com fúria os Codigos de Direito Civíl. Meu pai ficava contente. Em conversa êle me dizia:

— Estude, Jorge, estude que você ainda fará carreira. Olhe o Enéas. Veja como o Enéas se fez. Póde-se dizer que é um grande advogado. Entregando-se aos estudos você terá um futuro brilhante.

Ouvia estes conselhos, me entusiasmava um pouco, porém logo me aborrecia dos códigos, jogava tudo para um canto, e procurava me abstrair. Lembrava-me então dos livros de literatura, e lia os clássicos. Aprendí a ter o gosto pelos classicos. Corria a bibliotéca de meu pai, apanhava Shakespeare e lia. Outras vezes, sentia uma necessidade tremenda de lêr versos em altas vozes, isolado em uma sala sosinho. Era uma mania como outra qualquer, perfeitamente desculpavel. Depois isto passava, e só havia um geito: dar longos passeios, andar, andar muito, sem preocupações. Ia frequentemente ao alto da Tijuca, me embevecia diante da natureza, enchia de ar, de ar muito puro, os meus pulmões fracos. Parava diante das montanhas e sentia-me pequeno, infinitamente pequeno. Ouvia o piar dos pasaros, olhava o riacho correndo entre as pedras, e pensava como seriam felizes os homens vivendo assim em harmonia com a terra, com as arvores, com as flôres. Quando anoitecia, eu voltava, trazendo uma grande alegria no coração. Não era uma alegria expansiva. Não. Antes era um estado de completa satisfação interior. O espírito sentia-se leve, e naqueles momentos não havia em mim uma só gota de amargura, de desprezo ou de odio. Todos os homens eram meus irmãos, e a vida parecia bela. Apanhava um bonde, e, no caminha, olhava tudo com olhos de admiração. Como era graciosa aquela criancinha que brincava no colo daquela mulher de olhos machucados de tristeza, como me encantava o andar daquela senhorita de chapelinho de pena, como era respeitoso o tom grave daquele senhor que conversava no banco da frente com uma senhora gorda e não menos respeitosa! Lia os anuncios comerciais, reparava nas menores cousas, e nada me aborrecia.

Chegava á casa, beijava minha mãe, minha irmã e me punha a conversar com meu pai. Então vinha, depois, o jantar, e na mesa os comentários, apezar de serem os mesmos, não me davam a impressão do tom monotono dos outros dias. Em seguida fazia a leitura dos jornais da tarde, sorria para as brincadeiras ingenuas de Zildinha, reparava nas repreensões de minha mãe, fazia sala ás visitas. Finalmente chegavam os bocejos, e não havia outra solução que não fosse a cama. No entanto, com o tempo, passava a me aborrecer de tudo, a me sentir isolado, fugindo até das pessôas de casa. Trancava-me no quarto e ficava horas e horas a fio, sentado, fumando, nervoso. Não estudava. Oh! como eu abominava os estudos nesses dias. O pior eram as perguntas que me faziam:

— Que tem Você, Jorge? Não vem almoçar? Está doente? Sente alguma cousa?

Como essas as perguntas eram as centenas. Respondia mal humorado, quasi estupidamente. Fugia do olhar de meu pai, que via com certo ar de censura e de tristeza, estas atitudes esquesitas. Percebia a sua reprovação, o seu desconsolo, e ficava mais perturbado ainda. Conservava, no entanto, o seu velho habito de nada dizer. Evidentemente colocava-me numa situação de inferioridade. Me punha parado na varanda, á tarde, e perdia-me a olhar o jardim, que os cuidados da mana conservava, as pessôas que passavam na porta, e as nuvens no céu, no céu quasi sempre azul. Só eu sabia o que sentia nestes momentos. Odiava os outros porque eram incapazes, inteiramente incapazes de compreenderem a minha situação. Me enjoava com os conselhos, com as recomendações, com os cuidados de minha saúde. Achava tudo incolor, inexpressivo. Minha mãe costumava falar:

— Jorge está triste, que tem você, meu filho? Não fique assim que eu me desgosto. Procure se distrair, deixe-se dessas cousas.

Mas era inutil. Tudo inutil. Eu não ligava á cousa nenhuma, e continuava obstinadamente em meu silencio. Uma vez ou outra pedia á minha irmã que tocasse um pouco de música para eu ouvir. Então ía perto do piano, cruzava os braços, sentava-me numa cadeira, e ouvia o que minha irmã tocava. Isso produzia certo bem estar ao meu espírito. No decorrer da execução, repassava trechos de minha vida, revia os meus dias de infancia, recordava velhos amôres, tinha sonhos. Não dizia uma só palavra. Quando minha irmã se mostrava cansada, pedia para parar, levantava-me, ía até ao jardim. A' noite saía de casa, percorria sozinho algumas ruas, e terminava no Bar. Ficava numa mesa, ao fundo, pedia um choop e fumava. Olhava as pessôas que me cercavam. De algumas tinha piedade, julgava-as infelizes, tremendamente infelizes: No entanto, da maioria, tinha ódio. Um ódio tolo, sem nenhuma justificativa. Evitava conversa com os conhecidos que chegavam para beber, rabiscava figuras no cartão de chopp, e terminava fazendo frases pessimistas a respeito do amôr, da vida, das mulheres. Por fim, quando percebia que tudo ía se tornando aborrecido, chamava o garçon, mandava fazer a conta, puxava o dinheiro, pagava, e saía apressado, como se estivesse fugindo de um lugar sinistro ou de um antro tenebroso que derramara fél no meu coração. De volta para casa, sentia-me torturado, confuso, desorientado. Inteiramente desorientado. Por que tudo isso, não sei. Ainda hoje, apezar de irem já um pouco distante esses tempos de desconsolos, de imcompreensões, não encontro uma explicação para tais factos.

O conhecimento de Heloísa, a nossa amizade, surgiu após um desses periodos de minha vida. Posso dizer que fui quasi tomado de paixão, de uma enorme paixão.

No principio pensei em me distrair, em conversar com êla para matar o tempo. Seria, quando muito, uma maneira agradavel de esquecer a minha trinsteza, as intrigas dos companheiros, a mesmice da escola. Daí os nossos passeios, os nossos encontros diarios. A' tarde esperava Heloísa na esquina da rua do Rosario, lhe dava o braço, e saíamos juntos, distraidos. Olhavamos as vitrines. Ela preferia parar em frente das casas de modas, alí da rua do Ouvidor. Fazia, então, os comentarios:

— Bonito costume, este. Veja, Jorge. E' o "chic" do verão. A Dona Eulália, mulher do dr. Ferreira lá do escritório tem um vestido assim. Não gosto é daquele outro. Que feio, não é?

Continuavamos o nosso caminho; porém, logo adiante, na casa de calçados, faziamos outra parada. Eu não ligava á vitrine. Percebia, no entanto, a curiosidade, o interesse, com que Heloisa espiava para tudo. Nos olhos, nos seus olhos azues que tanto me embeveciam, notava um imenso desejo de posse, de cubiça. Como ela gostaria de trocar o seu vestinho simples, a sua blusa amarela, por aquele costume de luxo que o manequim ostentava! De certo, muitas vezes, havia de sonhar com ele, de se ver bonita, admirada pelos homens, provocando inveja nas outras mulheres. As amiguinhas do bairro, as colegas do escritorio fariam comentários, elogiariam o seu bom gosto. Ela se encheria muito de si, havia de mirar-se no espelho, tornaria mais forte o baton, as sobrancelhas mais altas, e depois ensaiaria uma pôse de Greta Garbo ou de Marlene Dietriche. No fundo era uma ingenua. Quasi sempre falavamos dos acontecimentos do dia, comentavamos pequenos factos. Ela me contava as intrigas que tinha, o cansaço do trabalho, o enredo do romance de Delly que estava lendo:

— Que bonito romance, Jorge, só vendo. Uma beleza!

Se eu tentava contraria-la, aconselhando outras leituras, dizendo que aquilo não prestava, que era uma literatura falsa, mentirosa, Heloisa se zangava, dava um muchôcho, virava o rosto. Caminhavamos um bom pedaço, silenciosos. Fingia indiferença, esperava que êla se voltasse para mim, puxasse conversa. Mas inutil. Eu terminava falando:

— Deixe-se diso, Heloisa, que besteira essa sua. Não vê que eu não quiz lhe ofender? Ela custava dar uma resposta. Mas logo estavam feitas as pazes. Vinham as cousas repisadas de todos os dias, que eu já me acostumara a ouvir, as repreensões ligeiras. Para falar a verdade, não nos entendiamos muito bem. Acontece que fui criando, aos poucos, contra minha vontade, um grande amôr por Heloisa. Notei isso quando surgiu, em mim, as primeiras mostras de ciumes. As cousas passaram a se complicar. Os nossos encontros já não eram simples divertimentos. Comecei a imaginar cousas absurdas. No fundo, lá no sub-conciente, travava uma lucta tremenda comigo mesmo. Não aprendera que a mulher devia ser uma creatura livre como as demais, que nenhum homem devia subjuga-la, escravisando-a aos seus interesses, ás suas ambições mesquinhas? Na escola não propugnei, tantas vezes, pela sua liberdade, acusando os outros de reacionarios, de passadistas? Não, evidentemente eu não podia tomar certas atitudes. Se Heloisa gostava de mim, esva muito direito, continuariamos o nosso namoro, mais tarde eu a pederia em casamento. Assim tudo ficava liquidado. Seria a minha mulher, eu teria toda confiança nêla, e chegariamos, quem sabe? a ser felizes. O que não concordava era com os ciumes. Cousa horrorosa, primitiva, os ciumes. Nenhum homem moderno, civilizado, pensava em tal cousa. O homem da caverna, o cacique, morrera ha muitos seculos. Mas quem não tinha, nos intimo, lá por dentro,

um revivescente desse homem primitivo? Punha as cousas nesses termos, e começava a monologar, duvidando, duvidando sempre. Revia, comigo, sozinho, os olhos de Heloisa, os seus cabelos de ouro, o narizinho arrebitado. Tinha, então, um desejo louco de possui-la, de torna-la minha, inteiramente minha.

— Não pense nas mulheres. Bicho dificil, meu filho, fuja dêlas. São capazes de mudar a cabeça de um homem.

Raciocínio do velho Pedro. Quem sabe se êle não estaria com a razão? Nas minhas divagações, divagações interiores, revivia frases que ouviria ha muito tempo, histórias que me contaram, pequenos detalhes de outros namoros, para justificar certas atitudes ou mesmo para contraria-las. Variava como as marés. Ora me punha calmo, tranquilo, disposto a aceitar todas as soluções. Ria até de mim, achava que um homem não podia colocar-se em tais situações, que era ridículo. Afinal, quem era Heloisa? Uma meninazinha tola, com desejos de grandeza, torturada pelo trabalho, e que não entendia nada da vida. Por que, então, havia de me preocupar, passar horas e horas, pensando nêla, acariciando idéas absurdas? Não era

justo isto. Devia voltar-me para os estudos, frequentar a sociedade, preparar o meu futuro. Meninas é que não faltariam. Poderia até arranjar um casamento rico. Não digo que fosse só pelo dinheiro. Não. Absolutamente. Conciliaria as duas cousas. Nada de mais haveria nisso. Evitaria, inclusive, os aborrecimentos, as contrariedades que poderiam advir de um possivel noivado com Heloisa. Na certa, em casa, ninguem aplaudiria a idéa. Todos se queixariam, falariam mal, dizendo que eu fizera uma pessima escolha.

— Tantas namoradas que você teve, Jorge, creaturas interessantes como Helena, e com quem você brigou para vir gostar dessa sirigaita. Veja bem que essa menina não serve. Será um desgosto para nós.

Este seria o comentário de minha mãe. Nese caso os aborrecimentos seriam inevitaveis. Sim, reconhecia que êla se colocava no seu direito. O peor é que logo renegava tudo, desfazia-me de qualquer idéa que pudesse vir a ser um entrave entre eu e Heloisa. Passava a deseja-la ardentemente, afogava os meus sentidos em sua lembrança. Não, ninguem mais interessante do que êla. Que importava a sua futilidade, a sua imcompreensão pelos problemas da vida? Era jovem, muito jovem ainda. Com o tempo, possivelmente, quando fosse uma mulher feita, e tivesse o juizo amadurecido, então aí chegaria a ter um raciocinio mais completo. Por enquanto, não. Precisava ser mais condecendente. Aceitar como natural o que dissesse, passar por cima de suas leviandades, não levar em conta as suas pirraças. Na verdade eu não sabia me conduzir como um moço. Via o mundo com um pouco de pessimismo. Sem duvida que isto era um mal. Gostaria de pôr mais alegria nos meus gestos, imprimir mais juventude aos meus habitos. Sonhava, então, com a primavera, com os campos cheios de flôres, com o sol quasi escondido no horizonte, com as folhas verdes balançando nas arvores enormes, com o vento soprando em nossas faces. Andariamos de mãos dadas, os dois, pelos arredores da cidade, contariamos, um ao outro, historias romanticas, eu recitaria belos poemas, poemas que falassem do nosso amor. Não ouviria outra voz que não fosse a sua. Passaria as minhas mãos sobre os seus cabelos, refleteria os meus olhos nos seus olhos. Algumas pessôas olhariam com inveja a nossa amizade, diriam que nasceramos um para o outro. Contemplariamos o mar, seriamos tomados de uma grande vontade de viajar, de nos perder, em uma barca de velas muito brancas, no meio das aguas azues, de velejarmos á margem das praias, olhando á distancia os rochedos, as ilhas perdidas, as montanhas escondidas na sombra, lá no fundo. Tomaria os remos em minhas mãos, imprimiria um rumo á barca, deixaria que o vento levantasse os meus cabelos, e que a poesia, a doce poesia, vivesse entre nós. Pediria a Heloisa, que ficasse sentada na prôa, que cantasse uma cantiga qualquer para ajudar o balanço das ondas. E que mais poderia desejar ? O mundo seria nosso, e guardariamos em nossos corações a alegria da vida. Infelizmente, como estavam distantes da realidade estes pensamentos. Pura fantasia. O homem usa a sua imaginação para as cousas mais diversas, cria histórias, transporta-se a mundos impossiveis, diverte-se com ela, mas termina, de um modo invariavel, sendo esmagado pela realidade. Dura é a realidade. Poderia fazer um pequeno parentese, aqui, e me por a discutir este assunto. Fatalmente chegaria a uma conclusão pessimista, citaria alguns nomes conhecidos a meu favor, entraria com a minha parte de experiencia. Mas que resultados me trariam, isto? Nenhum. Evidentemente, nenhum. Voltemos, portanto, a falar de Heloisa, de nosso namoro. Creio que foram os ciúmes que me estragaram. Passamos a ter longas discussões. Hoje não me envergonho de confessar que as acho ridiculas. Não sei, mas para mim o tempo tem essa grande faculdade: destruir a força de minhas emoções, de meus sentimentos, reduzindo-os a simples traços caricaturais. Rio deles, ligeiramente, mas no fundo ha uma grande dose de amargura. E' bem possivel que continue a ser o mesmo homem de cinco anos atraz, porém, quanto tento investigar o passado, dissecando velharias, sofro uma grande disilusão, e delas fujo apressadamente. Heloisa não me compreendeu, jamáis poderia me compreender. As minhas ciumadas provocavam-lhe uma reação tremenda. Se eu lhe pedia para que não fizesse isso ou aquilo, aí é que ela fazia mesmo. Fechava a cara, arribitava os labios, amuava-se de uma maneira incrivel. Constantemente estavamos zangados.

— Você não precisa vir me encontrar, hoje de tarde. Eu sei o caminho. Deixe está que não me perco.

Saía irritado, com uma porção de cousas bolindo dentro de mim. Se tinha que ir á escola, ficava despreocupado, com o pensamento longe, longe. Vinham as duvidas, as interrogações apressadas. Como as conclusões eram más, evitava-as sempre. Estaria Heloisa gostando de outro? Quem seria aquele rapaz moreno, queimado de sol, de quem falava com tanta simpatia? Amiguinho, só amiguinho de sua prima? Não acreditava. No princípio tudo era diferente. Futil ela sempre foi, como já afirmei, mas costumava ter certa ternura ingenua, quando se referia a mim.

— Porque você fica triste, Jorge? Acho feio, não gosto, assim.

Ria, ria um riso fraco, quasi inexpressivo. Mas, por dentro, me enchia de uma grande emoção, e o meu desejo era acariciar a cabeça de Heloisa. A sua presença, aquele ar romantico, aquela pureza que transparecía em sua face, bastava para me alegrar. Muitas vezes evitava conversa, para melhor poder contemplar a sua imagem. Condoía-me com o cansaço que o trabalho lhe provocava. Por causa disso punha-me em choque com outras idéas minhas. Deve ou não trabalhar, a mulher? Sempre achei que sim. Só o trabalho, unicamente o trabalho, lhe trará a independencia necessaria para não se escravisar a ninguem. Diante de Heloisa, no entanto, chegava a pensar de modo diverso. Não, a mulher não foi feita para o trabalho. O trabalho destroi a beleza, envelhece muito depressa. Sem dúvida que as mulheres foram feitas para adornos da vida. Como as flôres, elas devem ser cultivadas. Estaria certo, isto? Não acreditava. Mas a simples presença de Heloisa, em determinadas ocasiões, era o quanto bastava para transtornar inteiramente as minhas convicções, — convicções que êla não aceitava de modo algum.

Todo o meu idilio, feito de esperanças, de desejos nunca realizados, foi, aos poucos, sendo

Visão

Wilson Rodrigues

Dentro da noite imensa
vejo a arvore torturada e silenciosa dos pomos de ouro,
onde mora o bem e o mal.
Cada folha, torna-se uma gota de luz.
Dos ramos torturados,
partem canções aladas e transparentes pelo espaço
que são como o canto da minha redenção!

(Especial para ESFERA)

jogado por terra. Com as brigas, os arrufos que não acabavam, Heloisa cada vez mais ía se distanciando de mim. Depois das discussões que tinhamos eu me retirava apressado, nervoso, com uma porção de idéas pulando dentro da cabeça. Parava, ficava indeciso, tinha vontade de voltar, de chegar perto de Heloisa para dizer que ela era uma menina bôba, tolazinha, que eu nunca gostára dela, que o nosso namoro estava terminado, que éla me esquecesse. Precisava desabafar, e como não encontrasse ninguem, me punha desabaladamente a andar, a andar sem destino. No dia seguinte voltava, ela me tratava com certa respidez, mostrando-se indiferente, olhando para outros rapazes. Fazia isso com um certo prazer sadico, que eu percebia no riso de mofa com que me fitava. Me roia todo por dentro, ficava desesperado, odiando Heloisa. Tentava me fazer de superior, querendo encobrir os meus sentimentos, a minha revolta.

— As mulheres devem ser tratadas com desprezo. O homem precisa se manter com superioridade.

Sem duvida que era facil dizer essas cousas, quando não se sentia nada. Levantar o dedo no ar, tomar um certo geito doutoral — muitas vezes idiota — pontificar de cima, como quem dá uma lição, é muito corriqueiro. Vencer os sentimentos, eliminar determinadas tendencias, fechar o coração, torna-lo insensivel, é difícil. Nesse caso reconhecia-me um fracassado, embora todo o meu esforço para me libertar. Valeria a pena continuar indefinidamente amando Heloisa, vivendo assim torturado pelos ciúmes, me aborrecendo com tudo, me pondo de máu Humor? Passava um dia inteiro em casa, fazendo um compromisso comigo mesmo de não saír, de não procura-la mais. No dia seguinte, acontecia levantar logo cêdo, correr ao ponto do bonde ali no Largo de S. Francisco, e esperar que ela viesse. Enquanto não chegava, olhava as empregadinhas que passavam apressadas, algumas de braço com os namorados, e nelas procurava descobrir alguma cousa que as assemelhasse com Heloisa. Não, sem dúvida que eram mais amaveis. Os pregões anunciavam os jornais da manhã, o relogio lá em cima da torre corria com os seus ponteiros, a vida corria. Tudo era indiferente, só uma cousa me preocupava: Heloisa. Contava os minutos, olhava os bondes que vinham, quasi medroso, esperando o choque de ve-la saltar e virar-me as costas como quem não me via. Aproximava-me dela, comprimentava todo amavel, querendo desfazer os ressentimentos anteriores. Por fim tudo se tornou impossivel. Como aturar aquela situação, me vendo quasi que diariamente humilhado? Desejava fugir, me livrar de Heloisa. Havia, no entanto, uma força que me prendia a êla. Exquesito, isso. Um belo dia, como de custume, fui encontra-la á noite, perto de sua casa. Não apareceu. No seu logar veio Dulce, a sua prima. Nunca a suportei. Detestei-a, sempre. Tinha um ar muito audacioso, querendo se meter em cousas que não lhe competiam. Chegou-se para mim, disse bôa noite, em seguida me entregou um bilhetinho. Não fez mais nada. Quiz perguntar por Heloisa, mas logo compreendi tudo. Sim, estava acabado o namoro. Ela pedia para que não a procurasse mais, dava uma desculpa tola, perfeitamente dispensavel. Achei estúpida aquela atitude, me vi de um momento para outro quasi desesperado. De facto era ridiculo deixar-me vencer assim, por uma menina como Heloisa, caprichosa e futil. Devia procura-la no dia seguinte, na esquina da rua do Rosário, quando saísse do emprego. Chamaria a um canto, diria tudo que pensava, faria sentir que eu a desprezava, que o meu amôr por ela não passára nunca de simples fantasia. Procuraria tambem ferir o seu egoismo. Talvez me exaltasse, fosse até ao insulto. Por certo que pediria inteiramente o meu controle. Refletindo bem, seria inútil, isto. Passei uma semana indisposto, procurando me vencer, evitando encontrar Heloisa. O tempo passou. Mais tarde a vi de braço, toda risonha, com os cabelos voando, a boina na mão, em doce coloquio com o rapaz moreno, queimado de sól, que êla me dizia ser namorado de sua prima. Curioso é que não senti a menor surpresa. Passei, fingi que a não tinha visto, e continuei o meu caminho.

Tudo isto é sem importancia. Lembrei-me dessa história folheando um diario, onde encontrei o nome de Heloisa. Só por isso, unicamente por isso, resolvi arrancar a sua figura da sombra, para onde o pezo do tempo a jogou.

Na gleba amargurada de Raul Leoni

(Pagina de lembrança sobre o poeta esquecido)

Danilo Bastos

A poesia brasileira, no tempo que se limita entre o fim do seculo e o aparecimento do modernismo, sofreu a angustia de dois homens, de duas amarguras que a nossa lembrança hoje reune em uma mesma saudade piedosa: Augusto dos Anjos e Raul de Leoni.

Augusto foi o lirico das asperas visões alucinatorias, comprometido á rude singularidade de um rimario que sugeria fenomenos e molestias. Sua arte, num gesto amplo de imprecação, fascinava como um segredo da ciencia, e não raro ao desfibrar as minucias da anatomia, em antiteses que feriam como tibias quebrados, a maldição em assomo maligno lhe pulava das linhas ordenadas. Si sua arte permaneceu figurada no mais terno e agressivo dos simbolos, a sua vida ensinou eloquentemente a mais brutal das verdades humanas...

Raul era nobre demais para uma queixa ou uma apostrofe. Arrogante e adoravel, teria sido o primeiro messidor de belesas que repousou na serena fidalguia das imagens a inclemencia sem termo do destino, interrompido na traição de seus melhores afetos. Teve a volupia da rima rara e foi o mais gentil dos amorosos da terra, a quem desejava com desvelos de amante. Aristocrata da mais fina excelencia, acabou evadindo-se á claridade excessiva dos saraus, se resguardando do mundo na mansuetude do gabinete, para perdoar a Cristo e cristalizar os seus ritmos. Nesta intima resignação ao infortunio, ao isolamento em face das flores e das alegrias rodeantes, nesse perdão ao principe dos céus palpitava, como lição de humildade, a mais cristã das heresias...

Morreu escandalosamente, para dissonar do silencio da vida toda. Ao contrario do pobre Augusto que ao se ir para a ultima aventura apenas cometeu a mais quieta de suas exclamações...

⁂

A tristeza do mundo impressionara Raul de Leoni, moço de sensibilidade alvoroçada, adormecido num esbanjamento de sonhos. As lutas por um previlegio melhor, as procelas que se formavam e se despejavam nas ruas e nas praças pela palavra de um exaltado ou de um enternecido, numa sarabanda de imagens e de vitorias detinham o interesse do heroi romantico. E ele se revia na pagina dourada das auroras empunhando a flamula da cruazda humana destacado no tumulto de seu pais...

Desta sugestão irrompeu a primeira floração exuberante. Os poemas nasceram febris e expontaneos, como essas fontes que aparecem no misterio das grutas, para simbolisar o desatinado compasso das horas novas e a inquieta agitação dos momentos inaugurais. Quando em oturas paragens os homens se libertavam e se confraternizavam abriu-se a historia da obra de Raul Leoni, pela circunstancia deste surgimento subito. No deslumbramento inicial deixou passar as aflições que surgiam na penumbra. Pela fascinação que lhe empolgara o espirito, si mais alguma cousa desejou foi que o seu extase permanecesse naquele minuto estacado, e a vida fosse sempre assim para seus irmãos, toda deliciosa, manhã clara de sol...

Mas em face da realidade perderam-se os entusiasmos do joven pregoeiro de rimas. Sua bondade afetuosa não concebia o vagalhão de odios e de perfidias a seu redor, não existindo para ele o esforço de comungar os sentimentos comuns. Teve assomos de rebeldia quando lhe vieram contar os vicios irremediaveis da humanidade. Proclamou a compreensão pelo amor e compoz capitulos de ternura, para depois ungir-se das melodias com que festejara a justiça e o bem, vencido pela desilusão que as creaturas lhe ofertavam. Mais que em todos os agiologios aprendeu na lição da vida o exemplo dos martires. Era intrépido bastante para fugir. Ficou, para ouvir desta vez, na ronda do mal, o hinario do bem...

Tiveram recepção silenciosa os primeiros traços de seu calamo. Ninguem lhe saudou as feições inéditas ou a ancia de amplidão de seus remigios. Assistiram-no somente a clarinada dos passaros e a festa das graças montezinas, que tão bem se reconheciam nos seus versos, feito aquelas rosas lividas de Mistral que se iam á noite até o céu e lá se miravam no brilho das estrelas, pela complacencia do luar. Um admirador surpreendeu-lhe nos ritmos, por essa ocasião, a cadencia de um psalmo barbaro, mas o que eles realmente possuiam era a descrença nas harmonias misticas, a renuncia á assinatura de Deus, em timida negação ao conceito ruskiniano que exigia para as elisias virtudes do belo a rubrica divina. Todo o encantamento das paisagens que se agasalhavam em vergeis e jardins foram transfundidas ao cálido remanso de suas imagens. A natureza aparecia-lhe como um excelente poemario vivo, uma kermesse da mais lirica pureza, á espera de alguem que lhe contasse os fervores. Por isso, despedido da gloria pelo desencanto dos homens, Leoni se fez o mosaista da liturgia bucólica, repercutindo na fluida comoção de seus ritmos a ternura das alegorias pastoris, a efusão dos contactos vegetais nas longas surdinas e nos demorados silencios dos cerros e dos álamos.

A delicadeza ornamental dos cenarios mediterraneos iria arrebatar a inspiração do artista. Numa transposição jubilosa o seu extase iria desabrochar, mais comovido e melancólico, no crepusculo nevoento que repelira o sonho de Alighieri. Ao longo das colinas de linhas esbatidas, plantadas na planicie como uma promessa misteriosa, no relvado murmurante, á orilha dos golfos onde os pescadores repousavam a sua cantiga e os seus veleiros, ele iria procurar as

melhores sugestões. Em louvor á doçura dos paineis, misturando o cheiro da terra ao halito do templo, debruçando-se em propositado exilio, na tranquila ambiencia peninsular, haveria de realisar o elegante romeiro da beleza, a mais admiravel procissão de ritmos...

Após enobrecer a paisagem com a alucinação solar de suas legendas, Leoni alcançaria o acento olimpico e o relevo impecavel que desejava para as sonancias de sua originalidade. O analogista de emoções ia prolongar até a fantasia impetuosa das imagens a perfeição humana que lhe encaminhava no mundo. Para depois poder dizer com mais eloquencia que Dario: "Minha poesia tem a idade de Platão..." e significar nessa frase a certeza de que, mesmo ante a vertigem da estética futura, os seus carmes haveriam de guardar, sem o deslustro do tempo, um prestigio tão apaixonado como o que sustenta a gloria do genio que pregava á sombra de loureiros.

O aticismo, em sua fascinante galanice de formas, lhe ia merecer o carinho e o arrebatamento. A Grecia, que inventara um dia a arte e o pecado, foi-lhe então a sedução definitiva, pelo motivo mesmo da poderosa irradiação de seus enigmas espirituais e de seus jardins que recordam no amortecido dos perfumes aquele povo que se nutria do "prazer sutil do pensamento" e se deleitava na "serena elegancia das idéas". Nesses raros enlevos, em que lhe brotavam expontaneas as obras primas, no sonho, eternisado dos aédos, Leoni empreendeu esse feito de, em suave e triste ironia, narrar os ideais de sua época. Chegára o momento tumultuoso, a furia das imagens viris e translumbradas. Fez então da poesia a sua razão de vida, rimando sem repouso, perdulario de emoções.

Seria fácil em tais instantes surpreender ornando-lhe as feições o halo refulgente que certa dama conferira á perversa inteligencia de Oscar Wilde, e fez a Condessa de Noailles saudar desta maneira o maior crente de ternura que já viu a França: "Mr. Musset, aquele que uma vez apenas ler os vossos versos, não vos esquecerá, porque vós prometeis felicidade e sois um irmão de todas as almas, um amigo dos que sofrem e dos que amam, sois o joven vestido de gloria, o belo Eros dos bosques de França..."

Raul de Leoni pôde dizer-se um heleno e um classico, no que classicismo impressiona em harmonia a superioridade, e helenismo se entende por dom de reacender explendores. Nenhum poeta, em face de igual espetaculo aparatoso, teria mantido feito ele o dominio da personalidade inconfundivel. Não repercutiu a asperidão dos parnasianos. Evadiu-se á recomposição leal, á descrição emplumada, em que a estrofe parecesse marmorea e cimentada como um detalhe de escultura. Ele compreendeu exatamente a advertencia da sensibilidade. Situou o espirito em regiões fidalgas, na Grecia das finas marginalias pagãs e na Florença dos anacoretas e das rosas, afim de que a inspiração angustiada se emoldurasse no fausto dessas terras e lhe fizesse esquecer os temporais do proprio destino. Foi um homem em si mesmo na paisagem calada das provincias antigas. Uma emoção biografando a natureza, como se pode dizer, aquela mesma natureza onde se perderam as elegias de Chenier, fogosa, ardente como o corpo de Thais...

Da visão reverenciada resultou o luxo das lembranças. Após contemplar os solares, os palacios e os templos, Leoni formou á sombra do tradicionario um mundo todo rebrilhante de intenções novas, de sons e cores velados, para a futura ilustração do seu éstro. Ele deixara naquelas duas conchas de terra, que se intrometem como dedos nervosos no azul do mediterraneo, um retalho de sua chaga. Por isso havia de permanecer-lhe para sempre na imaginação o envolvente sortilegio das tardes de Ravena e da brisa que passa nostalgica levantando as ruinas de panteões e coliseus... A saudade, como um velario que se abrisse, desvendou-lhe á inteligencia as sabias lições recolhidas nas horas de visitação. Por constancia á volupia do verso encantador, quantas vezes não desatou o espirito para os apressados vôos da recordação pura, em busca dos clarões matinais que se escondiam longe, na longinqua peninsula dos citaredos, de Lycias e Palemo... A memoria feriu-lhe os ultimos entusiasmos de valente campeador das letras. Pelo misterio de seu sonambulismo, pela revivescencia de seus esponsais panteistas pôde o evocador de simbolos manter até o derradeiro poema a flama inquieta de suas rimas de ouro.

Deu-se com ele o que de Shelley narra um critico: "Morreu cedo, por uma impaciencia dos deuses, que realmente achavam intoleravel a presença de tal voz divina entre os mortais". Teve o destino altivo das abelhas e a sorte galante dos rosais: trabalhar e perfumar. Sofreu e sofreu muito, cumprindo assim o determinismo dos artistas. Nunca recitaria o verso de Musset onde ha sofreguidão de amor e o moço idealista oferecendo pela quentura de um beijo toda a maviosa dormencia de seu genio.

Só se alegrava no isolamento, afastado da vida como um menino medroso. Sua tristeza resignada, igual a de Samain na "Vigilia", foi bem uma "chama pura, sutil, leve como a luz" a iluminar-lhe o roteiro. Na malicia das embaixadas e até mesmo quando a morte se aproximou, só teve pensamento para o soneto que não finalizara, para o apologo que lera em Gozzi ou para as suaves pinturas de um rimador da Umbria...

(Especial para "ESFERA")

Dois Poetas Paulistas

Aydano do Couto Ferraz

A principio disseram que a poesia tinha morrido, e foi um barulho horrivel feito pelos que sentiam a poesia ainda viva, palpitando. Quando serenou o barulho, poude-se identificar o fenomeno. Era um poeta católico que pretendia generalizar o seu caso individual. Depois, silenciaram sobre a poesia para vêr se ela conseguia morrer por iniciativa própria ou ficava esquecida dentro do cerebro dos poetas. Nem assim a poesia morreu. Mas, desde então, não é sem certa timidez que surgem poetas novos no Brasil. Como que eles vêm com uma interrogação nos olhos: será isso poesia? E, entretanto, a função dos poetas não mudou. Tanto ontem como hoje a sua missão humana tem sido a de prevêr os novos tempos, andar á frente das amadas e do povo como um irmão mais lúcido ou um comandante, abrir caminhos com estrelas lá em cima e maciezas no chão.

Enquanto houver dramas no mundo, tragédias amanhecendo e insatisfações haverá poesias. E a poesia não é previlégio de moços ou de velhos. A poesia é de todos, mesmo daqueles que a sentem e não têm voz para transmiti-la aos homens. A poesia é o individual e o coletivo, a visita inesperada e o quotidiano, a luta de sempre e a vitória anonima, é um pouco de todas as coisas sentidas com emoção. A poesia é a vida.

Não concordo com o meu amigo Mario de Andrade, quando propõe na sua "República" jamais escrita, que se proíbam os poetas de menos de quarenta anos de publicar livros. Mesmo que fosse comun entre nós, os moços poetas abandonarem a poesia na idade em que os romanticos do século passado abandonavam a vida. Assim como quer Mario de Andrade a poesia se torna inatual. E ha uma certa poesia que envelhece. A poesia é um ser vivo dentro da sociedade, sofre suas reações naturais, representa um momento de cultura. Não póde parar, nem espéra melhores dias. Vive sua época ou se eterniza.

Vejam o caso do Brasil. A' exceção de Oswald de Andrade, do próprio Mario, de Manuel Bandeira, Raul Bopp e poucos mais, quantos poetas aparecidos com o movimento modernista continuam escrevendo poesia? "Ah!... vão chegar depois aqueles instantes aflitos em que a gente se contorce quietissimo, sem gesto, o espírito é que bracêja alarmado, será que a poesia estancou? E' um espinho salgado que penetra, a gente ama a poesia mas a poesia não sai mais." Sim! a poesia é eterna, mas, os poetas envelhecem. Por isso é sempre com a alegria de um interessado que vejo o aparecimento de novos companheiros para os poetas novos. Oneyda Alvarenga e Rossine Camargo Guarnieri, dois poetas da Paulicéa, estão nesse caso.

Oneyda Alvarenga. — A Menina Bôba — 1938. — S. Paulo.

Oneyda Alvarenga é uma poetisa realizada, de uma poesia interior harmoniosa e sem arroubos declamatorios, mais para ser compreendida pelos poetas que pelo comun dos mortais. Muito jovem ainda (seus versos não podem mentir), não se envergonha dos seus vinte anos e quer correr com o rosto contra o sol, sorvendo perfumes selvagens, com as narinas arquejando e os sentidos abertos. Adora a simplicidade e a nudez sem convencionalismos, confessa amar a vida como a vida vem ao seu encontro. Sentindo seu corpo latejar de seiva, quer que a enlacem braços rijos e sente beijos loucos ao redor de si. Depois, vem a ansia de evasão. A poetisa que ama o sol e o ar puro, não compreende os que rastejam na planície:

"Nunca sinto inveja de ninguem que róla no pó.
Só um par de azas me põe um risco de despei-
[to manso nos olhos.
Eu devia ter nascido andorinha".

Mas, em seguida á ansia de evasão a realidade da morte pésa sobre os olhos de Oneyda:

"Pensamento de que meus braços quentes es-
[friarão um dia
e estarão perdidos para todos os abraços".

A poetisa é uma inconformada que quer "se perder por todos os caminhos, pelos caminhos que vão dar a todas as vidas". Só assim ela aceitará a realidade da morte, para depois de tanto ardor e tanta palpitação incontida, ir viver exilada entre as coisas. Ha um sensualismo místico rescendendo dos seus poemas, ha tambem ressonancias de Tagore em alguns versiculos. Uma oriental da Paulicéa, casando seus

impetos pagãos a uma concepção contemplativa da vida:

"Basta que eu me sinta
dinamica e potente,
uma vida a jorrar dentro da vida".

Não tem transbordamentos, não quer sentir a impressão do mundo exterior. Sua vida basta á sua vida, seu dinamismo é próprio. As grandes, amargas vozes do mundo, as tragédias e os desconsolos ainda não chegaram aos seus ouvidos. Mas, "uma vida a jorrar dentro da vida" é um dilema egoista em face das vidas que tumultuam sem direito nem siquer de jorrar dentro em si próprias, porque não têm fôrça interior. A poetisa virá a compreender isso, e, num tom amargo, quer se esconder em si mesma, viver para o seu amor, fugir ao fatalismo da impregnação por vozes extranhas, fugir ás exclamações dos que sofrem e bradam de sofrimento:

"Sinto que o chão péde os meus joelhos...

Oh! meu amor, deixa que eu chore,
Debruçada sobre ti, as minhas lagrimas,
Guarda-me o rosto nas tuas mãos
Pra que eu não ouça as outras vozes,
Desfaz-me em ti, abre os teus braços..."

A insatisfeita que procura um caminho e se acha exausta, se desilude agora até do amor que a "dispersava no mundo" e sente a nostalgia da vida sem uma finalidade:

"Não sou mais que cansaço
e desejo absurdo de desintegração".

E se convence amargamente de que ninguem acertará passo comsigo, "porque ha diversidade nos caminhos do mundo".

Por fim sente o silencio ao redor de si, do mesmo modo porque uma céga ou uma desiludida sente a morte de imagens queridas. E lança, então, o seu canto de triunfo, que é como o encontro de si mesma:

"Quero côres vivas, quero côres fortes,
Vermelho, côr-de-rosa, verde-gaio.
Estou cansada de vestir de rôxo,
Quero um traje novo".

Oneyda Alvarenga é uma poetisa que sente e sabe transmitir a poesia, num país e numa hora de tão más poetisas. O intelectualismo que reçuma de algumas páginas suas, não lhe desmerece o valor. Nem mesmo o abuso de cousas que ficariam muito bem na bôca de Macunaima como "me embasbaco deante da luz" e etc., e de que mais tarde certamente a poetisa se libertará.

Rossine Camargo Guarnieri. — Porto Inseguro. — Livraria José Olimpio — 1938 — Rio.

Rossine Camargo Guarnieri, de uma família de poetas, poeta ele próprio e torturado poeta o seu irmão maestro Camargo Guarnieri, anuncia em "Porto Inseguro" "uma mensagem sem fronteiras", e canta melhores dias para a humanidade. E' um crédulo, talvês um místico da poesia social, mas, desses místicos que acreditam nas maiorias e nos musculos são e detestam as élites se sobrepondo aos designios dos homens. Uma voz sonora, capaz de preferir cantar os rios trabalhados pelos operários, a cantar os rios com que a natureza nos dôou. Apaixonado pelos que sofrem e lutam serenamente iluminados pela chama interior, o poeta quer um mundo sem injustiças e horrores, sem as guerras e os martírios coletivos.

Tem, aqui, e ali, expressões desgraciosas que a poesia repéle. Outras vezes, é possuido por um artificialismo de quem ainda não encontrou sua fórma poética: "... que a vida siga os caminhos que vamos inventando e se curve, **se entorte para nós".** Ou, então, fala em "essencia das cosmogonias" a propósito do suor dos trabalhadores. Tambem a chave do poema "Segundo bilhete para um condenado" é de evidente influência de uma das últimas páginas de "O Moleque Ricardo" de José Lins do Rêgo, página essa posta em versos pelo poeta cearense Edgard Alencar, com evidente vantagem sobre o autor de "Porto Inseguro".

Mas, ao lado desses defeitos, naturais em todos os poetas que se iniciam, que belos poemas ha nesse livro! "Canto Novo", "Quando, irmãos?", "Cena", "Fuzilamento", "Pogrom", "Coração Cosmopolita", são poemas de alguem que poderá vir a ser uma grande voz da nossa poesia. O poeta tem a coragem de ser humano deante de um mundo crecentemente barbarizado e ha sempre uma especie de heroismo na sua poesia lírica e social:

"Eu amo os corações itinerantes
porque gôsto de tudo o que vem
no imprevisto das vagas
como um frasco contendo a mensagem de um [naufrago."

E' um puro que não compreenderia a vida, senão como uma lição para os que vêm depois:

"Crianças,
não olhai para mim
porque não posso dar nenhum exemplo edifi- [cante."

Trata os homens todos como irmãos, e, sendo, um revoltado, sua poesia não tem o amargor

O LIVRO ESTRANGEIRO

Harald Höffding - "Personalité" in "Conceptions de la vie" - Felix Alcan - Paris

Este trabalho do cientista alemão não é recente. Data, na tradução francesa, de 1928. Apontamo-lo aqui, todavia, em virtude de tratar dum assunto que se nos afigura, na atualidade, de grande interesse.

Foi do dominio comum, durante muito tempo, que a personalidade se realizava do simples para o complexo. Ora, Hoffding mostra-nos, justamente, que a personalidade se realiza pelo somatorio dos elementos isolados, de sensações, de representações, de sentimentos e de necessidade. — E refuta a teoria oposta, com estas considreações: "Só numa fase tardia da evolução é possivel começar a distinguir os elementos psíquicos". Acentua que "na criança como no homem primitivo, não se encontra senão uma concentração que toma as fórmas do instinto e do reflexo". Quere isto dizer que o homem nasce com uma série de elementos amalgamados, que só o seu desenvolvimento pela vida fóra, consegue, pelo apuramento de cada um, ir salientando. Salientando, aliás, num progredir constante, — partindo nós, claro, de que o apuramento das faculdades de qualquer individuo não pára bruscamente.

A muitas pessoas poderá parecer que êstes problemas não têm importancia de maior. Deve salientar-se, entretanto, que tal não sucede. Porque êste problema, volvido para o lado como nô-lo coloca o filosofo alemão, muda completamente a face das coisas em geral.

E assim, o critério ainda aceito por inumeras pessoas — nomeadamente por artistas e escritores — sôbre questões de originalidade literária, etc.. Pois que predomina ainda largamente a opinião de que quanto maior fôr a acomulação de leituras e outros meios de contacto, — assim o homem menos possibilidades tem de vincar a sua individualidade, quando o que sucede é o inverso justamente: — a livre expansão do individuo com o seu ambiente, — é que lhe salienta e apura as faculdades psíquicas. Porque só o ingresso maior no grande mundo dos homens estabelece no intimo de cada qual, as energias que lhe vão formar, distinguindo, os diversos aspectos do subconsciente.

Há, como se verifica, aqui, um problema de totalização, aquela totalização de que nos tem falado Abel Salazar.

Cada individuo concentra uma série de elementos amalgamados. Estes, á medida que se vão apurando são transmtiidos ao meio, que por sua vez vai sempre introduzindo novos elementos no psiquico do individuo. A caminhada dêste pela vida fóra é que, culminando na expressão máxima que lhe foi possivel — apresenta a personalidade distinta que êsse individuo atingiu.

"O carater da totalidade — acentua Hoffding — funda-se sôbre a energia sintética, com a qual os elementos da vida psíquica são conduzidos á unidade. Um cáos dêsses elementos significa o começo da doença mental. Podemos, portanto, distinguir a sintese enquanto forma essencial da vida psíquica, e o conteudo que ela funde com uma energia mais ou menos grande".

Foi isto mesmo que conduziu Hoffding a distinguir o "eu" formal do "eu" real: "Um manifesta-se na energia sintética, o outro nas propriedades qualitativas do conteudo desta".

"Dando-se o caso de não ser possivel, sempre, a unificação do "eu" real, pelo choque dessas tendencias dispares, — nota Hoffding — essa unificação que poderia estabelecer o "eu" real harmonioso, não se consegue senão pela compreensão de elementos recalcitrantes. Apresenta-se, aqui, a tendencia esporádica destas manifestações — o problema da formação dum carater do cáos dessas mesmas tendencias e impulsos" — encontrados mais ou menos em todos.

Hoffding continua nas suas considerações — estuda o problema detidamente.

Adiante, diz-nos: "Uma unificação completa do conteudo da vdia não é possivel para um ser individual. Dados novos aparecem constantemente e colocam assim novos problemas á energia sintética. E' essa a razão porque a personalidade, presupondo uma unificação completa, não é mais do que um ideal, o que não exclui o fato que uma observação atenta póde, em cada etapa e em cada forma da vida psíquica, descobrir afastamentos e aproximações — exigencias dêsse ideal.

O texto de Hoffding é, evidentemente, muitissimo mais desenvolvido, mais elucidadtivo. Não nos é possivel, porém, reproduzi-lo aqui. Apenas pretendemos dar dêle uma ideia generalisada — salientando-lhe, ao mesmo tempo, a importancia. Trata-se, na realidade, de um capitulo lapidar, denso de ideias claras e fecundas. O leitor interessado deve perdoar as deficiencias de exposição.

Um esclarecimento devemos dar em ultima nota: nos captiulos restantes do livro focado, o filósofo alemão analisa assuntos do mesmo grande interesse. A circunstancia, porém, de não serem recentes — como se disse no começo dêste apontamento — obriga, sobretudo nêsses outros, a, perante os conhecimentos atuais — deficiencias e lacunas.

Este, porém, repetimos, é atualissimo. Não porque o homem tenha parado nestas pesquisas, mas porque a lucida penetração de Hoffding, o atirou, vivo, até aos dias de hoje.

A. C. S.

(Portugal).

---

do sub-solo social em que deita raizes, antes convida ao optimismo em face dos destinos do mundo:

"Quando, irmãos, as pombas brancas pousarão em nossos hombros,
para falar ao coração de todos?
Quando, irmãos?
Quando?"

A pergunta de Rossine Guarnieri fica suspensa no ar como uma bandeira de paz ou um canto de esperança. E, ao seu encontro, os homens correm a toda pressa, porque depois da luta os homens, como o proprio poeta, tambem querem construir com os restos do naufrágio um pedaço de céu para o seu sossêgo.

(Especial para "ESFERA")

Letras de Hispano-América

E. Rodriguez Fabregat

TALA: el nuevo libro de Gabriela Mistral

En Buenos Aires y en Francia, en sendas, magníficas ediciones, acaba de aparecer el nuevo libro de Gabriela Mistral: "Tala". (En Portugués, aproximadamente, este nombre significa: Roça.)

A pesar de la gloriosa y larga produción de la poetisa es este su segundo libro. Toda América goza esta celebración. Una renovada y más ahondada Gabriela nos depara este libro. Mujer que anduvo el mundo, que vió y sobrellevó los dolores del hombre, que puso la ternura de sus manos sobre la angustia de nuestro tiempo y aplicó su corazón a comprender cuanto de lo profundo viene como mensaje, como denuncia o como revelación, Gabriela Mistral ha concluido su nuevo libro y lo dedica a los ninos vascos y los ninos catalanes sobre cuya carne inocente ha caído la tragedia, aventándolos sin piedad por los caminos de Europa. Ellos como nadie han sufrido la tremenda agresión que sufre Espana. Cuando los invasores cayeron sobre el país vasco, cuando arrasaron los pueblos que eran el asiento de las comunidades libres, cuando pasaron como un azote por sobre sus tierras de labor, los ninos vascos llegaron, como los huérfanos llegan, a los campos de concentración preparados en Francia, en Inglaterra, en Holanda para recibirlos.

Gabriela Mistral dedica integramente el resultado económico de la venta de su libro, en la edición europea y en la edición argentina, para la construcción del Instituto que en Barcelona servirá de refugio a los pequenuelos vascos y los de Cataluna. Y es esa la primer emoción que el libro de Gabriela les reserva a los hombres.

Pero no es de asombrar. La vida todo de Gabriela Mistral transciende de esta forma de emoción ante los ninos. En ella han ido siempre la que ensena y la que canta, la que suena, y revela, la poetisa, la maestra, la mujer. Muy joven aún, Gabriela Mistral era maestra de escuela en Chile. Luego fué a México en la vieja patria azteca. Y allí como en Chile fundó es- la vieja patria azteca. Y alli como en Chile fundó escuelas para los hijos del indio y para los hijos del blanco, por que América conserva en su corazón un sentido racial que se nutre de todos los elementos de lo humano.

Este libro "Tala" de que nos ocuparemos detenidamente y de cuya aparición damos apenas alborozada noticia, ha sido editado en Buenos Aires por la Editorial "Sur" que dirije dona Victoria Ocampo. Tomamos de él algunos de los romances que integran el capitulo de "La Cuenta-Mundo". La "Cuenta Mundo" es la que anda el mundo y luego refiere a su hijo todas las cosas venturosas como encendidas de milagro, que descubrió con sus pupilas asombradas por los caminos de la tierra. Los ninos del Brasil ya gozaron la primicia de este poema. Para ellos los leyó la propia Gabriela en una tarde inolvidable en el Instituto de Educação durante su reciente visita a Rio de Janeiro. Volvió a decirlos otra tarde ante los alumnos de la escuela, Luis Delfino, después de haber plantado un arbol brasileno en el patio de la Escuela, arbol que los ninos ahora cuidan con dedicación y amor. Es la nota grafica que acompana esta noticia, aparece Gabriela Mistral, la inmensa poetisa chilena, plantando el arbol de la flora brasilena junto a los ninos de la Escuela "Luis Delfino".

●

Mariposa

(De La Cuenta-Mundo).

Al Valle que llaman de Muso
que le llamen Valle de bodas.
Mariposas anchas y azules
vuelan, hijo, la tierra toda.
Azulea tendido el Valle,
en una siesta que está loca
de colinas y de palmeras
que van huyendo luminosas.
El Valle que te voy contando
como el cardo azul se deshoja,
y en mariposas que son vilanos
se despoja e no se despoja.

En tanto azul, apenas ven
naranjas y pinas las mozas,
Y se abandonan ríe que ríe
al columpio de mariposas.
Las yuntas pasan aventando
con el yugo, llamas redondas,
y las gentes al encontrarse
se ven lijeras y azulosas
y se abrazan muy azoradas
de ser ellas y de ser otras...

●

El sol que llaman quémalo-todo
quema suelo, no Mariposas.
Salen los hombres a cazarlas,
cogen en redes la luz rota
y de las redes azogadas
sacan manos que son gloriosas
y cuando vuelven con cielo muerto,
el cielo vivo les sigue en ronda...

●

Parece fábula que yo te cuento
y que de ella arda mi boca;
pero el milagro se repite
donde al aire llaman Colombia.
Cuéntalo y cuéntalo, me embriago
Veo azules, hijo, tus ropas,
azul mi aliento, azul mi falda,
y ya no veo más otra cosa...

Fuego

Como la noche ya se vino
y con su raya va a borrarte,
vamos a casa por el camino
de los ganados y del arcángel.
Ya encendieron en casa el Fuego
y en espinos cruzados arde.
Este es el Fuego que mataria
Y solo sabe solazarte.
Salta en aves rojas y azules;
puede irse y quiere quedarse.
En donde estabas, lo tenias.
Está en mi pecho sin quemarte,
y está en el canto que estoy cantando:
ámalo donde lo encontrases.
En la noche el frio y la muerte,
bueno es el Fuego para adorarse,
y es bendito para seguirlo,
hijo mio, de ser arcángel.

Pan

La mesa, hijo, está tendida
en blancura quieta de nata,
y en cuatro muros azulea
dando relumbres la cerámica.
Esta es la sal, este el aceite,
y al centro el Pan que casi te habla.
Oro más lindo que oro del Pan
no está ni en fruta ni en retama,
y es su olor de horno y de espiga
él de la dicha que nos sacia.

Lo partimos, hijito, juntos,
con dedos duros y palma blanda
y te lo miras asombrado
de tierra negra que da flor blanca.

●

Baja la mano de comer,
que tu madre también la baja.
Los trigos, hijo, son del aire,
y son del sol y de la azada;
pero este pan "cara de Dios" (1)
no llega a mesas de las casas.
Y si otros ninos no lo tienen,
mejor, mi hijo, no lo tocáramos:
y no comerlo mejor seria
con esta boca atribulada.

●

El hambre, hijo, cara de mueda,
en remolino gira las parvas.
De un lado chilla carro de trigo,
del otro, el hambre corcovada.
Para que lo halle, si ahora entra,
el Pan dejemos hasta manama,
y el fuego ardiendo pinte la puerta
que el indio quéchua no cerraba,
y que oigamos comer al hambre,
para dormir con cuerpo y alma.

---

(1)En Chile, el pueblo llama al pan "cara de Dios".

Documentário Cultural Português

IV

Nota resenha sobre a democratização da cultura em Portugal; conclusão e desdobramento.
ESFERA e o intercambio luso-brasileiro. Um abraço.

Deixamos esboçados nas crónicas anteriores, os prós e os contras da nossa formação cultural. E pudemos fazer uma ideia vaga de quanto pesa, nesta tarefa, o caso económico, e outros, seu efeito e causa por função intrinseca. Não esqueçamos, porém, que aludiamos, apenas, a publicações periodicas. Em matéria de livros, como facilmente se deduz, — o problema é algo mais complicado. Um semanário, um quinzenário, um mensário, vivem, geralmente, do esforço comum dos escritores e do público, — em larga escala os primeiros compondo o segundo. E esse esforço comum é que consegue manter uma chama viva num meio tendente a gelar.

Relativamente a livros é que as coisas são muitíssimo outras. Porque aqui essa conjugação de esforços, por débil, nem chega a ter corpo. E a natural dedução: um escritor não pode aplicar-se seriamente a um trabalho, dar-lhe toda a sua capacidade de realização, quando é obrigado a desbaratar as energias em misteres raramente agradáveis, — de modo a assegurar a existência a todo o momento ameaçada. Por sua vez o público — a grande massa — pelas razões conhecidas e outras daí derivadas, vive indiferente a trabalhos de cultura, — o que leva os escritores, á falta de estímulo, a um desinteresse pela própria atividade intelectual.

Bem amalgamados estes e outros factores — como o dos *beneméritos-livreiros* e os dos editores-comerciantes — fácil é formar um juizo sobre quanto vale em esforço e aplicação devotada, a exsitência duma luz de intelectualidade honesta neste país cantado e encantado.

Ser escritor, em Portugal, é uma heroicidade. Exceptuando Aquilino Ribeiro e um ou outro — que cremos estarem em condições de viver da pena — em Portugal, no sentido comum em que a palavra é entendida, não ha, mesmo, escritores. Ha, sim, pessoas que têm necessidade de *dizer*, e por isso publicam. Estes, mesmo, são o copro voluntário das nossas publicações de cultura. Um autêntico proletariado intelectual. Mas proletariado que, longe de receber até para as despezas a que é obrigado mais diretamente (selos e papel), tem ainda de contribuir financeiramente para que o grande mundo da ideia se prolongue e constrúa sempre.

E entretanto eis-nos alerta. Portugal salta por sobre o abismo, transcende momentos de furias e de desolação, — e na ocasião justa em que mais se acentua o choque dos elementos vitais, surge, vigoroso e crescido a, adquirida a sua fizionomia, dilatar-se no mundo vivo, a acolher-se nos povos expontâneos e simples.

Tal, o abraço devotado e ansioso que presentemente lança ao Brasil admirável, ao Brasil-novo, ao Brasil-Brasil.

Abraço que não é produto dum oportunismo calculista mas uma legítima afirmação de humanidade — um desejo expontâneo de honesto contacto — de higiénica promiscuidade espiritual.

"Esfera" é a concretisação desse desejo, a certeza íntima de vantajosa interferência. Porque tenha determinado realizar um programa? De maneira nenhuma. "Esfera" é a consequência desse estado de ansiosa interferência — a concenrtação de energias gémias, a certeza de realizações fecundas.

Nasce no seu tempo, airosa, saudável, livre, — para preencher o seu lugar.

E surge dando as mãos ao mundo, abraçando os homens, — sorvendo e enriquecendo a vida.

"Esfera" sabe que vai *suprimir* o Atlantico. Sabe que vai pôr Portugal no Brasil e o Brasil em Portugal. Portugal e Brasil já se queriam bem mas vão querer-se muito mais. "Esfera" sabe tudo isto porque consigo estão os melhores. Os melhores pelo timbre da qualidade. Os melhores neste mundo que decorre de polo a polo; da unidade primeira da vida á unidade última da mesma.

Por isso "Espera" representa um mundo de beleza suprema no mundo superior dos homens humanos.

"Esfera" aponta, do lado de Portugal, os maiores pioneiros dessa campanha de aproximação: Nuno Simões e João de Barros.

REVISTA DA IMPRENSA

A questão Abel Salazar — Antonio Sergio, em silencio. Exteriormente pelo menos.

Em suspenso tambem, as entrevistas de Jaime Brasil com figuras da intelectualidade francesa, que, feitas para o "O Diabo", este jornal vinha publicando.

O inquerito empreendido por esse mesmo jornal, entre os de mais de 40 anos sobre os de menos de 30, apontado como ficou, no número anterior, com as respostas de desagravo contra o depoimento de António Viana, levou este a falar de novo, incidindo na generalidade, sobre os mesmos pontos de vista: a incapacidade dos de menos de 30. As coisas porem é que não ficam por aqu,i como no-lo deixa perceber o éco que se tem feito da questão, nomeadamente no "Sol Nascente" — a nossa revista do pensamento jovem. No próprio jornal surge agora um curioso artigo

subscrito por Maria Arminda (de menos de 30), que conclui: "...precisamos do conselho da prudencia amadurecdia dos mais velhos, e julgo que uma "ajudazinha" nossa não lhes será em nada prejudicial".

Neste inquérito, falaram ainda: Manuel Maria Coelho, um dos mais jovens velhos de Portugal, Aquilino Ribeiro e Antonio Normando, o primeiro dos quais, sobretudo, tem palavras altamente simpáticas para com a geração nova.

No "Sol Nascente", (n. 30) Amorim de Carvalho responde, a propósito do seu recente ilvro "Atravez a obra do Senhor António Botto" crítica em forma de defesa que, no "Diario de Lisboa" Gaspar Simões fez, como crítico oficial, do lírico português — visado por Amorim de Carvalho.

Tal qual o que pudemos perceber, a questão tende a largar-se, e o próprio articulista confessa, depois de pedir a discussão: "...desejariamos interessar na polémica todos os nossos intelectuais — levantando-se a questão da crítica em Portugal.

ARTES PLASTICAS

No Porto — a exposição póstuma organizada pelos seus amigos, do pintor Artur Loureiro, — homem que o nosso meio recorda com saudade.

— E a de caricatura, de Octávio Sérgio, na qual são salientes os traços conhecidos no expositor: caricatura de crítica e de panfleto.

CINEMA

A adaptação de Shakespeare ao cinema, com "Sonho duma noite de verão" merece a Roberto Nobre palavras de bom acolhimento.

O mesmo Roberto Nobre fala de "Irlanda em Fogo no "Diabo"; e no mesmo jornal Cristiano Lima admoesta os realizadores cinematográficos de "Os Fidalgos da Casa Mourisca" da autoria do nosso inesquecivel Julio Diniz.

TEATRO

Sobre "Penumbra", peça em tres atos de Vieira de Almeida, fala largamente, no "Diabo" Assis Esperança. Assis Esperança tem palavras de crítica séria para a peça, — e de felicitação para Araujo Pereira, — em festa de quem a peça foi levada á cena.

LIVROS SAÍDOS

De Adolfo Casais Motneiro, em edições "Presença", "Descoberta do mundo interior" — A "poesia de Jules Supervielle". De Victorino Nemésio, "Bicho Harmonioso" — poemas, edição da "Revista de Portugal". De Joaquim Paço d'Arcos, "Ana Paula" — história de uma Lisboeta. Na Livraria Bertrand, em versão portuguesa de Aquilino Ribeiro, "A Retirada dos Dez Mil" — de Xenofonte. Na coleção dos Clássicos Sá da Costa, sob a direção esclarecida de Rodrigues Lapa, "O Soldado Prático" de Ribeiro Couto. Edição da livraria Sá da Costa. Lisboa.

APÊNDICE

Conservam muitas pessoas a opinião de que os jornais da provincia nunca podem agitar problemas de interesse geral. Algumas delas vão mesmo ao ponto de pensarem numa espécie de abandalhamento do "Clerc" quando este ou aquele dos que podem ser considerados como componente desse "clerc" entrega qualquer artigo para uma folha mais modesta. Ora tal impressão é que é absolutamente lamentável.

Se em grande parte se verifica o fato da predominancia duma mediocridade mental nessa imprensa, e ramente aí ser focado assunto de interesse, — tal fato deve-se mais propriamente a esses pretensos defensores da aristocracia do "clerc", do que a qualquer outra coisa. Etc. Etc. Etc.

Cesar Anjo, Filho, é um vigoroso jornalista da novíssima geração portuguesa. Se possui lacunas neste ou naquele aspecto — e todos as possuem — ha que não esquecer a sua idade e o periodo dramático em que se afirma. E sobre todas as suas qualidades e defeitos, uma virtude possui: coragem de atitudes e de afirmações, e um entusiasmo devotado pelos problemas que se dispõe tratar.

Recentemente, num semanário já aqui apontado ("O Trabalho") apresentou-se a focar o problema atualíssimo da traição das democracias.

Fazendo a afirmação do seu campo de preferencia, — declarou que a Italia e a Alemanha, procedendo como procedem, apenas desempenham o seu papel. E que ás democracias sabe a culpa do rumo que as coisas têm trazido: — promessas e mais promessas, conferências e agregados, — e, no fim de contas, nada de decisivo.

Estas considerações fa-las com a experiencia dos fatos; e é em volta deles que desenvolve os seus pontos de vista.

O que sucedeu foi, como não podia deixar de ser, que alguns animos se aquecessem. E pouco depois aparecia a resposta de um defensor do polo oposto, — o da não-traição das democracias. O caso provocou debate, e parece que, no fim de contas, ficou a certeza desta dramática perspectiva, salientada pelo jóvem articulista: "E de novo, agrupados debaixo da bandeira do "Direito e da Justiça" iremos queimar a nossa vida na guerra que as democracias, direta ou indiretamente, — não sou o primeiro a afirma-lo — estão forjando".

L I V R O S

A VOZ DA TERRA — Amadeu de Queirós

Edições Cultura Brasileira S/A

Amadeu de Queirós sincronizou um poema rural no seu mais recente romance, *A Voz da Terra*.

Sentido e vivido nas paragens bucolicas da gleba viçosa e exuberante, esse livro é uma das mais expressivas demonstrações dos valores marcantes que sobram em Minas Gerais e reforçam a cultura paulista, representada no romance hodierno pela honestidade de Daví Antunes, escondido por dever de oficio no incrivel Iágo Joé, de *Bagunça* e *Incenso* e *Pólvora* e esse remarcado Origenes Lessa, de *O Feijão e o Sonho*, paulista de Macaé ou do Maranhão, como Amadeu de Queirós tambem autor de uns contos notaveis, dos mais bem arrumados dessa especialissima literatura homeopatica.

Amadeu de Queirós não fez um romance regional. Humanizou-o, universalizando-o. A inteligencia não tem fronteiras.

Zé Borges tanto póde ser o caboclo mineiro, blindado na sua pobresa e rico de dignidade, de corpo e alma fechados ás fraquezas morais, como o peão de qualquer faroéste, com o mesmo rabicho pela terra, que é de todo mundo, menos dêle.

Antonio é um afetivo, timido na pureza dos seus modos e exemplos, como poucos homens de muitas historias. A decencia nele é um documento hereditario que se renova contra a iniquidade.

Ti Maié se parece tanto com o pária tabajára, como com o cule chinês ou o pobre diabo de póte e esteira das bagaceiras pernambucanas.

A Voz da Terra é um pedaço de ceu velho desabando da tempestade social do mundo feudal, se adaptando á China, como á nossa costa d'Africa das Alagôas, á Amazonia ou Minas Gerais.

O que mais caracteriza a obra de Amadeu de Queirós é que êle, mineiro da gema, como Julio Ribeiro, Eduardo Carlos Pereira, Fernando de Azevedo e Galeão Coutinho, fóra da sua terra ha tanto tempo, nem por isso renegou-a nem a esqueceu, como fazem certos paulistas de carregação, em atitudes contraditorias como a propria politica das conveniencias. São inteligencias que, plasticas de mais, escapam aos limites da dignidade. Isto é com o Sr. Aureliano Leite.

Em *A Voz da Terra*, romance de estrutura singular em nosso meio, a nostalgia se esbate num sentido acentuadamente poetico, poesia essa que movimenta figuras e paisagens numa sequencia sem fim...

O esboço do livro é este:

CRITICA — O homem faz parte da natureza. O homem pertence ao mundo animal, por conseguinte, tem de ser terreno. A terra atrái o homem, afastado dela pelo progresso das ciencias e pela civilização mecanica. A terra o chama e as suas vozes lhe falam da poesia, do amor, do filho, da subsistencia, da saúde, da paz.

Onde quer que se encontre colocado, no mundo social, o homem ouve sempre, proxima ou longinqua, a voz que o chama — a voz da sua origem...

Não temos homem agricola, consubstanciado com o chão, e provavelmente não o teremos. A politica da maquina, á medida que destrói o agricultor tradicional, cria o lavrador novo... Mas a terra chama o homem.

A Voz da Terra — um romance rapido. Um romance que mostra o homem agindo em função da terra, e cujos átos e sentimentos são determinados por uma causa. O determinismo é uma concepção justa... Um romance materialista.

A natureza é causa primaria e fundamental. O espirito é um produto da natureza. Ha materia sem espirito, mas não ha espirito sem materia. Nascem da materia as sensações, as imagens, os pensamentos — cria-se o mundo espiritual e a poesia...

O maximo de paisagem e de poesia bucolica; o minimo de pormenores, de considerações, de comentarios. Pequenos, rapidos e vários acontecimentos, apenas para incitar-se a imaginação do leitor. Nada de personagens acabados — todos delineados.

Muito sentimento e pouquissimo enredo — a vida é assim.

AMBIENTE — A pasmaceira urbana — uma coletoria, um armazem de secos e molhados, uma ou outra pessôa — a sociedade. Agua, terra, mato, pragas — uma fazenda. Amôr, confiança, adulterio, dissimulação, egoismo, crendice, indiferença — a familia.

PERSONAGENS — Pái, mãe, uma filha, dois filhos, o lavrador profissional, o amador agricola, o trabalhador da roça, a mulher para o lavrador, o homem nativo, a mulher nativa; comparsas: individuos e animais simbolicos.

ESPIRITO — Vida agricola mineira; costumes, sentimentos, a terra sem dono certo, o trabalhador sem recompensa, o lavrador sem orientação e sem vinculo, instavel, timido, indeciso, atrasado...

Por instinto, por sonho, por ambição, por habito, o homem escuta sempre a voz da terra que o chama.

M. F.

A CONQUISTA DO TRIUNFO — A. Porto da Silveira — *Rio de Janeiro — 1938.*

Neste livro, como nos outros anteriores, Porto da Silveira continua o cronista pastor, pregando o bem e incitando o otimismo. E incontestavelmente o Marden do Brasil. Escreve para sua classe, combatendo os sofrimentos que geralmente são o produto da condição social, como se a vida material dos homens estivesse resolvida e os males humanos tivessem apenas carater subjetivo. Para os doentes contemplativos, sim, a benemerencia do pregador atinge em parte seus fins. O ultimo livro de Porto da Silveira, "O triunfo da vida" é uma bela produção literária e evidencia uma generosa suscetilidade. Mencionamos especialmente "Na gloria da alegria e da bondade" inspirada no soneto de Bilac — *Dando sombra e consolo aos que padecem!* Infelizmente, neste seculo de amarguras e transições o homem só mesmo muito ingenuo acreditará que ha verdade nesse convite — *Sê bom, se queres ser feliz.*

S.

BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO (FILOSOFIA — CIÊNCIA — HISTORIA)

— A Companhia Editora Nacional acaba de inaugurar esta nova coleção com a reedição de dois grandes livros que já se haviam esgotado: "A HISTORIA DA FILOSOFIA" e "FILOSOFIA DA VIDA", de Will Durant. Dirigida pelo grande pedagogo Anizio Teixeira, esta coleção já traz em seu índice obras programadas que a cultura de seu Diretor selecionou. Assim, proximamente teremos livros de orientação e divulgação indispensaveis para o alicerce dos conhecimentos humanos. Entre outros,

citamos: "Historia da Civilisação" de Wells; "Madame Curie" de Eve Curie; "Historia sincera da França" de Charles Seignobos; "A Evolução da Física" de Einstein e Infeld"; etc.

A HISTORIA DA FILOSOFIA *"não é uma historia completa da Filosofia"*, diz ao leitor Will Durant, *é uma tentativa para "humanisar" conhecimentos concentrando a historia do pensamento " " em redor d'algumas personalidades dominantes"*. Assim, são tratados: Platão, Aristoteles, Bacon, Spinoza, Voltaire, Kant, Schopenhauer, Spencer, Nietzhe, Bergson, Benedetto Croce, Bertrand Russel, Santayana, William James e John Dewey. Para o conhecimento das figuras apontadas por Will Durant, "A Historia da Filosofia" é um documento que satisfaz perfeitamente. Para o estudo da Filosofia, a ausencia de Hegel, por exemplo, sem citar outros nomes, prejudica fundamentalmente uma obra de reconhecido valor.

Em FILOSOFIA DA VIDA, o autor realisa com mais facilidade o desejo de tornar bem acessivel a cultura filosofica. Recorre á literatura e se utilisa de modalidades bem diversas para divagações muitas vezes baseadas na observação ou em conclusões pessoais. A materia desta obra de Will Durant acha-se distribuida em partes com os titulos: MANSÕES DA FILOSOFIA; LOGICA E EPISTEMOLOGIA; METAFISICA; PROBLEMAS DA MORALIDADE; ESTETICA; FILOSOFIA DA HISTORIA; FILOSOFIA POLITICA; UM DIALOGO e CONCLUSÃO. — S.

"EÇA DE QUEIROZ E O SE'CULO XIX" - Viana Moog — Edição da Livraria do Globo — Uma esplêndida biografi,a essa que nos oferece Viana Moog, preenchendo uma séria lacuna em nossa literatura, onde a personalidade do grande mestre de "Os Maias" ainda não tinha sido satisfatóriamente estudada. Em "Eça de Queirós e o século XIX", ao lado de um magistral estudo crítico da obra e de uma bela e honesta documentação da vida do inconfundivel escritor, estão fixados fatos historicos que, direta ou indiretamente, tenham vindo a influir na essencia de sua obra. Pelos grandes e reais méritos que possue, "Eça de Queirós e o século XIX" ficará entre os maiores livros da literatura biográfica. - M.

"O JUDEU SUSS"—Lion Feuchtwenger — Tradução de Juvenal Jacinto — *Edição da Livraria do Globo*. Em uma edição feliz, magnificamente apresentada sob qualquer aspecto, a Livraria do Globo publica a obra que Lion Feuchtwenger escreveu sôbre a vida movimentada de José Suss Openheimer — o judeu Suss. E' um livro que apresenta as côrtes do Santo Império Germanico, de onde se projeta a figura do ministro particular do soberano de Wuttenberg — a par de uma valiosa documentação de costumes, de intrigas, de intolerancias e perseguições, que formavam o ambiente do Império. — M.

9 HISTORIAS TRANQUILAS — Telmo Vergara — *Edição da Livraria do Globo*.

O novo livro do autor de "Cadeiras na calçada" vem confirmar os méritos do contista que levantou o prêmio Humberto de Campos em 1936. São contos escritos com uma singeleza que coisa alguma tem de descuidada, povoados de gente que vive e marcados de um traço de poesia que os emoldura muito bem.

Desde o seu primeiro conto, Telmo Vergara predispõe o leitor favoravelmente ao livro. E em todos os outros não desfaz a impressão inicial. — M.

SEM OLHOS EM GAZA — Audous Huxley — Tradução de V. Miranda Reis — *Edição da Livraria do Globo* Em prosseguimento a seu programa de divulgação da literatura européia no Brasil, a livraria do Globo editou, em tradução elegante e fiel, "Sem olhos em gaza", de Aldous Huxley. O nome do autor dispensa qualquer comentário sôbre o livro, que está, de antemão, destinado a um grande sucesso entre nós. — M.

POÊMAS DA VIDA E DA MORTE — Paulo Corrêa Lopes — *Livraria do Globo* — Um pequeno volume reunindo poêmas que revelam uma sutil sensibilidade de poeta, a serviço de uma religiosidade envolvente e dominante. "Poêmas da Vida e da Morte" póde ser incluido entre as bôas edições da Livraria do Globo. — M.

OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO — ERICO VERISSIMO — *Livraria Globo — Porto Alegre*, 2.ª — edição. Este livro, esgotado em menos de um mês, afirma o prestigio de Erico Verissimo como romancista brasileiro e o coloca na vanguarda dos escritores do Brasil.

E' um romance verdadeiro, hunano e belo. — S.

O REI FILOSÓFO — *Pedro Calmon — Cia. Editora Nacional.*

Biografando Pedro II, Pedro Calmon escreveu "O Rei Filosófo" completando assim o tríptico historico iniciado com "O Rei do Brasil" e continuado com "O Rei Cavaleiro". Livro que se apresenta baseado em boa documentação", "O Rei Filosófo" mostra-nos, ao lado da vida politica do imperador, a sua inclinação pelas coisas do espirito, o seu grande apego ao Brasil, o sincero desejo que o dominava de bem governar o país. O autor o escreveu, comtudo, sem a ductilidade de estilo que empregara na feitura de "O Rei Cavaleiro", talvês porque a figura orgulhosa e a existencia movimentada de Pedro I contribuissem para tal.

Como quer que seja trata-se de um trabalho que interessará aos estudiosos do segundo imperio, sem dúvida o periodo mais delicado da nossa formação politica e economica e dos mais ricos em fátos e figuras importantes. — F.

O PRECURSOR DO ABOLICIONISMO NO BRASIL — *(Luiz Gama) — Sud Mennuci — Cia. Editora Nacional.*

O estudo de Sud Mennuci sobre Luiz Gonzaga Pinto da Gama, o pequeno escravo que se fez a custa propria e foi o verdadeiro pioneiro da campanha abolicionista, interessa a todos os que lutam pela obtenção de um lugar na vida, e tambem aos que se colocando acima das convenções sociais e dos preconceitos de raça, preocupam-se com o labor do negro reconhecendo-lhe o logar que, a custa de um esforço de tres seculos, êle realmente conquistou na historia do Brasil.

Devemos além disso acentuar o carinhoso interesse do autor pelo biografado, típo completo do batalhador, do construtor, qualidades essas que desmentem a apregoada deficiencia mental do homem negro. Livro para todos, o estudo de Mennuci merece ser seguido por outros do mesmo genero, isto é, outros que exponham á nossa curiosidade e á nossa admiração, a inteligência, o caráter, as qualidades e os defeitos dos que pelo esforço pessoal surgiram do nada. — F.

FORMAÇÃO HISTORIA DO BRASIL — *J. Pandá Calógeras — Cia. Editora Nacional.*

Obra de fôlego, "Formação Historica do Brasil" estuda, e com

grande penetração, os primeiros dias do Brasil-Colonia, desde a descoberta até a instituição das capitanias hereditarias, e partindo daí, o Brasil dos governadores e vice-reis e o Brasil independente, até a eleição do Washington Luiz para presidente da Republica. E' um forte volume escrito com a precisão e a simplicidade necessarias a um livro de caráter puramente historico. Trata-se de um trabalho incomum, fartamente documentado e digno de acurada leitura. — F.

O DOMINIO COLONIAL HOLLANDEZ NO BRASIL — Hermann Watjen — Brasiliana. Companhia Editora Nacional — 1938. A coleção Brasiliana (5.ª série) dirigida por Fernando de Azevedo é uma obra de grande valor para a divulgação de nossa historia. O trabalho de Hermann Watjen, tão dificultado pela guerra europea, assinala uma parte da Historia Colonial do Brasil no seculo XVII.

VIAGEM PELAS PROVINCIAS DE RIO DE JANEIRO E MINAS GERAES — Augusto de Saint Hilaire — Brasiliana — Companhia Editora Nacional — 1.º e 2.º volumes — 1938. — Como nos livros de viagem anteriormente publicados na Brasiliana, este trabalho de Saint-Hilaire proporciona o conhecimento do Brasil aos que não o conhecem fóra do seu sector de vida.

CLIMA E SAÚDE — Afranio Peixoto — Brasiliana — Companhia Editora Nacional — 1938. Nesta "introdução bio-geografica á civilização brasileira" Afranio Peixoto apresenta um trabalho interessante e util.

NOVOS RUMOS DA MEDICINA LEGAL — Afranio Peixoto — Companhia Editora Nacional — 1938. Este livro agora aparecido em 3.ª edição é um trabalho que se caracterisa pelo processo agradavel de exposição e portanto interessante como elemento de divulgação.

VIAGEM AO BRASIL (1865—1866) — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz — Brasiliana — Companhia Editora Nacional — 1938. Excelente livro de viagem contendo minuciosas descrições e estudos realisados pelo naturalista em terras e aguas do Brasil. Merece menção especial a tradução cuidadosa e técnica de Edgard Sussekind de Mendonça.

O PADROADO E A IGREJA BRASILEIRA — João Dornas Filho — Brasiliana — Companhia Editora Nacional — 1938 — Trabalho detalhado sobre o histórico da Igreja em relação ao Estado Braslieiro. O autor conclui de maneira serena e razoavel: *Tudo nos indica a prudencia de viverem inteiramente apartados os negocios do Estado e da Igreja. Os interesses, a indole das instituições, os fins a que ambos se destinam na sociedade e os meios de acção que a natureza de ambos reclama para a sua affirmação social e politica, são perfeitamente antagonicos e irreconciliaveis na ordem temporal. E qualquer approximação será a vespera de novas lutas e novos choques de interesse, dos quais só a Igreja sairá mal, ferida em virtude da sua indole meramente espiritual, sem força material para se oppôr aos excessos do outro poder.* — S.

A CÔRTE DE PORTUGAL NO BRASIL — Luiz Norton — Brasiliana — Cia. Editora Nacional — 1938 — Interessante documentário de um periodo histórico que se estende da vinda de D. João VI transferindo a corte para o Brasil á abdicação de D. Pedro. Além de fartamente ilustrado, contem o livro de Luiz Norton um "apenso documental" onde figuram cartas da Imperatriz Leopoldina e Documentos diplomaticos da Missão Marquês de Marialva. — S.

HISTORIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS — Monteiro Lobato — *Literatura Infantil* — *Companhia Editora Nacional* — 1938 — 6.ª edição. Monteiro Lobato tem contribuido de maneira notavel na solução do problema de condicionamento humano do Brasil de amanhã. Suas obras infantis, que a Editora Nacional tem apresentado, são dignas dos mais francos elogios e merecem ser utilisadas em todos os circulos de ensino publico e particular — S.

SEGREDOS DE ZÉ-TOQUINHO — Odila Barros Xavier — *Edição da Livraria Globo* — *Porto Alegre*. Mais um livro infantil com bôas ilustrações e enredo curioso.

SALAZAR — D'Almeida Vitor — Figuras Contemporaneas — Norte — Editora.
Na coleção de Figuras Contemporanea, este livro de D'Almeida Vitor, como acontece nas outras produções apresenta um trabalho rápido sobre o Ditador Portugues.

MUSSOLINE — Bulcão Junior Norte editora (Coleção de Figuras Contemporaneas).

EM LOUVOR DA PATRIA — Bulcão Junior — Norte editora — Coletanea de palestras pelo rádio.

ESCADA DA VIDA — Benjamin Silva — Poesia. Coleção de poesias publicada por um grupo de amigos do autor e fartamente ilustrada por Santa Rosa.

Jornais e Revistas

CANJE — PERMUTA — ECHANGE

MAR — Numero 1 (Julho) — — Santos — Estado de S. Paulo. — E' mais uma publicação que se inicia com o concurso de gente nova. Bem impressa e excelentemente ilustrada, o primeiro número de "MAR" apresenta trabalhos de Rubem Braga, Marques Rebelo, Rossine Camargo Guarnieri, Geraldo Ferraz, Guilherme de Almeida e outros. Merece menção especial a bela página dedicada a Garcia Lorca. E' um aparecimento digno de aplausos.

BOLETIM DA C. E. B. (Orgão Oficial da Casa do Estudante do Brasil) — Junho-Julho (numeros 16 e 17) — Mais um número do jornal educativo que a Casa do Estudante imprime e distribui gratuitamente. Salientam-se entre os artigos que constituem êste número: "União dos Estudantes" de Medeiros Lima; "Personagem", Dias da Costa; "Temperamento da arte de Augusto Rodrigues", de Joel Silveira; "Origem do Espirito Humano", Abelardo Romero; "Teatro na Inglaterra", de Paschoal Carlos Magno; etc.

UNIVERSIDADE — Numero 2 — Ano 4 — Agosto — Recife — Dirigida por Rodriguez de Miranda e Alfio Ponzi êste número de Universidade é mais uma afirmação da tradicional revista. Magnifica colaboração firmada por Erico Verissimo, Dias da Costa, Marques Rebelo, Joel Silveira, Manuel Bandeira, Arthur Ramos, Alfio Ponzi, Almir de Andrade, Jorge de Lima, Medeiros Lima, Rodriguez Miranda, Danilo Bastos, Oliveira Franklin, Paul Laberenne, Octavio de Freitas Junior, etc.

MEDICINA UNIVERSITARIA — (Orgão Oficial do Diretório Academico da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil) — Numero 2 — Julho — Rio de Janeiro — Esta revista dos estudantes brasileiros de medicina representa um louvavel esfôrço e atinge a seus fins pela capacidade de dirigentes e colaboradores.

GACETA HISPANA — Numero 111 — 20 de Agosto — S. Paulo — Estado de S. Paulo. — Magnifico número extraordinário sôbre a guerra que ensanguenta a Espanha. Insere artigos de Julio Alvarez del Vayo, Manuel Garcia Miranda, Afonso Reyes, Pablo Minelli, Guglielmo Ferrero, Cassiano Ricardo, Azevedo do Amaral, Ozorio Borba, Emil Farhat, Brasil Gersom e muitos outros. As ilustrações dêste número (suplemento grafico) revelam cenas dolorosas e infundem verdadeiramente terror pela guerra. Assinalamos a transcrição de "O poema da hora que passa" de Nilo da Silveira Werneck e ilustrado por Paulo Werneck, página do numero 2 de "Esfera".

VERTICE — Numero 8 — Ano I — Julho — Buenos Aires — Argentina. — O número 8 de VERTICE mantém o mesmo nivel dos anteriores. Consta de seu sumário: "Páginas de Diario" de Mariscal Chiang Kai Shek; "El" de Miguel A. Camino; "Vida aventurosa de Alonso Cabrera, destrutor de Buenos Aires" de Enrique de Gandia; "La mujer en la literatura" de Augusto Gonçalez Castro; "Frenesi", magistral comedia dramática muy antigua y muy moderna", de Amado Villar; etc.

COLUNA — Numero 15 — Julho — Buenos Aires — Argentina. — Esta "revista de las grandes firmas" que o poeta Cesar Tiempo dirige, continua com aspecto gráfico impecavel a par de colaboração selecionada. "La situación del escritor"–Enrique Banchs; "Espana", de Francisco Dibella; "Pesadilla Lirica en Rio de Janeiro", de A. Hernandez Catá; "Dos Mujeres", de Sara Poggi, sobresaem nêste número.

MUNDO URUGUAYO — Ano XX — Numero 1007 e 1008 — 11 e 18 de Agosto — Montevidéo — Uruguay. — Esta bela revista que Orestes Baroffio dirige e Capurro & Cia. editam, é uma publicação

semanal utilmente noticiosa e fartamente ilustrada. Foca acontecimentos sociais, insere páginas de literatura instrutiva ou recreativa, desenvolve assuntos cinematograficos, apresenta figurinos de modas, anota o movimento radiofonico e mantem curiosa seção infantil. Apontamos no numero 1008 *"Esclavos del Amor"* de Knut — Hamsun e *"Ariel y La Rebelion de las Masas"* de Aldo L. Ciasullo.

AURORA DE CHILE — Numero 1 — Tomo 3 — Agosto, 1938 — Santiago de Chile — Revista que resurge dirigida por Pablo Nerura, o grande nome das letras chilenas, e sob a orientação da "Alianza de Intelectuales para la Defensa de La Cultura". E' uma publicação de idealismo patriotico e renovador. Escrevem: José Bergamin, Roberto Aldunate, Luis Alberto Sanches, H. Diaz Casanueva Pablo Neruda, Diego Munoz, etc.

Palavras de Gabriela Mistral: *"Creo profundamente en lo que un artista puede hacer por una masa desesperanzada y abatida: lo que el alma puede hacer por el cuerpo".*

REVISTA DE PORTUGAL — Numero 4 — Julho — Coimbra — Portugal. — Mais um numero como os anteriores. A revista que Vitorino Nemésio dirige, além de otimamente impressa tem um numero selecionado de colaboradores.

PENSAMENTO—Numeros 99, 100 e 101—Porto—Portugal —Numeros de Junho, Julho e Agosto em homenagem a Camilo Castelo Branco, Rodrigues de Freitas e Eça de Queiroz respectivamente. Neste último destacam-se os trabalhos de Vitor Santos, Severo Portela, Jaime Cirne e F. dos Santos Serra Frazão sobre o autor da "Correspondência de Fradique Mendes".

SEA'RA NOVA — Numero 569 — Lisboa — Portugal — Neste número: "Todos os dias são iguais", de João Falco; "O desenho infantil", de Maria Pacheco de Castro; "O Cosmopolitismo de Damião Gois", de Marcel Bataillon; "Uma idéia em marcha", de Raul Tamagnini; etc.

SOL NASCENTE — Numero vinte e nove — Porto — Portugal — 15 de Maio de 1938 — Este "quinzenário cultural de literatura e critica" que os novos de Portugal publicam no Porto é uma interessante cooperação no ambiente intelectual português. Do sumário sobresai a reprodução do maravilhoso carvão de Abel Salazar — "cena na doca". Ainda insere do sábio português mais uma contribuição para o estudo da crise europeia — o capitulo: "o papel das superestruturas mentais".

TEATRO

TEATRO GLORIA

-- *Fora da Vida*

O maior acontecimento do ano, na literatura teatral foi a apresentação de "Fóra da Vida" — a nova comédia de Jorací Camargo.

Em tôrno dessa estréia os comentários se acenderam: elogios restrições, lendas, etc. Houve os admiradores incondicionais: — "Magnífica!" Houve os derrotistas de profissão: — "Medíocre"... E houve, principalmente, os fantasistas, os fabuladores, os "boateiros" da literatura brasileira: a peça teria sido encomendada, para determinadas propagandas, a peça só tivera licença de ser mostrada, quando adaptado o quadro final, "como passaporte"; a peça sofrera cortes do próprio autor, premido êste por uma atitude inédita de platéia (quando teremos isso aquí?), que, depois de aplaudir, freneticamente, os primeiros atos, silenciara, austera e reprovadora à apresentação do quadro final. Nada disso, porém: nem é magnífica, porque perde, em confronto, com outras do mesmo autor ("Deus lhe pague", "O Bobo do Rei", "Anastácio", são infinitamente mais bem realizadas, como literatura e como teatro); não é medíocre, porque um escritor como Jorací Camargo já está colocado em um plano que não permite quedas para a mediocridade absoluta; não me parece que o quadro final — sem expressão e sem teatralidade — bastasse para desfazer a impressão de críticas ou de rebeldias que porventura existam, em "Fóra da Vida"; não houve frenesi de aplausos, saudando os atos iniciais, nem silencio agressivo, total, ao cerrar-se o velário sôbre o último quadro. Pelo menos em uma sessão isso se não passou... Admitamos a lenda. Mas admitâmo-la em termos.

Do ponto de vista *teatro* (analisando-se a comédia, note-se, como uma produção Jorací Camargo), "Fóra da Vida" falha bastante. Não que eu pretenda recorrer ao lugar comum da "falta de movimento", da "falta de ação e de acontecimentos", tão de gôsto dos defensores do teatro de situações: o gênero a que pertence "Fóra da Vida" — gênero que tem sido esplêndidamente explorado pelo talento de Jorací Camargo — dispensa, perfeitamente, acontecimentos concretos e empolgantes. O que se quer é a emoção, a vida interior dos personagens, a realidade das idéias, a verdade incisiva das palavras, a fluência envolvente dos diálogos. "Deus lhe pague" é uma peça *conversada* apenas. No entanto, não deixou, por um segundo, de prender o espectador. A não ser, talvez, exatamente quando começa a acontecer alguma coisa: no quadro em que o operário é roubado pelo patrão, onde a conversas deste com a esposa do empregado e a cena de loucura desta bem podiam deixar de acontecer...

"Fóra da Vida" expõe, naturalmente, conceitos interessantes. Sem vigor, porém: há uma atmosfera morna, uma atmosfera de tepidez que amolece, que neutraliza a vibração dos espectadores, que não solicita o calor dos interpretes, que não estabelece corrente entre esses, a peça, as idéias e a platéia. Tudo alí está separado: a idéia existe, mas não está ligada à peça, em seu desenvolvimento; há gente viva — mas indepedendente da sensibilidade dos artistas; a platéia recebe as falas, aceita-as, mas como coisas esparsas, inteiramente afastadas do que se está passando no palco. E' como se fôsse um grande filme, com a sincronização desorganizada: fechando-se os olhos, gosta-se do som; tapando-se os ouvidos, as imagens agradam. Mas olhando-se e ouvindo-se ao mesmo tempo, o desencontro de imagens e som é chocante, a impressão de realidade não se processa.

Sendo, portanto, uma peça repleta de idéias e de conceitos humanos, escrita com a elegancia característica de seu autor, não atinge à sua finalidade, como teatro. Porque faltou-lhe o essencial: o ambiente, que não foi criado.

Está claro que essas restrições nos ocorrem exatamente porque se trata de uma comédia de Jorací Camargo. A um autor de menos responsabilidade, dir-se-ia:

— "Muito boa, sua peça". E não se estaria mentindo. A Jorací Camargo tem-se que dizer, honestamente: — "Menos bôa do que as outras". E' mesmo uma atitude que se impõe, diante do que êle significa dentro do teatro brasileiro — uma franqueza a que tem direito.

Como interpretação a Companhia não se esmerou. Desde o próprio Jaime Costa, no Dr. Luciano, inteiramente desinteressado pelo papel... A não serem Ferreira Maya (com uma grande oportunidade magnificamente aproveitada em todos os sentidos) e Nelma Costa, que sentiu, em profundeza, seu pequeno papel, e a não ser, talvez, a atuação de Custódio de Mesquita, que emprestou ao desempenho sobriedade e à peça o complemento de sua figura elegante, os outros intérpretes, isto é, Jaime Costa e Córa Costa, não estiveram nos papeis que interpretaram. Pareceram-me desintegrados das criaturas que viviam — Jaime inteiramente desencarnado do Dr. Luciano, Córa Costa longe, inteiramente longe de tudo. Nem por um minuto convencemo-nos de que ela era a "mãe extremosa" de um filho ameaçado de cadeia, nem a "espôsa amantíssima" de um marido à beira da loucura. A impressão é de que não estava ligando nem a marido nem a filho. Isso é surpreendente, é inadmissivel mesmo, vindo de uma atriz de tradições como o é Córa Costa — inteligente e concienciosa — cujos desempenhos são sempre realizados dentro dos mais absolutos escrúpulos de honestidade interpretativa.

E' bem possivel que essa falha tenha apenas existido em uma das represenatções de "Fóra da

CINEMA

Que o cinema é, como todas as artes, uma arma de propaganda e difusão, não mais se contesta. Que êle tenha papel importante na apuração e formação cultural dos povos, é tambem tese demasiado sentida. E isto tudo se confirma deante da obra que o cinema vem realizando ultimamente dentro da politica rooseveltiana da democracia.

Inicialmente, o cinema fugia deliberadamente ao conteudo social e se apresentava como uma distração sem consequencias. Logo depois êle serviu para o incremento das campanhas chauvinistas (guerra 1914-18) e tambem para o fortalecimento do espirito militarista, apresentando dentro de um enorme bem-estar e grande alegria, a vida de soldados, marinheiros, cadetes, escolas de guerra, etc.

A arregimentação de soldados era feita atravez da propaganda cinematografica. O cinema americano, melhor que todos os outros, reflete claramente a estrutura norte-americana. Hoje, no entretanto, em que êsse país se mantém alerta contra o avanço e a penetração fascista, o cinema americano vem fornecendo ao mundo filmes de verdadeira educação, com finalidades bem fixadas. Foi assim "Zola", "Terra dos Deuses" e agora êsse notabilissimo trabalho que se chama "Bloqueio" e que póde ser incorporado aos maiores filmes já produzidos.

A figura de Luiz, que Henry Fonda interpreta magnificamente, é grandiosa. Nenhum minuto de vacilação, nenhuma quebra da dignidade humana. E' o homem-carater lutando pelo que é seu, pela sua terra, pela sua pátria. O amor sentimentalismo não o modifica. Nada o abala. Sabe o que quer.

O filme como interpretação é ótimo, não havendo exagêros nem deficiencias. Madeleine Caroll (que, pela sua interpretação mereceu uma homenagem dos estudantes americanos anti-fascistas) principalmente na parte em que vai, aos poucos, tomando conhecimento com o sofrimento do povo, das massas humanas, é ótima. Ela consegue interpretar o processo lento da passagem da irresponsabilidade á aquisição da responsabilidade. Os outros, muito bons tambem.

O cenario, apesar de dois ou tres gritantes panos de fundo cenarios-teatro, é notavel. A apresentação da calma pacifica que precede ao tumulto, ao desassocego e á luta, é muito boa. Ações e reações bem acentuadas. A interpretação de sentimentos de massa, é notavel. Aquela espera do navio que traz viveres apresenta mascaras impressionantes. O enredo é manejado com rara habilidade.

E' o primeiro filme que mereceu palmas da assistencia do "Palacio".

"Bloqueio" é filme para multidões.

●

Uma boa noticia: "Os Miseraveis" com Frederich March.

●

JEZEBEL — Betty Davies. Enorme interpretação dessa artista que já realizou uma série de bons trabalhos. Betty Davies é realmente uma das maiores artistas do mundo. Seus trabalhos são sentidamente estudados e realizados cento por cento. Mas o filme como enredo, tecnica, etc., não vale grande coisa. As próprias cenas de multidões (que o americano geralmente aproveita inteiramente) como a da fuga da peste, das carroças transportando doentes, além de chapas batidas nada possuem de expressivo. "Jezebel" é exclusivamente Betty Davies e vale muito por isso só. Betty Davies merece grandes papeis e bons filmes.

●

LOUCA POR MUSICA — Deanna Durbin — Meninazinha bonita, com uma voz agradabilissima mas infelizmente criança prodigio. Então faz-se um filmezinho ruim, uma comediazinha com gracinhas paus, só para Deanna cantar e mostrar que é menina prodigio. Os conjunto s — as meninas do colegio, o grupo de rapazes do internato — são bons, muito bem fotografados, bem realçados. Herbert Marshall deslocado, êle que sempre realiza bem o papel de galã elegante. E' sóbrio. Mas está infeliz, sente-se isso.

Deanna é aquillo que se chama "uma gracinha". O filme mediocrissimo.

●

Morreram Pearl White e Charlie Chan. Ambos fazem parte da infancia de todos nós. Vibramos muito — naquele tempo — com Pearl fazendo a mocinha, e com Charlie Chan descobrindo encrencadissimos crimes, que a gente descobria antes dele. Nunca trabalharam juntos mas nós os juntamos muito em nossa lembrança. Passaram. Não evoluiram. Pearl White morreu cansada. Charlie Chan continuou descobrindo crimes. Morreram. Não fazem falta não. — E.

Vida" (talvez seja máu golpe ver uma peça em sua despedida do cartaz) e que, nas outras, Córa Costa tenha estado à altura de seu passado. De qualquer maneira cabe a observação: cada dia para o ator deve significar uma estréia — porque êle estréia, na realidade, para a apreciação de uma platéia que se renovou.

E' um prazer assinalar-se a evolução de um artista. Por isso devem-se algumas linhas especiais a Nelma Costa. E' surpreendente o aperfeiçoamento a que se vem submetendo, desde que deixou o Rio em 1937. Já em "O homem que nasceu duas vezes", no pouco que teve a fazer, começou a anunciar seu progresso. Em "Fóra da Vida" há constatação definitiva desse progresso. Suas atitudes em cena estiveram muito discretas, muito bôas, muito bem desenhadas e projetadas; suas expressões fisionômicas muito coerentes com as emoções que devia viver; gestos harmoniosos de gente que começa a saber o que está fazendo. Apenas suas inflexões estão ainda passiveis de reparos grandes. Diz melhor do que dizia, naturalmente. Mas não gradua suficientemente a voz, ainda a não acerta pelas suas expressões e pelos seus gestos. Com êsse salto, porém, dado em menos de um ano, muito podemos esperar de seus esforços. Creio mesmo que devemos confiar nela: quem, em tão pouco tempo progrediu tanto, tem o direito a isso.

Mas tem tambem o dever de corresponder a essa confiança. — M.

R A D I O

O policiamento dos programas é um dever que nem sempre o cronista de rádio desempenha. A Mairink Veiga é sem dúvida a estação mais ouvida em todo Brasil. Não sei porque existe um dia na semana infeliz para essa estação. O sábado. Está em cartaz "a semana em revista" apresentando números de máo gosto. Os seus efeitos já se fizeram sentir e parece mesmo que o programa formará escola. Inicialmente, a escolha dos acontecimentos é abusiva e irreverente. Os shorts não tomam aspecto de revista, parecem mais, números de circo. Não concordamos que os assuntos sejam enquadrados nessa especie de diversão. Um exemplo frisante foi a dramatisação do nosso episodio ainda vivo — "OS DEZOITO DO FORTE. Nesse sábado já longinquo tive verdadeira sensação de esmagamento. Pelo meu sofrimento imagino o que sentiu o heroi vivo do episodio famoso. Outros acontecimentos, repletos de ridiculo enchem o tal programa. Ultimamente a vingança de Courisco na familia do Coronel Bizerra, tambem foi incluido. Lampeão e Courisco serão por força motivos populares e atravessarão o tempo levados pela lenda. Serão interpretados e povoarão o mundo da fantazia. Serão tambem motivo de estudo para os que analisam o homem e se interessam pelo sofrimento humano. Personagens de romance, material de relevo no estudo da historia social brasileira. Analisados e compreendidos contribuirão para o fim do gangaço. Concorrerão para o exterminio desse mal. A PRA9 foi impiedosa.

—|||—

Noel Rosa tem uma estátua. Justiça e Saudade — o motivo dessa comemoração. A cidade verá sempre esse seu cantor raciocinante no bairro que o abrigava. Foi comovente a inauguração. Os amigos de Noel lá estavam—os individuais. Os outros leram os jornais — o grande publico — e sentiram um conforto intimo.

—|||—

Pedro Vargas, o mexicano que o Brasil ouve encantado, está na Tupi. Sempre com a sua voz sonora emocionando. O repertório merece nóta. Não fosse ele um autentico mexicano e não penetrasse no motivo popular de sua terra...

—|||—

A Mairink representou pela segunda vez a encantadora comedia portuguesa — OS VELHOS. O espetáculo para os velhos do Asilo de S. Luis teve aplauso unânime. Cordelia sempre bem quando incarna a ingenua e chora pouco. Cesar Ladeira, em bôa forma. Os outros tambem bons. O bis foi bem recebido.

—|||—

Faltam noticias de Luis Barbosa o interprete do samba que compreende o samba.

—|||—

Lucienne Boyer cantou ao microfone da PRG3. Os seus fans ficaram satisfeitos. Alguns, preferem os discos. Discordamos. Não resta a menor dúvida que a canção francesa e sua interprete culminaram no programa do mês.

—|||—

Lamartine Babo, Barboza Junior e Almirante ainda fazem rir.

—|||—

O Domingo é um dia monótono. Salvam-se poucos programas. O programa Grajahú da Transmissora faz selecção em seus discos. O Jornal do Brasil sempre na mesma linha.

—|||—

O teatro tupi se inspirou no cinema: tem *trailler*.
A Mairink anuncia em PRANOVE peças inéditas. Felizmente.

S.

Ouçam todos os Domingos por intermedio da

PRE 3

Radio Transmissora Brasileira

Das 18 ás 19 e meia

O NOTAVEL

Programa Grajahú

COM

PAULO NETO

AO MICROFONE